

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

WALLACE ROCHA ASSUNÇÃO

**PRESENÇA AMERICANA NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: PADRÕES
CULTURAIS NA IMPRENSA PERIÓDICA (1932-1950)**

**VITÓRIA
2012**

WALLACE ROCHA ASSUNÇÃO

**PRESENÇA AMERICANA NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: PADRÕES
CULTURAIS NA IMPRENSA PERIÓDICA (1932-1950)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Omar Schneider

**VITÓRIA
2012**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Assunção, Wallace Rocha, 1978-

A851p Presença americana na educação física brasileira : padrões culturais na imprensa periódica (1932-1950) / Wallace Rocha Assunção. – 2012.

137 f. : il.

Orientador: Omar Schneider.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Educação física. 2. Americanismos. 3. Imprensa. 4. Periódicos. 5. Cultura – Aspectos sociais. 6. Esporte. 7. Ginástica. I. Schneider, Omar. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

WALLACE ROCHA ASSUNÇÃO

PRESENÇA AMERICANA NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: PADRÕES CULTURAIS NA IMPRENSA PERIÓDICA (1932-1950)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovado em 26 de março de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Omar Schneider
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Meily Assbú Linhales
Universidade Federal de Minas Gerais

*A Olival e Vera Lúcia, meus pais.
Aos membros do PROTEORIA, de ontem, de hoje e do amanhã.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram com este trabalho.

A Deus, o Grande Arquiteto do Universo, pelas muitas experiências de vida que me permitem evoluir como ser.

Ao meu pai, Olival, e à minha mãe, Vera Lúcia, por terem criado condições para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço também aos familiares que de alguma forma contribuíram com este trabalho.

Ao Prof. Dr. Omar Schneider por sua dedicação como orientador.

Aos membros da *família* PROTEORIA: Aline, Amarílio, Ana Cláudia, Anderson, André, Andréa Gomes, Andrea Locatelli, Bethânia, Daniel, Dayane, Érica, Felipe Carneiro, Felipe da Costa, Francine, Graziela, Jeizibel, Juliana, Kezia, Lidiane, Marcela, Mariana, Omar, Serginho, Silvana, Thiago e Wagner, pessoas com quem compartilhei muitos momentos e que colaboraram para a minha formação.

Entre muitos amigos, meu agradecimento especial a Felipe Ferreira Barros Carneiro, pelo incentivo. A Allan Bodart Machado, Angelo Ton, Beatriz Magoga, Breno Almeida Castro, Daniel Santana de Carvalho Gaigher, Danilo Pereira Leles, Deyse Salatiel de Moura, Eleonora Beltrame Comucci, Harnaldo Manfrin, Leonardo Estevan Mocelin, Lucas Freitas da Rosa, Luís Fernando Biscardi, Marquezi Medeiros de Oliveira, Rafael Augusto Domingues, Rodolpho Miliorini, pelas presenças, mesmo quando ausentes, sempre me apoiando e encorajando.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) pela concessão da bolsa de estudos.

Parece-me que o estranhamento é um antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade (inclusive nós mesmos).

(Carlo Ginzburg)

RESUMO

Esta pesquisa procura compreender a circulação e as apropriações do americanismo, movimento político-cultural que nasce a partir da hegemonia interna desenvolvida pelos Estados Unidos da América e que se torna modelo de modernidade para outros países. Utiliza, como referencial teórico-metodológico, o repertório da Nova História Cultural, bem como o modelo indiciário fundamentado na *microhistória* italiana. Como fonte documental, faz uso das publicações periódicas da Educação Física que circularam no Brasil na primeira metade do século XX. A análise do *corpus* documental indica que, a partir de 1932, com a publicação dos primeiros periódicos da Educação Física, é observável a circulação e a apropriação das representações sobre o americanismo, cujos traços culturais permeiam as práticas esportivas e a forma escolar da Educação Física. Mais que isso, os indícios apontam para uma estratégia de divulgação do modo de vida americano, síntese de eficácia e modernidade, especialmente nas revistas publicadas por editoras comerciais que fazem mais referências aos Estados Unidos que as publicações de editoras autárquicas, utilizando para isso, algumas vezes, o movimento pan-americanista, havendo ainda a circulação de publicidade de produtos e bens de consumo produzidos por indústrias americanas. Podemos constatar ainda que, embora não possa ser caracterizada como um *locus* de difusão do americanismo, a Associação Cristã de Moços contribuiu com essa circulação e conseqüente apropriação do americanismo pelo fato de ter sido trazida para a América do Sul por americanos que, em suas atividades, trouxeram imagens da cultura americana como o ápice da modernidade.

Palavras-chave: Educação Física. Americanismo. Imprensa periódica.

ABSTRACT

This research seeks to understand the circulation and appropriations of Americanism, a political and cultural movement that was born out of internal hegemony developed by the United States of America and becomes a model of modernity for other countries. Uses the repertoire of the New Cultural History and the evidentiary model based on Italian *microhistoria* as theoretical and methodological reference. As historic source, makes use of physical education periodicals that circulated in Brazil in the first half of the twentieth century. The analysis of the chosen documents indicates to us that from 1932, with the publication of the first periodicals on physical education, it is observable the circulation and appropriation of representations of Americanism, whose cultural traits permeates sports and school form of physical education. Moreover, the evidences points to a strategy for publicizing the American way of life, a synthesis of modernity and efficiency, especially in magazines issued by commercial publishers that make more references to the United States than those edited by autarchic publishers, using the Pan-American movement to this sometimes and there is still the circulation of products and goods advertising, produced by American industries. Furthermore we can see that even though it cannot be characterized as a locus for the dissemination of Americanism, the Young Men's Christian Association has contributed to the subsequent appropriation of this cultural movement, because it has been brought to South America by Americans who brought in their activities the images of American culture as the apex of modernity.

Keywords: Physical Education. Americanism. Periodical press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	– Juventude hitlerista.....	62
Figura 02	– <i>Playground</i>	62
Figura 03	– Capa n.11 <i>Revista de Educação Física</i>	64
Figura 04	– Capa n. 23 <i>Revista de Educação Física</i>	64
Figura 05	– Capa n. 26 <i>Revista de Educação Física</i>	64
Figura 06	– Capa n. 28 <i>Revista de Educação Física</i>	64
Figura 07	– Capa n. 30 <i>Revista de Educação Física</i>	64
Figura 08	– Capa n. 10 <i>Educação Physica</i>	64
Figura 09	– Registro fotográfico da ACM.....	84
Figura 10	– Anúncio de duas páginas da ACM.....	87
Figura 11	– Detalhe do anúncio mostrado na Figura 10.....	88
Figura 12	– “Estátuas vivas” no Dia da Camaradagem.....	92
Figura 13	– Notícia da ACM maio/jun.1945.....	93
Figura 14	– Notícia da ACM jul. 1945.....	93
Figura 15	– Ilustração do texto de Ellery.....	97
Figura 16	– Capa n. 38 <i>Revista de Educação Física</i>	100
Figura 17	– Anúncio da alfaiataria <i>A Nova York</i>	103
Figura 18	– Anúncio dos cigarros <i>Lincoln</i>	104
Figura 19	– Anúncio dos cigarros <i>Hollywood</i>	105
Figura 20	– Anúncio do filme <i>Voando para o Rio</i> , de 1933.....	105
Figura 21	– Anúncio do <i>Ford V8</i>	107
Figura 22	– Programa dos jogos esportivos pan-americanos.....	114
Figura 23	– Capa n. 48 <i>Revista de Educação Física</i>	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Origem dos autores nas revistas <i>Educação Physica</i> e <i>Revista de Educação Física</i>	48
Quadro 2 – Artigos sobre métodos ginásticos.....	58
Quadro 3 – Artigos sobre esportes.....	66
Quadro 4 – Padrões culturais presentes nas revistas.....	72
Quadro 5 – Prescrições eugenistas, sanitaristas, higienistas e moralizantes.....	78
Quadro 6 – Presença da ACM nos periódicos.....	83
Quadro 7 – Colaboradores da revista <i>Educação Physica</i>	85
Quadro 8 – Circulação de termos referentes aos EUA nas revistas de <i>Educação Física</i>	99
Quadro 9 – Circulação do Pan-Americanismo nos periódicos de <i>Educação Física</i>	108

LISTA DE SIGLAS

- ABE** – Associação Brasileira de Educação
- ACF** – Associação Cristã Feminina
- ACM** – Associação Cristã de Moços
- EEFE** – Escola de Educação Física do Exército
- EEUU** – Estados Unidos [da América]
- EUA** – Estados Unidos da América
- PROTEORIA** – Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física
- OEA** – Organização dos Estados Americanos
- YMCA** – Young Men's Christian Association

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
HORIZONTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	27
PLANO DE EXPOSIÇÃO.....	37
1 PADRÕES CULTURAIS EM CIRCULAÇÃO: REPRESENTAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL	39
1.1 <i>REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA</i> E <i>REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA</i> : DISPUTAS INTERNAS.....	46
1.2 <i>REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA</i> DO EXÉRCITO E <i>REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA</i> : OS PADRÕES CULTURAIS, A GINÁSTICA E O ESPORTE.....	47
1.2.1 Autores presentes nas revistas	48
1.2.2 Os métodos ginásticos	53
1.2.3 Os esportes como promotores de padrões culturais	65
1.2.4 Padrões culturais em circulação nas revistas	70
1.2.5 Prescrições eugênicas, sanitaristas, higienistas e moralizantes	74
2 A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS	80
2.1 A PRESENÇA DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS NO BRASIL.....	81
2.2 A ACM NA IMPRENSA DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	83
2.3 REPRESENTAÇÕES DA ACM NOS PERIÓDICOS.....	89
3 O (PAN-)AMERICANISMO EM REVISTA	96
3.1 O <i>TIO SAM</i> PASSOU POR AQUI.....	96
3.2 ANÚNCIOS COMERCIAIS: O AMERICANISMO COMO REPRESENTAÇÃO DE <i>STATUS</i> E QUALIDADE.....	101
3.3 A CIRCULAÇÃO DO MOVIMENTO (PAN-)AMERICANISTA NOS PERIÓDICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118

REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE..	132
ANEXO.....	137

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa surge do interesse em compreender os padrões culturais que circularam nas décadas de 1930 e 1940 como resultado dos processos que se iniciaram na segunda metade do século XIX. Ao serem apropriados, esses padrões contribuíram para a constituição do arcabouço teórico daquilo que, já no fim desse século, foi inserido no contexto escolar como *ginástica* e que, posteriormente, nas primeiras décadas do século XX, viria a se constituir como Educação Física no Brasil.

É importante mencionar que este estudo é parte integrante de um projeto maior intitulado *A constituição de teorias da Educação Física no Brasil: o debate em periódicos do século XX*, de autoria do Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto. Aprovado pelo CNPq em 1999, desde então produz pesquisas tendo os periódicos da área como fontes principais, nos quais busca captar as características científico-pedagógicas dessas teorias, tendo como referência sua inserção, limites e contribuições para a implantação e consolidação da Educação Física como componente curricular nas escolas, principalmente a partir de fontes periódicas da área da Educação Física. Consequentemente, nosso objetivo não foi apenas produzir uma pesquisa de forma isolada, mas contribuir com o projeto que originou o Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física¹ (Proteoria) – e também fornecer subsídios para estudos futuros deste e de outros institutos de pesquisa no que se refere à constituição da Educação e Educação Física no Brasil.

O interesse pela circulação de padrões culturais, especificamente os americanos, surge com base na leitura de trabalhos produzidos no Proteoria, especialmente o artigo de Schneider e Ferreira Neto (2008), que levou ainda à análise dos trabalhos de Warde sobre a presença americana na educação brasileira. Esses textos nos apontam uma tendência de contato com essa cultura já a partir de meados do século XIX, quando começam a circular no Brasil algumas teses que sugeriam que os brasileiros deveriam voltar suas atenções para o progresso dos Estados Unidos da América. Essas teses foram veiculada sem maior volume a partir de São Paulo, onde se instalaram desde 1869 escolas criadas por denominações da

¹Mais informações sobre Proteoria em <<http://www.proteoria.org/>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

Igreja Reformada, cujos missionários, vindos da América do Norte, traziam a moral protestante aliada ao pragmatismo (BARBANTI, 1977).

Warde (2000) nos aponta que, ainda em meados do século XIX, duas ou três décadas após a declaração de independência, começaram a circular, principalmente em São Paulo, teses segundo as quais, se o Brasil quisesse trilhar o rumo do progresso, deveria não mais se espelhar na Europa, o Velho Mundo, mas sim no Novo Mundo, nos Estados Unidos da América. Nessa época, no Brasil, instalaram-se escolas de diferentes vertentes da Igreja Protestante, que não apenas atenderam a imigrantes norte-americanos, mas também a filhos de brasileiros e de outras nacionalidades e, justamente porque estenderam seu raio de ação para além dos grupos imigrados, puderam fazer circular e assim criar oportunidades à apropriação de padrões escolares norte-americanos. Essas escolas, muitas vezes implantadas por missionários de igrejas protestantes, são apontadas por Nascimento (2007, p. 186):

A educação como estratégia missionária sempre acompanhou os missionários norte-americanos e as missionárias educadoras; e desempenham um papel fundamental na implementação do projeto civilizador que eles consideravam trazer para outros povos.

Imbuídos do espírito missionário, americanos deixaram seu país para pregar o cristianismo reformado, levando na bagagem não somente a Bíblia, mas também o espírito do *pragmatismo*, uma escola de filosofia constituída nos Estados Unidos, no final do século XIX, caracterizada por apenas considerar uma ideia como útil e necessária, caso ela tenha efeitos práticos e valor funcional.

Os conceitos de praticidade e funcionalidade são trazidos para a educação por Dewey, que preferiu utilizar o termo *instrumentalismo* e que compartilhava do experimentalismo de Peirce, introdutor do termo *pragmatismo*, utilizado no ensaio intitulado *Como tornar claras as nossas ideias*. Sobre a questão do experimentalismo,

Peirce declarava ter inventado o nome P.[ragmatismo] para a teoria segundo a qual 'uma *concepção*, ou seja, o significado racional de uma palavra ou de outra expressão, consiste exclusivamente em seu alcance

concebível sobre a conduta da vida'; dizia também que preferira esse nome a *praticismo* ou *practicalismo* porque, para quem conhece o sentido atribuído à 'prático' pela filosofia kantiana, estes últimos termos fazem referência ao mundo moral, onde não há lugar para a experimentação, enquanto a doutrina proposta é justamente uma doutrina experimentalista (ABBAGNANO, 2007, p. 784).

O protestantismo, em suas muitas denominações, era – e assim continua – a religião predominante nos Estados Unidos, donde se pode inferir que tenha contribuído para a elaboração do pragmatismo. Esses traços característicos da cultura americana muito provavelmente vieram para o Brasil com os imigrantes, principalmente após a Guerra da Secessão (1861 a 1865) em que os Estados Confederados do Sul são derrotados e muitos sulistas migram para o Brasil em busca de um recomeço, trazendo, além da esperança de uma nova vida, a missão de pregar o Evangelho nos moldes do protestantismo.

Barbanti, em sua dissertação de Mestrado (1977), estuda o êxito das escolas de confissão protestante instaladas por esses missionários e nos dá indícios de como a sua aceitação, principalmente na progressista Província de São Paulo, contribui para a circulação da cultura americana. Ao buscar compreender por quais motivos essas escolas alcançam sucesso na Província, essa autora nos indica como, já na segunda metade do século XIX, a cultura americana circula no Brasil e, principalmente, evidencia a cooperação das elites progressistas:

Esforçamo-nos por demonstrar que tanto a adoção de um padrão norte-americano de ensino, quanto a aceitação da propaganda protestante na Província de São Paulo se revestiram de inegável caráter político. Tais circunstâncias, explicam a aproximação de americanos de confissão protestante, e representantes das elites político-culturais progressistas, na busca de apoio mútuo para suas iniciativas (BARBANTI, 1977, p.3).

É possível inferir, dessa forma, que a circulação americana nessa época era anseio das elites político-culturais que vislumbravam, com a vinda dos americanos, sua religião e sua pedagogia, a possibilidade de avanços culturais, uma vez que aqui encontrariam um ambiente favorável, pois,

[...] De um modo geral, a situação espiritual e eclesiástica da nação brasileira [na segunda metade do século XIX] compunha um quadro condizente com sua condição de país nominalmente católico. Sem ligações estreitas com Roma, o clero brasileiro não assimilara ainda a orientação ultramontana que começava a dominar a Igreja da Europa. Quanto ao povo, a tolerância religiosa registrada por Kidder, e por ele considerada condição favorável ao desenvolvimento da atividade missionária protestante no Brasil, representava um dos reflexos desse clima geral de apatia (FERREIRA, *apud* BARBANTI, 1977, p. 28).

De forma diferente das igrejas do Norte dos Estados Unidos, que julgavam que a missão de levar o Evangelho deveria ser cumprida diretamente, usando as sagradas escrituras para esse fim, as igrejas do Sul, das quais a maioria dos missionários que vieram para o Brasil era oriunda, julgavam que a evangelização indireta, ou seja, praticada concomitantemente com serviços sociais, como atendimento médico e educacional, era válida para alcançar seus objetivos missionários. Seguindo essa tática, a partir dos anos 1860,

[...] pastores norte-americanos iniciaram no interior da Província [de São Paulo] a implantação de núcleos protestantes onde a fundação da igreja vinha sempre acompanhada da fundação de uma pequena escola.

Nessa década, tornaram-se relativamente freqüentes os requerimentos de protestantes americanos e ingleses, e de alemães que lhe seguiram o exemplo, solicitando à Inspetoria Geral da Instrução Pública autorização para manter o ensino particular da língua inglesa ou alemã, e para a abertura de escolas elementares e secundárias (BARBANTI, 1977, p. 32).

É fato que a instrução formal sempre esteve ao lado do protestantismo, pois o crente deveria saber ler a Bíblia para interpretar seus textos e, por isso, igreja e escola eram erigidas juntas, como nos diz Barbanti (1977, p.110):

A instrução formal sempre serviu ao Protestantismo como elemento de penetração e apoio das atividades catequéticas. Com essa finalidade, ao lado da Escola Dominical, as igrejas protestantes procuravam instalar uma escola paroquial de primeiras letras, a 'escola da missão', que, em centros estratégicos, transformava-se em colégio de nível secundário e mesmo em escolas superiores.

Ainda sobre a opção pela evangelização direta ou indireta, Barbanti (1977, p.110, grifo nosso) nos diz:

[...] a não ser os batistas que se mostraram interessados apenas na evangelização direta, que resultasse do contacto com os Evangelhos, as demais denominações tradicionais – presbiterianos, metodista e outras – valorizavam a evangelização indireta, isto é, a que advinha do conhecimento dos ‘frutos do Evangelho’: *uma pessoa seria levada a adotar o Protestantismo se ficasse convencida da superioridade da vida cultural e social americana, da civilização que dele resultara.*

Ou seja, conforme podemos inferir, levar a outros povos aquilo que posteriormente seria chamado de *american way of life*² fazia parte do que tomavam como missão evangélica, a predestinada missão do povo americano, que muito serviria à elite político-cultural da Província de São Paulo, uma vez que

[...] as escolas americanas de fé protestante também representariam a ponta de lança que abriria caminho para as atividades de renovação das mentalidades e das práticas dentro dos quadros pedagógicos, e, por extensão, da sociedade brasileira (BARBANTI, 1977, p. 152).

Os Estados Unidos, desde sua independência, inspirados no ideal iluminista, procuraram instituir-se como uma república e construir um padrão de vida próprio e uma identidade nacional, o que é sintetizado na fórmula do *american way of life*. As possibilidades abertas pelo “modo de vida americano” para Warde, (2000, p. 37), “[...] vão se afigurando nos ensaios utópicos das elites intelectuais e no imaginário social como a terra prometida, sem as mazelas da Europa envelhecida e conflituosa”.

Bandeira, ao discutir a presença dos Estados Unidos no Brasil, informa-nos sobre a constituição da Nação Norte-Americana e, por contraposição, podemos perceber como ela se difere da formação da Nação Brasileira. Segundo esse autor:

Os Estados Unidos diferenciaram-se do Brasil na sua formação. Ali se erigiu uma sociedade mais igualitária, que nas outras regiões da América, devido ao modo de produção e às relações de propriedade que se impuseram pela forma como se processou o seu povoamento. Puritanos e quacres da Inglaterra, huguenotes da França, morávios, *schwenkefelders*, inspiracionistas e menonitas da Alemanha meridional e da suíça, enfim, refugiados de quase todos os países da Europa, onde se travavam lutas

²“Modo de vida americano”, expressão utilizada para designar um modo de vida próprio, com seus modelos e costumes apropriados para a realidade da nação americana.

religiosas e políticas que marcaram o fim do feudalismo, correram para a América do Norte, à procura de novo lar e de nova pátria (BANDEIRA, 1978, p. 7).

Ao analisar o que é o americanismo e o entendimento dessa expressão, Warde chama a atenção para o fato de esse termo ter um uso livre, sem maiores considerações sobre os significados que ele traz quando é anunciado aos leitores e ouvintes. Para essa autora,

No Brasil, usam-se livremente os termos 'americano' e 'americana' para se referir ao que é dos Estados Unidos [da América]. Nas traduções de impressos oriundos dos Estados Unidos, ou da Europa, esses termos não são alterados, isto é, adota-se a metonímia pela qual a parte se identifica com o todo (WARDE, 2000, p.38).

Warde adverte-nos ainda de que a tentativa de alcançar uma hegemonia dos Estados Unidos sobre os demais países, especialmente os da América Latina, é resultado de uma supremacia interna de alguns dos projetos em disputa dentro desse país, “[...] assim como é [a] incorporação de projetos e padrões culturais nascidos fora das fronteiras sociais dos Estados Unidos” (WARDE, 2001, p.6).

Para termos mais clareza sobre o que seria o americanismo, trazemos o conceito utilizado por Moco:

O americanismo do começo do século XX pode ser interpretado como uma linguagem política, um conjunto de palavras e conceitos que indivíduos dos Estados Unidos passavam a usar para articular suas crenças políticas. Os novos meios de comunicação eram canais para difundir a ênfase num ideal nacionalista, de lealdade às instituições americanas, revelando uma atitude de descrição do que seria o 'ser americano'. Noutras palavras, é a elaboração do que ficou cristalizado como o 'american way of life'.

[...] numa explanação teórica, o conceito (ou dimensão) de nacionalismo dos norte-americanos, em geral, fundamenta sua identidade nacional na ideia de excepcionalidade. Os Estados Unidos se colocam como uma nação com valores superiores a outras culturas. Através de uma série de heróis americanos, entre eles, os Peregrinos, os Pais Fundadores e Abraham Lincoln, os norte-americanos afirmam seus mitos buscando um sentido de pertencimento a uma comunidade. Os Peregrinos representam os homens que vieram para o Novo Mundo em busca de liberdade religiosa [...]. Os 'Pais Fundadores' são uma galeria de homens transformados em ídolos pelos norte-americanos por terem feito parte da independência e por terem elaborado a Constituição [...]. Lincoln representa um símbolo de

reconciliação nacional. O presidente dos Estados Unidos durante a Guerra Civil foi mitificado como o homem que manteve a nação unida e consolidou a formação e a defesa das instituições do país (MOCO, 2010, p. 13).

Em nosso estudo, o americanismo é entendido como um movimento político-cultural que nasce nos Estados Unidos da América e é posteriormente oferecido como síntese de modernidade econômica, política, educacional e industrial para outros países (WARDE, 2001). Neste trabalho, assim como nos textos encontrados nas revistas, usamos os termos *modernidade* e *moderno* para definir aquilo que é novo, inovador, que rompe com práticas e ideias que se consideram antiquadas ou obsoletas. Esses termos não estão diretamente ligados ao conceito de modernidade relativo à Idade Moderna, que sucede a Idade Média na cronologia histórica, mas igualmente, significa o rompimento com atitudes e práticas consideradas obsoletas.

A partir da segunda metade do século XIX, os Estados Unidos da América aceleraram o desenvolvimento de sua hegemonia interna, *mastigando, digerindo* a velha cultura europeia (GRAMSCI, 2008) e dando, assim, um caráter peculiar a essa nação, porém, ainda de acordo com Gramsci, não criando propriamente uma cultura, mas costumes:

A América tem uma cultura? Digo, uma cultura unitária e centralizada, isto é, a América é uma nação do tipo francês, alemão e inglês? Tem livros e costumes. Os costumes são a sua nova literatura, aquela que penetra através das portas mais fortificadas e defendidas (GRAMSCI, 2008, p. 87).

Julgamos que, para compreender o sentido de modernidade intrínseco ao americanismo, precisamos entender como esse conceito se desenvolve no continente americano, tendo como ponto de partida o *taylorismo*, que, introduzindo o cientificismo na administração dos negócios, contribui para que o Estado americano se coloque na vanguarda da indústria mundial, principalmente a partir do surgimento da indústria de produção em massa desenvolvida por Henry Ford a partir de 1914. Os Estados Unidos da América se tornam, então, um modelo de modernidade e de avanço tecnológico que ganha visibilidade e notoriedade diante das outras nações que, ao desejarem também o desenvolvimento em todos os setores, passam a se apropriar de muitas de suas práticas e prescrições.

Gramsci (2008), trazido a este texto para nos dar um panorama crítico da sociedade americana, dá-nos indícios de como esse industrialismo a conforma:

Taylor, de fato, exprime com cinismo brutal a finalidade da sociedade americana, de desenvolver no trabalhador posturas maquinais mínimas e automáticas, eliminar o antigo senso psicofísico do trabalho profissional qualificado, que demandava uma participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador e reduzir as operações produtivas ao aspecto físico maquinal somente. Mas na realidade essas não são novidades originais. Trata-se apenas da fase mais recente de um longo processo que foi iniciado com o nascer do próprio industrialismo, fase que só é mais intensa que as precedentes e se manifesta nas formas mais brutais, mas que serão também superadas com a criação de um novo senso psicofísico diferente do precedente, e indubitavelmente *superior* (GRAMSCI, 2008, p. 69 - 70, grifo do autor).

Tal conformação da sociedade estadunidense é percebida também por Rousiers (1892) que, citando alguns casos, mostra como os pais americanos criavam seus filhos no final do século XIX, já com certo grau de liberdade, proporcionando a livre iniciativa, o que criou jovens audaciosos e inventivos, capazes de superar as adversidades. Esse autor ainda nos diz que nove entre dez jovens se arriscavam nos negócios como ingresso no mundo profissional, sem dar a esse primeiro empreendimento muita importância, buscando mais adquirir experiência do que uma sólida carreira de muitos anos. Tantos anos em atividade são comentados ainda por Gramsci (2008, p. 73, 74, grifo do autor):

A vocação *trabalhadora* não era apenas um traço inerente às classes operárias, mas também uma qualidade específica das classes dirigentes. O fato de um miliardário continuar a produzir na prática até que a doença ou a velhice o constringam ao repouso e a sua atividade ocupar um número de horas muito significativo do seu dia, é um dos fenômenos tipicamente americanos, a americanice mais impressionante para um europeu médio.

Enquanto o modelo fordista de produção se desenvolvia nos EUA, na Europa, a Primeira Guerra Mundial entre a Tríplice Entente³ e as Potências Centrais⁴ causou o colapso de quatro impérios e alterou o mapa geopolítico da Europa e do Oriente Médio. Com o fim da guerra, os países europeus encontravam-se devastados, com

³Liderada pelo Império Britânico, França e Império Russo até 1917 e tendo o apoio efetivo dos Estados Unidos a partir de 1917.

⁴Sob a liderança do Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Império Turco-Otomano.

a economia enfraquecida e com forte diminuição de consumo, o que abalou a economia mundial. Os EUA, por seu turno, lucraram com a exportação de alimentos e produtos industrializados aos países aliados no período pós-guerra. Como resultado disso, entre 1918 e 1928, a produção norte-americana cresceu muito e a prosperidade econômica contribuiu para a consolidação do chamado *american way of life*.

Havia emprego, os preços caíam, a agricultura produzia muito e o consumo era incentivado pela expansão do crédito e pelo parcelamento do pagamento de mercadorias. Porém, a economia europeia posteriormente se restabeleceu e passou a importar cada vez menos dos Estados Unidos. Com a retração do consumo dos produtos americanos na Europa, as indústrias norte-americanas não podiam mais contar com esse forte mercado consumidor, então ocorreu uma oferta maior que a demanda, causando a queda dos preços, a diminuição da produção e o inevitável aumento da taxa de desemprego. A queda dos lucros, a retração geral da produção industrial e a paralisação do comércio resultou na queda das ações e, mais tarde, na quebra da bolsa de valores.

Silva (1992) nos diz que, na década de 1920, Keynes já analisava que a aceleração dos ganhos de produtividade provocada pela revolução taylorista levaria a uma gigantesca crise de superprodução, se não fosse encontrada uma contrapartida em uma revolução paralela do lado da demanda, que permitisse a redistribuição dos ganhos de produtividade causados pelo taylorismo, de forma que houvesse redistribuição dessa nova renda gerada para dirigi-la ao consumo. Para os que defendem essa tese, a Grande Depressão dos anos 1930 foi causada por uma gigantesca crise de superprodução, naquilo que teria sido uma trágica confirmação daquela previsão (LIPIETZ, 1989).

O *crack*⁵ da bolsa de valores de Nova Iorque, no ano de 1929, abalou toda a sociedade e economia americana que só começaria a se reerguer da Grande Depressão, a partir da eleição de Roosevelt em 1933. Entretanto, segundo Moura (*apud* Boyd, 2003, p. 18).

⁵Do inglês, “quebra” – essa onomatopeia denomina a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque.

[...] A recuperação dos EUA da crise de 1929 dependia de sua habilidade de criar mercados externos para seus produtos, em um contexto de economia ainda em expansão. Por isso, mercados que forneciam matérias primas, como o Brasil, e que recebiam as exportações norte-americanas de indústria pesada, constaram como alvo da política de livre comércio. Enquanto os EUA se consolidavam como um poder hegemônico, a Alemanha, a partir de 1934, buscava equilíbrio por meio do mercado externo.

As leis que compunham o chamado *New Deal*⁶ foram paulatinamente reduzindo as taxas de desemprego, que eram de 9% em 1930, 16% em 1931 e 25% em 1933, mas “um grande negócio” para a economia americana se avistava: a Segunda Grande Guerra. Com a entrada dos Estados Unidos no conflito, a taxa de desemprego, que era próxima de 15% em 1940, cai para apenas 1% no final da guerra, em função da retomada industrial e consequente necessidade de reposição de trabalhadores, já que muitos dos que estavam empregados foram convocados para a guerra.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, os Estados Unidos da América, visando à sua hegemonia no continente americano, reforçam a política do pan-americanismo no início da chamada *Guerra Fria*, quando entram em disputas estratégicas e indiretas com a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas nos âmbitos políticos, militares, tecnológicos, econômicos, sociais e ideológicos.

Inspirado na Doutrina Monroe, a visão norte-americana do movimento pan-americano, também chamada de *monroísmo*, se fundamentava no predomínio dos Estados Unidos da América sobre os demais Estados americanos, o que diverge do bolivarianismo,⁷ que pregava a igualdade entre as nações. Com base na mensagem presidencial de James Monroe, enviada ao congresso dos EUA em 1823, o monroísmo negava aos Estados europeus o direito de intervenção no continente americano. Esse movimento foi um reflexo da preocupação norte-americana com sua própria segurança, e não com a dos demais Estados do continente, sendo

⁶ Do inglês, “Novo Acordo” – como ficou conhecida a série de programas implementados entre 1933 e 1937 pelo governo de Roosevelt para a recuperação da economia americana.

⁷ Ianni distingue duas ideias históricas de integração nas Américas: o bolivarianismo e o monroísmo. O bolivarianismo se origina a partir do pensamento de Simón Bolívar (1783-1830), que propõe “[...] uma progressiva integração latino-americana a partir de dentro de cada sociedade, liderada pelos diferentes setores sociais que a compõem” (IANNI, 1992, p. 7). O monroísmo, como também ficou conhecida a Doutrina Monroe, propõe “[...] uma integração a partir de fora e de cima, impondo as necessidades nacionais, os interesses econômicos, políticos e geopolíticos das grandes potências” (IANNI, 1992, p. 7).

também um projeto de expansionismo dos EUA com a intenção de garantir o livre comércio com países cujas economias ainda não se encontravam consolidadas.

O pan-americanismo é um movimento político cujas raízes se encontram no Congresso do Panamá. Foi idealizado por Simón Bolívar e ocorreu entre junho e julho de 1826. Desde a Carta da Jamaica, de 1815, Bolívar desejava articular uma confederação hispano-americana, com o principal objetivo de se unirem em frente a uma tentativa de recolonização dos territórios pela Espanha, bem como se mostrarem fortes, à altura dos Estados Unidos da América e do Brasil, império independente de Portugal há poucos anos.

Em 2 de dezembro de 1823, o presidente americano James Monroe enviou uma mensagem ao congresso, da qual destacamos o seguinte trecho:

Julgamos propícia esta ocasião para afirmar, como um princípio que afeta os direitos e interesses dos Estados Unidos, que os continentes americanos, em virtude da condição livre e independente que adquiriram e conservam, não podem mais ser considerados, no futuro, como suscetíveis de colonização por nenhuma potência européia [...].

Tal mensagem teve como propósito reafirmar a posição dos EUA contra o colonialismo europeu, seguindo a política isolacionista de George Washington, desenvolvendo ainda o pensamento de Thomas Jefferson segundo o qual *a América teria um continente para si mesma*, o que deixa transparecer o interesse expansionista não necessariamente sobre os territórios dos outros países, mas essencialmente sobre o mercado consumidor. Esse discurso americano, entretanto, foi amenizado, como sugere Ré (2010, p. 221-222):

[...] a Doutrina Monroe, originalmente formulada em 1823, seria reinterpretada em duas fases no limiar do século XIX para o XX: uma, baseada num corolário agressivo, que visava punir os países do continente que infringissem as regras de boa conduta e de estabilidade política no continente e na prevenção contra interferências européias na região; a outra, utilizava-se de argumentos aglutinadores sob o manto do Pan-americanismo, que amenizava em sua forma retórica os interesses comerciais e expansionistas dos Estados Unidos. O monroísmo encontra assim, na política externa norte-americana, uma forte relação histórica e conceitual com o Pan-americanismo e com sua doutrina alternativa, o latino-americanismo, que são dois momentos de um mesmo intento de aproximação entre os países americanos, ainda que com peculiaridades contrárias.

O pan-americanismo, que se constituiu como movimento de caráter político, revestiu-se, no início do século XX, de caráter cultural e educacional. Entretanto, no que tange à educação, é pouco discutido, talvez por carência de fontes que pudessem nos indicar, de forma mais clara e abrangente, como as correspondências e acordos foram feitos, muitas vezes dando-nos a impressão de ter sido um movimento utópico. Na *Revista de Educação*, publicada no Estado do Espírito Santo, entre os anos 1934 e 1956, temos alguns indícios das atividades realizadas pela Secção de Cooperação Intelectual entre os anos de 1932 e 1933:

Entre os meios utilizados pela Secção para a realização de seus propósitos, ocupa lugar importante o fomento de permutações entre professores e estudantes. A Secção também fomenta a permutação de publicações, cartas e álbuns entre as escolas; excursões de estudo; exposições de arte; congressos; a preparação de diretórios de associações culturais e científicas; mantém e conserva em dia numerosas fichas de escritores, arqueólogos, historiadores, artistas, educadores e em geral todas as pessoas que se destacam na vida intelectual das nações da América (UNIÃO, 1934, n. 2, p. 31).

Com base nas evidências, inferimos que se buscava estabelecer o diálogo, tornando visíveis e procurando vislumbrar novas práticas educacionais e culturais, o que ensejava a circularidade e a conseqüente apropriação dessas mesmas ideias. Nessa mesma revista, os procedimentos operacionais são em parte explicados:

Para facilitar o estabelecimento de contactos e distribuição de material adequado, costuma-se lêr e arquivar alfabeticamente grande número de jornais educativos e relatórios educativos, mantendo outrossim listas de autoridades oficiais e educadores proeminentes, e de escolas de vários tipos (UNIÃO, 1934, n.2, p. 32).

Dos poucos que registraram esse movimento no campo da Educação Física, Marinho (1947, p. 5).relatou:

A Educação Física tem constituído excelente veículo de Panamericanismo, proporcionando a realização de um programa que efetivamente muito vem contribuindo para a maior aproximação entre os povos do Novo Continente.

Porém, se é possível constatar que houve um movimento pan-americanista na Educação Física que se constituía no Brasil, no início do século XX, podemos assim observar que as relações entre as personalidades ligadas à Educação Física no Brasil e nos países latino-americanos se davam de forma diferenciada em relação às da América do Norte. Podemos, ainda, por meio de vestígios nas revistas da área de Educação Física, constatar que a circulação americana nessa área foi mais frequente que a de países latino-americanos, conforme os estudos que desenvolvemos nos capítulos seguintes.

Ao utilizarmos como referência as investigações de Warde (2000), que analisou a presença americana na educação em processo de constituição no Brasil, voltamo-nos para o artigo de Schneider e Ferreira Neto (2009) que, por sua vez, investigam a circulação e apropriações de paradigmas culturais americanos nos *vestígios* e *traços* que podem ser encontrados na revista *Educação Physica*, impresso produzido entre 1932 e 1945 pela Companhia Brasil Editora, sendo dela publicados 88 números.⁸

Segundo Schneider e Ferreira Neto (2009, p. 2),

A investigação procura explorar a hipótese de que a cultura esportiva veiculada por meio da revista *Educação Physica* fazia parte de um movimento mais geral de difusão da cultura Norte-Americana sobre a América Latina. Trabalhar com a essa hipótese implica examinar, muito detidamente, o padrão cultural vulgarizado pela revista *Educação Physica*, como resultado de apropriações e assimilações de outros padrões culturais em disputa pela construção de um modelo modernizador capaz de fomentar a produção de um 'homem novo' preparado para enfrentar as contingências das transformações sociais, políticas e econômicas que as décadas de 1930 e 1940 concretizaram.

Ao realizar a investigação, os autores perceberam que os editores do periódico traduzem uma matéria publicada originalmente numa revista americana dedicada aos esportes, assinada pelo Dr. Irving Fisher, intitulada *A Nova Educação Física*, na qual, segundo Fisher (1934, p. 13),

⁸É relevante mencionar que o periódico não teve seus limites circunscritos ao território brasileiro, possuindo correspondentes e representantes em vários países da América Latina, Portugal e África Portuguesa.

[...] a idade nova requer homens de iniciativa, vivos, criteriosos. Será necessario, portanto, empregar typos de actividade que desenvolvam essas qualidades. Estas características desenvolvem-se geralmente nos jogos. O jogo é creador e poetico. Tem grande valor como estimulante da imaginação. [...] a nova educação physica deve ser antes objetiva que subjetiva. A gymmastica do passado era subjetiva. Os esportes actuaes são objetivos. Naquelle, a grande preocupação estava na forma e na maneira de executar um determinado exercicio. Neste, o que importa são os resultados, como, por exemplo, fazer a bola passar uma determinada linha para marcar um goal. Antigamente, dava-se valor ao equipamento e aos materiaes a empregar. Agora, aos indivíduos que com elles serão beneficiados. A idade moderna precisa de homens efficintes e optmistas. A nova educação physica dará, por isso, grande importancia á hygiene. Ensinará o homem a viver da melhor maneira possível. Fará com que cada um dos seus habitos physicos contribua para o aumento da sua efficacia e não para a sua diminuição. [...] antes os jogos athleticos tinham valor como espetáculo. Agora a participação nelles é que vale.

Schneider e Ferreira Neto (2009) nos apontam, então, que a proposta do Dr. Fisher é uma redefinição dos objetivos daquilo que era a *gymnastica* e que se constitui como a Educação Física, pois o que antes se baseava na preocupação com a forma e a maneira de executar os movimentos, na *idade nova*, como sugere o autor, os resultados são o que mais importa. Para isso, nada melhor que a objetividade dos esportes. Segundo Linhaes (2009, p. 25):

Ao 'revolucionar' necessidades e expectativas relativas às experiências corporais, o fenômeno esportivo apresenta-se como uma espécie de *ethos* moderno. Aderir a ele ou rejeitá-lo torna-se, em alguma medida, elemento de balizamento sobre o ser ou não ser moderno. A escola moderna parece incluir e atualizar recorrentemente em sua pauta esse plebiscito.

Ou seja, esse *ethos*, comportamento adotado, torna-se símbolo de modernidade. Adotá-lo significaria estar na vanguarda, enquanto refutá-lo seria retroagir, nadar contra a maré de modernidade que vinha ao encontro da criação de uma identidade brasileira.

HORIZONTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Dentre os primeiros artigos com os quais tivemos contato para desenvolver o projeto desta pesquisa, *Americanismo e a fabricação do homem novo: circulação e apropriação de modelos culturais na Revista Educação Physica (1932-1945)* (SCHNEIDER; FERREIRA NETO, 2008) chamou-nos a atenção por se tratar de uma peculiaridade da Educação Física brasileira que ainda não havia recebido a devida atenção dos pesquisadores da história desse campo da educação: aquilo que até então supúnhamos se tratar de *influência* americana e que se tornou um mero modismo, naquele momento histórico, começou a nos parecer algo bem mais complexo que, ao ser elucidado, traria uma melhor compreensão sobre o processo de construção da Educação Física no Brasil.

Durante a procura por indícios nos periódicos de Educação Física, que fizessem referência a padrões culturais de outros países entre os anos de 1932 e 1950, usando como instrumento de pesquisa o *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)* (FERREIRA NETO et al., 2002), pudemos perceber que a Educação Física, no Brasil, vem se constituindo a partir de uma série de apropriações de modelos, o que vem sendo feito desde que a ginástica e, posteriormente, a disciplina denominada Educação Física foi inserida no contexto escolar. Nesse particular, este trabalho busca compreender a *circulação* e as possíveis *apropriações* (CERTEAU, 1998) do americanismo no processo de constituição da Educação Física no Brasil entre os anos de 1932 e 1950, tentando entender qual foi o papel dessa circulação nesse campo dentro da política do pan-americanismo desenvolvida pelos Estados Unidos da América e, ainda, como foram construídas as memórias e os esquecimentos sobre essa circulação.

Assim, as seguintes questões foram formuladas para mobilizar e nortear nosso estudo:

- a) De que forma o americanismo circula na imprensa periódica da Educação Física?
- b) Que tipo de representação sobre os Estados Unidos da América foi materializado nas revistas da área de Educação Física?
- c) Como podemos entender a presença do esporte nessas publicações?

- d) Como a cultura esportiva é representada nas revistas?
- e) Que tipo de padrão cultural o movimento pan-americanista representou nos impressos de Educação Física?

Delimitamos o estudo entre os anos de 1932, ano da publicação dos primeiros periódicos sobre Educação Física, e 1950, último ano da década de 1940, para que pudéssemos acompanhar os efeitos do movimento pan-americanista nos primeiros anos pós-Segunda Guerra Mundial, na circulação de padrões culturais pela Educação Física.

Tendo optado por periódicos da área como *corpus* documental, nosso objetivo é compreender a forma como essa cultura, que vinha se firmando em diversos âmbitos, impacta no modo como a Educação Física passa a ser praticada no Brasil, moldando os discursos e conteúdos que subsidiam a percepção dos intelectuais que discutem e publicam nos impressos desse campo do conhecimento. Em função desse objetivo, utilizaremos os periódicos da área que circularam entre os anos de 1932 e 1950, para analisar a presença da cultura americana na Educação Física brasileira, ao mesmo tempo em que convivem e disputam com outros projetos culturais provenientes da Alemanha, da França e da Suécia, imprimindo formas diferentes de perceber o modo como essa disciplina deveria ser incluída no espaço escolar.

No estudo, os termos *influência* e *apropriação* são utilizados de formas distintas: compreendemos *influência* como sugestão, coação ou imposição de usos e práticas por uma pessoa, grupo ou Estado como *estratégia* para a manutenção de autoridade sobre outrem. Por outro lado, a *apropriação* é a *tática* empregada para subverter a estratégia das autoridades ou possuidores do capital simbólico dominante, o que implica transformações em maior ou menor grau daquilo que se pretendeu sugerir, impor ou coagir, resignificando e, muitas vezes, fazendo usos inesperados, o que Michel de Certeau chama de *consumo produtivo* (1998).

Quanto ao *corpus* documental, Bloch nos indica que há uma diversidade de fontes de informações históricas possíveis de serem utilizadas para revelar o objeto que desejamos compreender. Para ele, “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca, pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79). A qualidade das fontes

somada à experiência do historiador e ao seu referencial teórico-metodológico possibilita compreender como se deram determinados processos e suas consequências. Mais que isso, Bloch aponta para um leque quase infinito de possibilidades de fontes, cabendo ao pesquisador saber formular as perguntas adequadas àquelas que ele escolheu, com o cuidado de situar a fonte em sua época de produção, uma vez que “[...] nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento” (BLOCH, 2001, p.60).

Dentre as fontes históricas utilizáveis, tomamos como documentos principais os periódicos, tanto pelo volume documental ao qual temos acesso, quanto pela diversidade de artigos neles publicados, o que reflete de certa forma uma estratégia de divulgação de perspectivas educacionais e de outras práticas.

A produção científica recente demonstrou que o periódico foi utilizado, desde o século XIX, como estratégia de divulgação das perspectivas educacionais oficiais ou não. No caso da Educação Física, a partir da década de 1930, isso é particularmente visível. Todavia, também é conhecida a circulação de textos sobre Educação Física em periódicos de áreas afins desde o final e início do século XIX e XX respectivamente, especialmente nas chamadas Revistas do Ensino que existiram tanto na capital do país quanto em vários Estados. Outra razão, é que nesse estudo, considera-se que a teorização sobre Educação Física realizada no Brasil do século XX tem nos periódicos uma fonte privilegiada por ser pouquíssimo explorada até o momento (PROTEORIA, 2010, acesso em 5 jan. 2012).

Trabalhar com a imprensa periódica, para compreender a história e a memória da Educação Física no Brasil, significa tomar como fonte documental – e também como monumentos – publicações que faziam circular opiniões de diferentes grupos e lugares sobre as formas de se trabalhar com a Educação Física, imagens e representações diversas que, materializadas no papel, se tornam *traços* e *indícios*.

Assim, para compreender a circulação da cultura americana⁹ e suas representações, mais especificamente seus possíveis modelos pedagógicos para a Educação Física, entre os anos de 1932 e 1950, optamos por periódicos publicados na primeira metade do século XX como testemunhos e (ou) documentos históricos, tomando-os muitas vezes também como monumentos.

⁹Embora Gramsci entenda que os Estados Unidos não têm uma cultura, mas costumes, tomamos aqui esse conjunto de costumes como sua cultura e suas práticas pedagógicas como modelos, tanto alicerçados no *instrumentalismo* de Dewey quanto apropriados de outros modelos pedagógicos.

Jacques Le Goff nos explica a relação entre documento e monumento. Esse autor também nos alerta quanto aos cuidados que devemos ter em seu tratamento:

Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é 'falso', avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar a sua função de mentira em confissão de verdade (LE GOFF, 1990, p.111).

Dentre os periódicos que podem ser tomados como fontes históricas para a compreensão da Educação Física no Brasil, optamos pelas revistas *Educação Physica*,¹⁰ editada entre 1932 e 1945, pela Companhia Brasil Editora e a *Revista de Educação Física*, publicação de divulgação científica da Escola de Educação Física do Exército e que, mais recentemente, passou a ser publicada pelo Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército.¹¹ Ambos os periódicos fazem parte do acervo do Proteroria, Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física, onde este trabalho foi produzido. A *Revista de Educação Física* (do Exército) está em seu formato original até o número 54. Já a revista *Educação Physica* se encontra em fotocópias.

Voltamos nossa atenção, em um primeiro momento, para esses dois periódicos, mas não nos restringimos a eles, pois a presença americana também pode ser percebida nas revistas *Boletim de Educação Física* (1941-1958), *Revista Brasileira de Educação Física* (1944-1952) e *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos* (1945-1966). Apesar de esses periódicos terem sido publicados até 1958, 1952 e 1966, respectivamente, delimitamos a investigação até as publicações do ano de 1950, último ano da década de 1940.

O uso desses periódicos se justifica por refletirem um processo de continuidade e descontinuidade¹² de temas e tendências que podem ser

¹⁰ Embora, a partir da edição n. 28/29 de mar./abr. de 1939, a grafia do título tenha sido alterada para *Educação Física*, optamos por manter a grafia do título dos primeiros números para que não haja confusão entre a *Revista de Educação Física* publicada pelo Exército e a revista *Educação Physica* (*Física*) publicada pela Cia. Brasil Editora.

¹¹ < <http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/paginas/arevista.htm>> Acesso em: 29 nov. de 2009.

¹² Como continuidade ou descontinuidade, entendemos a frequência de determinados temas ou tendências dentro de um recorte temporal. Assim, podemos dizer, por exemplo, que houve uma continuidade de matérias publicadas sobre o basquetebol entre determinados números de uma

comparados ao se utilizarem impressos contemporâneos, publicados por editoras diferentes, pertencentes a grupos concorrentes pelo capital simbólico, ou seja, pela autoridade sobre um assunto em questão. Descartamos a possibilidade de utilização de um *corpus* documental bibliográfico por julgar que apenas a produção de livros sobre Educação Física e esportes do período não nos daria indícios suficientes para que pudéssemos compreender a circulação de um possível conjunto de representações culturais oriundas dos Estados Unidos da América. Portanto, a opção por revistas, dada a circulação de diferentes autores com ideias aglutinadas pelo perfil editorial das publicações, permite-nos identificar mais claramente as ideias circulantes num recorte de tempo tal que seja possível perceber uma ou mais tendências predominantes.

O enfoque nesses dois periódicos se deve ainda à grande circulação que ambos tiveram, tanto em território nacional quanto em países da América Latina e em Portugal, como é o caso da revista *Educação Physica* que veiculou artigos de autores estrangeiros.¹³ Outro fator que colaborou para que esses dois periódicos fossem eleitos como nossos principais testemunhos históricos é o fato de terem sido publicados em *lugares* diferentes: um pela editora comercial e outro pela Escola de Educação Física do Exército.

Quanto aos demais periódicos, a *Revista Brasileira de Educação Física* foi publicada por uma editora comercial, os *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos* foram publicados pela instituição homônima que pertencia à Universidade do Brasil, posteriormente denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro; e o *Boletim de Educação Física* foi publicado pelo Ministério da Educação e Saúde.

Os periódicos são suportes materiais nos quais é possível constatar discursos, prescrições e anúncios – *vestígios* de uma forma geral – que indiciam direta ou indiretamente a presença americana nessas publicações. Esses vestígios que tomamos como *indícios* informam sobre a presença americana, tanto pelos discursos adotados, quanto por quem os proferiu, a partir dos *lugares* de onde *falaram*.

revista, havendo a descontinuidade do tema quando o foco se volta para o voleibol, retornando ao basquetebol a partir de um número posterior.

¹³ Artigos publicados em espanhol e, principalmente, traduções de artigos em inglês, francês e alemão.

Uma vez que a revista *Educação Physica* teve sua publicação interrompida em 1945, optamos, a princípio, pela periodização do estudo entre 1932 e 1945, período em que foi publicada numa mesma linha editorial, adotando a mesma periodização para a revista editada pela Escola de Educação Física do Exército, embora essa outra tenha sofrido uma interrupção da publicação entre 1942 e 1947 por conta do envolvimento do Brasil com os Estados Unidos e os Aliados na Segunda Guerra Mundial, quando, de acordo com Sant'Anna (1947, p. 1), “[...] seus colaboradores trocaram o aço das penas pelo das armas e lá foram a terras estranhas, lutar pela conquista de um mundo melhor”. Por conta dessa interrupção, julgamos pertinente analisar periódicos cujas publicações prosseguiram até 1966,¹⁴ estabelecendo como periodização o recorte entre os anos de 1932 e 1950 para compreendermos a dimensão da circulação do americanismo e, conseqüentemente, do pan-americanismo.

A periodização adotada nos parece a mais adequada, pois nos permitirá localizar indícios significativos sobre a presença americana nessas publicações. Apoiamos-nos em Marc Bloch (2001, p. 150) quando afirma:

Tomemos cuidado, porém: o recorte mais exato não é forçosamente o que faz uso da menor unidade de tempo – se assim fosse, seria preciso então preferir não apenas o ano à década, mas também o segundo ao dia. A verdadeira exatidão consiste em se adequar, a cada vez, à natureza do fenômeno considerado. Pois cada tipo tem sua densidade de medida particular e, por assim dizer, seu decimal específico.

O uso de periódicos como *corpus* documental para pesquisa histórica em Educação Física tem sido praxe dos pesquisadores do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física, Proteoria, onde este trabalho é produzido. Dentre essas pesquisas, podemos destacar os estudos de Ferreira Neto e de Schneider. Em sua tese de doutoramento, Ferreira Neto (1999) fez uso, além de livros, da *Revista de Educação Física* para compreender o processo de construção, pelo Exército, de uma pedagogia aplicável tanto à caserna quanto à sociedade.

Tendo como foco a própria revista *Educação Physica*, Schneider (2003) estuda, em sua dissertação de mestrado, as estratégias editoriais e as prescrições educacionais feitas a partir desse periódico. Berto (2008), por seu turno, em sua

¹⁴ Caso do periódico Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1945-1966).

dissertação, ao investigar esses dois periódicos, busca compreender o modo como foram produzidas e veiculadas as representações acerca da educação da infância escolarizada ou fora da escola, entre as décadas de 1930 e 1940, investigando como os conhecimentos eram abordados pelos diferentes grupos de intelectuais que projetavam a Educação Física nesse período.

Para interrogar o *corpus* documental, utilizamos o referencial teórico metodológico da Nova História Cultural, ou que dessa corrente historiográfica se aproxime. Desse modo, também trabalhamos com o referencial da *micro-história* para compreender e dar sentido aos indícios e aos sinais, marginalizados nas leituras que até o momento foram feitas na construção de uma história para a Educação Física no Brasil. Conforme Bloch (2001), o passado é algo que não podemos mudar, mas a sua interpretação está sempre em aberto. A forma como constituímos os nossos objetos de investigação também nos obriga a produzir e significar o que estamos entendendo como fonte.

Para significar um conjunto de documentos como fontes apropriadas para uma investigação, é necessário perceber que tudo que os homens fabricam devem falar sobre eles, pois são indícios de suas formas de produção, seleção e organização da cultura. Desse modo, segundo esse autor :

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem [os artefatos ou as máquinas] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar (BLOCH, 2001, p. 54).

No que tange às fontes, Bloch nos diz que a diversidade de testemunhos é infinita, porém a responsabilidade do que se extrai dessas fontes é do pesquisador, pois “[...] os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001, p.79) e, mesmo sabendo interrogá-los, há que se precaver em confiar em todas as respostas obtidas, pois “[...] nem todos os relatos são verídicos e os vestígios materiais, [eles] também, podem ser falsificados [pois] com tinta, qualquer um pode escrever qualquer coisa” (BLOCH, 2001, p.89). E qual seria a finalidade da História para Marc Bloch? Este nos responde:

[...] uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: 'compreender'. [E compreender, no entanto, nada tem de uma atitude de passividade pois] assim como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa (BLOCH, 2001, p. 128).

Michel de Certeau, em *A operação histórica* (1988), indaga sobre os caminhos da escrita da história. Para ele, a crítica documental é uma prioridade no trabalho do pesquisador, uma vez que compreender o documento também é compreender as relações de forças que permitiram a sua produção, conservação e usos. O reconhecimento das forças que orientam a escrita da História permite a ampliação do que significamos como fontes.

Desse modo, para esse autor, é possível ampliar o aspecto, ver, rever e operar como uma gama variada de relatos para sistematizar e dar coerência aos objetos que analisamos como forma de compreender a ação dos homens no tempo. Segundo Certeau (1988, p. 38), “[...] de resíduos, papéis, legumes, até mesmo de geleiras e de ‘neves eternas’ o historiador *faz outra coisa*: faz deles história”, e é justamente dos *resíduos*, nas marcas deixadas nos *papéis* impressos que buscaremos investigar a circulação e a presença americana na Educação Física brasileira.

O conceito de *consumo produtivo*, presente na obra *A invenção do cotidiano* (CERTEAU, 1998) auxiliou-nos na compreensão das apropriações de modelos americanos que circularam. Segundo esse conceito, as pessoas e as sociedades se apropriam de objetos e práticas, adaptando-os às suas necessidades e até mesmo deles fazendo usos inesperados.

Roger Chartier, em *O mundo como representação* (1991) indica-nos um meio de compreendermos o processo de apropriação da cultura. Tendo como foco o conceito de *lutas de representação*, ele nos direciona na história dos textos impressos, indicando como foram lidos e qual uso foi feito deles, pois

[...] Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação.

Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler (CHARTIER, 1991, p. 8).

Com esse excerto de Chartier, fazemos, portanto, uma relação entre as representações criadas por aqueles que escrevem os artigos ou editam as revistas e os diversos leitores, tanto aqueles das elites intelectuais quanto de outros estratos sociais – mais ou menos hábeis – que têm contato com a materialidade dessas representações nas revistas. Por *luta de representação*, considera-se o modo pelo qual, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais.

Chartier toma por empréstimo de Michel de Certeau o conceito de *apropriação*, que define o consumo cultural como uma operação de produção de objetos materiais ou imateriais, que passam a ter materialidade quando impressos ou tratados como representação, assinalando a sua presença com base nas maneiras de utilizar os produtos que lhe são impostos. Assim, Chartier nos ajuda a compreender como possivelmente foram lidos os artigos veiculados nesses periódicos, carregados de representações que assumiam a cultura americana como símbolo de modernidade.

Semelhante ponto de vista nos é dado por Carlo Ginzburg que volta a atenção para o fenômeno da *circularidade cultural*, descrito por Mikhail Bakhtin (GINZBURG, 2000), como referência para o desenvolvimento de pesquisas com o repertório conceitual da *micro-história*, e que relata, em *O queijo e os vermes* (2000), as consequências dos usos (apropriações) feitos por leitores menos hábeis de textos que a estes não foram destinados. Por meio de *vestígios* e *sinais*, Ginzburg resgata, nos arquivos da Inquisição, a história de Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, moleiro da cidade italiana de Friulli que interpretou de forma inusitada e fez usos inesperados dos textos aos quais teve acesso.

No estudo também buscamos compreender como se deu a construção de uma memória para a área, que ainda não localizou de forma adequada aquilo que compreendemos como presença americana na constituição dos padrões culturais que sedimentaram, nas décadas de 1930 e 1940, um sentido e um significado para a introdução da Educação Física e do esporte na escola como fenômeno

identificador da modernidade. Desse modo, utilizamos também como referencial teórico os estudos de Le Goff e Catroga para o entendimento do significado da memória. Para Le Goff (2003, p. 424), a memória possui a

[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

“Não há representação memorial sem *traços*” (CATROGA, 2001, p.24), ou seja, sem um monumento que evoque uma memória e, em particular, nesta pesquisa, os periódicos terão tanto a função de testemunhos históricos, documentos, quanto de *monumentos*, aos quais interrogaremos sobre a forma como a memória e os esquecimentos da Educação Física no Brasil foram construídos.

Assim, ao analisarmos o *corpus* documental, os impressos são compreendidos como *monumentos* nos quais é possível perceber, por meio de práticas de representação, as *presenças*, aquilo que a seletividade da memória manteve, ou que, ao optar por certas informações ou elementos, relegou outros ao esquecimento.

Se tanto memórias quanto esquecimentos foram produzidos, buscamos compreender, por meio de indícios, como se deram esses processos, utilizando os periódicos como fontes que respondem sobre quem, de onde e como, com seus discursos e prescrições se apropriaram e fizeram circular modelos americanos, o que contribuirá para uma maior e melhor compreensão da história e da memória da construção da identidade da Educação Física no Brasil.

Para nos auxiliar na compreensão da circulação não apenas do americanismo, mas também de outras matrizes culturais, recorreremos ainda às mediações, processo narrativo que regula os espaços de compreensão dos discursos por meio do equilíbrio entre as informações dos documentos e pelas fontes que lhes podem oferecer coerência dentro de um contexto cultural, tal como sugere Ginzburg, para que possamos autenticar informações que pareçam duvidosas ou que não apareçam numa série que lhes dê coesão, pois, “[...] Se uma

narração se apoia em um único documento, como é possível deixar de fazer perguntas sobre sua autenticidade?” (GINZBURG, 2006, p. 13).

Desse modo, apoiamo-nos em autores que, na História, Sociologia, Ciências Políticas, História da Educação e da Educação Física, abordaram o tema, revelando elementos que nos permitam interpretar os indícios como vestígios de práticas de representação, de circulação e de usos. São eles: Macedo (1876), Leff (1977), Bandeira (1978), Moura (1984), Elias e Dunning (1985) Cervo e Bueno (1992), Goellner (1992), Sevcenko (1992), Elias (1994), Nascimento (1999), Lucena (2001), Schneider e Ferreira Neto (2008) e Nascimento (2007), autores que nos permitem seguir as pistas da forma como se deu a circulação dos padrões culturais, suas disputas e seu consumo em território nacional.

PLANO DE EXPOSIÇÃO

Em nosso primeiro capítulo, intitulado *Padrões culturais em circulação: representações sobre a produção da identidade nacional*, analisamos, a partir dos indícios localizados nos dois primeiros periódicos editados, a forma como o debate em torno do esporte começa a ser estabelecido, as representações que a ele são associadas e os padrões culturais que podemos destacar no processo da configuração do fenômeno esportivo no Brasil.

No segundo capítulo, *A presença da Associação Cristã de Moços no Brasil*, buscamos dar visibilidade à presença e atuação da ACM em nosso país e sua representação nos periódicos da área para que possamos compreender seu papel na circulação do americanismo e na difusão da prática esportiva.

O terceiro capítulo, denominado *O (pan-)americanismo em revista*, é dedicado a dar visibilidade ao americanismo e ao movimento pan-americanista apresentado nos periódicos que compõem nosso *corpus* documental. Procuramos compreender as suas duas faces desse movimento – monroísmo e bolivarismo – que em determinado momento produziu uma forma de pan-americanismo que supera essa dicotomia, dando, posteriormente, origem à Organização dos Estados Americanos.

A partir disso, procuramos compreender de que forma esse movimento pode ser entendido como um projeto pelo qual o americanismo permeou, visando a estender sua influência cultural sobre os demais países das Américas. Neste capítulo, buscamos também compreender os Congressos Pan-Americanos de Educação Física, os Jogos Pan-Americanos, suas contribuições para a circulação da cultura americana e, ainda, outros meios nos quais o americanismo circulou.

1 PADRÕES CULTURAIS EM CIRCULAÇÃO: REPRESENTAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Ao analisar o primeiro número da revista Educação Physica, de 1932, é possível perceber *vestígios e indícios*¹⁵ daquilo que consideramos como presença americana nesta publicação, tanto pelo volume de matérias dedicadas à prática do *basketball*, quanto pela presença de anúncios da Associação Cristã de Moços, com sede na Esplanada do Castello, enaltecendo a prática esportiva: “Nos esportes athleticos, o moço robustece o physico e aprende a dominar o espírito, e cooperar em grupo. Quem sabe dominar-se nas crises das árduas pelejas athleticas, saberá dominar-se na vida” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, n.1 p.64).

No segundo número, Elmer Berry, diretor da Escola Internacional de Educação Physica, em Genebra, Suíça, num artigo intitulado *Systemas de Educação Physica*, analisa a circulação de ideias e paradigmas entre os estudiosos da Educação Física de várias nacionalidades, a despeito de nacionalismos e patriotismos:

Todos os grupos por mais nacionalistas ou patriotas que sejam, procuram estudar outros methods e adaptar, modificar e melhorar seu próprio desenvolvimento, de sorte que é quasi impossível, agora, deparar-se um ‘Systema’ de educação physica. A verdade do asserto mais se acentuou depois da [Primeira] Grande Guerra, que ofereceu oportunidade para melhor analyse crítica e comparação do valor dos diferentes typos nacionaes de educação physica (BERRY, 1932, p.17).

Berry prossegue relatando que desde 1917, aproximadamente, os grupos de estudiosos dos quais ele tem notícias pesquisaram com mais afinco a Educação Física sob o ponto de vista educativo, *psycologico e científico*, dimensões que se inter-relacionam. Essas pesquisas resultaram em modificações nos seus fins, processos e *technicas*, levando, conseqüentemente, a uma conciliação dos *methodos com essas technicas* e a uma melhor *compreensão* mútua, induzindo, para determinados fins, a aplicação dos métodos alheios, uma vez que ninguém

¹⁵ É preciso considerar que *vestígios* são sinais, deixados ocasionalmente ou marcados intencionalmente, que podem se tornar *indícios*, ou seja, algo que indique uma direção, um caminho para a compreensão dos acontecimentos.

mais seria dono de um *systema* especial, privativo, pois os professores estavam, naquele período, permutando constantemente as ideias com grande vantagem e proveito para todos (BERRY, 1932).

Esse autora ainda justifica que a calistenia, que, num passado não muito distante, ocupava maior espaço nos programas de Educação Física, caracterizando em grande parte os *systemas*, tornou-se uma pequena parte dos programas diários, e para a qual o interesse e as discussões eram decrescentes (BERRY, 1932) conforme poderemos inferir mais adiante neste estudo. Destacando o desenvolvimento dos esportes e jogos coletivos, o autor afirma:

Em alguns países tem sido, mesmo notável o desenvolvimento dos esportes e jogos de quadro,¹⁶ os quais sempre caracterizaram a vida esportiva da Inglaterra, delles brotando o conhecimento, o apreço e a prática do cavalheirismo nos esportes, que é tradicional no povo inglês (BERRY, 1932, p. 18).

Num ponto que diretamente nos interessa, pois pode ser entendido como uma sugestão de modelo a ser adotado, Berry cita o fato de que, recentemente, naquele início da década de 1930, na América, houve um crescimento do interesse pelos jogos de competição, com maiores ou menores graus de contato físico entre os praticantes, os quais, para o autor, parecem ter grandes valores sociais, éticos e emocionais. Tais jogos, na opinião de Berry, se transformariam, graças a uma sábia e adequada direção, em verdadeiros laboratórios de formação de caráter, e que “[...] o enorme desenvolvimento verificado nestes esportes prova também seu valor intrínseco. Qualquer *systema* moderno de educação *physica* deve dedicar grande espaço aos campos dos esportes” (BERRY, 1932, p. 18).

Rezende, em 1920, como secretário do delegado-geral de Recenseamento da Bahia, em viagem pelo interior desse Estado, refletiu sobre dois fatores que percebeu como importantes para o fortalecimento da identidade nacional: o esporte e a música, que ele insinua como sendo “[...] fortalecedores da unidade espiritual do povo brasileiro” (REZENDE, 1932, p.51). Esse autor afirma:

¹⁶ “Jogos de quadro” equivalem a “jogos de equipes”, lembrando que utilizamos, como documentos, periódicos publicados há cerca de 80 anos, quando se usavam expressões diferentes das atuais, para as quais, felizmente possuímos equivalentes e o contexto nos permite deduzir seu significado (BERWANGER; LEAL, 2008).

Podem os povos falar até línguas e dialectos diferentes; podem ter costumes desiguaes; podem ter religiões diversas; se tiverem, entre si, affinidade emocional, possuem mais, do que outro que desfructe dos primeiros elementos, característica de um povo coeso (REZENDE, 1932, p.51).

Ao estudar a cidade de São Paulo na década que se iniciava no ano seguinte à viagem de Rezende, Sevcenko (1992) nos traz informações sobre essa necessidade criada de se movimentar, à qual ele chama de “[...] bombardeio sensorial e emocional” (1992, p. 32) numa época de mudanças de hábitos, conforme o excerto que segue:

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito. Sob o epíteto genérico de ‘diversões’, toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana: esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, sauna, ginástica sueca, ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade, toda semana (SEVCENKO, 1992, p. 33).

Para esse autor, esse surto esportivo era catalisador de uma sociedade competitiva, e a prática esportiva possuía um papel a desempenhar na formação desse *novo homem* (1992) do qual o País necessitava para se colocar *ao nível do século*, como se dizia nessa primeira metade do século XX.

Sevcenko (1992) nos informa que, já no primeiro dia de 1919, o cronista de esportes¹⁷ do jornal *O Estado de S.Paulo* se mostrava entusiasmado ao notar o progresso que os esportes haviam alcançado no ano anterior, com aumento do número de praticantes dos esportes já existentes no País, mas também com a introdução de esportes novos. Dando continuidade ao relato entusiasmado desse

¹⁷ Não identificado por Sevcenko.

jornalista não identificado, Sevcenko diz que, 20 dias mais tarde, os esportes estavam se desenvolvendo de forma progressiva, por todos os cantos da cidade de São Paulo, com muitas modalidades, as quais ele enumera:

A lista de fato é enorme e incluiria várias modalidades de provas pedestres, náuticas, ciclísticas, motociclísticas, automobilísticas, provas de natação, nado coordenado, saltos ornamentais, provas de tiro, esgrima, polo, boxe, luta romana, ginástica sueca, ginástica com aparelhos, ginástica rítmica, demonstrações coletivas, beisebol, etc. (SEVCENKO, 1992, p. 44).

Ainda sobre o fenômeno esportivo que tomava conta da cidade, Sevcenko nos diz que foi considerado como uma grande conquista social e mais, como um marco na história da humanidade, conforme o trecho que extraímos de seu estudo:

Considerado um avanço incontestável, uma conquista social, seu advento [do fenômeno esportivo] marcava uma nova etapa na história da humanidade. De par com as últimas descobertas tecnológicas, de fato como um desdobramento delas, se destacou a noção de que o corpo humano em particular e a sociedade como um todo são também máquinas, autênticos dínamos geradores de energia. Quanto mais se aperfeiçoassem, regulassem, coordenassem esses maquinismos, tanto mais efetivo seria o seu desempenho e mais concentrada sua energia potencial. Novamente, o momento catalisador dessa nova consciência foi em especial a [Primeira] Grande Guerra. O concerto de forças e recursos postos em movimento pelo esforço da Guerra, compondo vínculos precisamente encadeados entre os lares, as indústrias, a administração central, os meios de transporte e comunicação e a frente de batalha, é que deu substância ao novo conceito de 'guerra total'. Antes da guerra, a idéia de que os corpos orquestrados e suas potencialidades físicas representassem uma dimensão mais significativa da realidade, do que aquela expressa pela imaterialidade buliçosa das mentes, era minoritária e chocante, embora ascendente. Após a Guerra ela era um dogma, consagrado pelos exércitos nos campos de luta, confirmado por novas correntes das ciências sociais, assumido pelas gerações mais jovens de líderes políticos e flertado pelas tendências mais agressivas das artes modernas (SEVCENKO, 1992, p. 45).

Sevcenko, ao comentar um artigo do jornal *O Estado de S. Paulo*, do dia 26 de novembro de 1919, diz que o surto desportivo “[...] era tido também como um fator de incremento da produtividade econômica” (1992, p. 47) e ainda:

[...] Não deveria escapar de fato a nenhum observador atento o quanto o adestramento físico e as suas necessárias implicações em termos de hábitos de higiene, profilaxia, alimentação e regularização da vida cotidiana,

acarretariam não só em aumento das aptidões físicas individuais, mas sobretudo numa consistente disciplina do comportamento e num estímulo extraordinário dos dispêndios de atividade, os quais causariam um impacto principalmente na dimensão das expressões coletivas (SEVCENKO, 1992, p. 47).

Rezende (1932), ao escrever o texto *Os esportes como elemento de coesão nacional*, percebe a possibilidade de os esportes coletivos se tornarem, juntamente com a música, elementos que promoveriam essa almejada coesão nacional, pois criaria o que ele chama de *afinidade emocional*. Em suas ponderações, o autor observa:

Estou, pois, intimamente convencido de que a unidade nacional, fadada a desaparecer por circunstâncias mesológicas e, sobretudo pelo desmensurado afluxo de populações de índole completamente diversa da nossa, como sucede no sul do paiz encontrará ainda, na musica popular e nos sports *associativos* [grifo do autor] (e não nos individuaes, como box, esgrima) a força de coesão necessária para nos conservar um mínimo irreductível de afinidade emocional (REZENDE, 1932, p.51).

Tal afirmativa nos permite perceber parte das ideias circulantes sobre a criação de uma unidade nacional, tal como o processo que havia se iniciado nos Estados Unidos da América, criando sua hegemonia interna.

Parece-nos que Rezende entreviu toda essa configuração que Elias sistematizaria alguns anos depois, tomando o desenvolvimento do esporte como um dos elementos que caracterizariam uma sociedade em processo de civilização, num gesto mimético, ou seja, da substituição por coisa semelhante que evocasse se não as mesmas emoções, algo que as valessem:

O termo 'mimético' refere-se a este aspecto de um tipo de factos e experiências de lazer. O seu sentido literal é 'imitativo', mas já na Antiguidade era usado num sentido mais alargado e figurado. Referia-se a todas as espécies de formas artísticas na sua relação com a 'realidade', quer possuíssem um carácter de representação ou não. Contudo, o aspecto mimético que é uma característica comum de todos os factos de lazer classificados sob esse nome, destacado ou minimizado segundo as avaliações correntes, desde as tragédias e sinfonias até ao póquer e à roleta, não significa que se trate de representações de factos da 'vida real', mas antes que as emoções — os sentimentos desencadeados por elas — estão relacionadas com as que se experimentam em situações da 'vida real' transpostas apenas e combinadas com uma 'espécie de prazer'. Social e

individualmente, possuem uma função e um efeito diferente sobre as pessoas (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 125).

Elias, ao analisar o fenômeno esportivo e sua relação com as emoções proporcionadas pelos esportes, faz a seguinte ponderação:

Reconhecidamente, essas emoções de fato têm, em forma 'refinada', racionalizada, seu lugar legítimo e precisamente definido na vida cotidiana da sociedade civilizada. E isto é muito característico do tipo de transformação através do qual se civilizam as emoções. Para dar um exemplo, a beligerância e a agressão encontram expressão socialmente permitida nos jogos esportivos. E elas se manifestam especialmente em participar como 'espectador' (como por exemplo, em lutas de boxe), na identificação imaginária com um pequeno número de combatentes, a quem uma liberdade moderada e precisamente regulamentada é concedida para liberação dessas emoções. E este viver de emoções assistindo ou mesmo apenas escutando (como, por exemplo, a um comentário na rádio) é um aspecto particularmente característico da sociedade civilizada. Esse aspecto determina em parte a maneira como se escrevem livros e peças de teatro e influencia decisivamente o papel do cinema em nosso mundo. Essa transformação do que, inicialmente, se exprimia em uma manifestação ativa e frequentemente agressiva, no prazer passivo e mais controlado de assistir (isto é, em mero prazer do olho), já é iniciada na educação e nas regras de condicionamento dos jovens (ELIAS, 1994, p. 200).

Em *O esporte na cidade*, Lucena (2001) se refere ao esporte como um dos elementos fundadores de inúmeras configurações que tornam possível perceber e revelar a soma de esforços de controle numa sociedade que se diversifica na medida em que crescem as redes de interdependências e se manifestam formas distintas de relacionamento e comportamento no ambiente urbano. Tendo Elias como principal referência, Lucena nos fala sobre a dinâmica desse processo e suas implicações nessa sociedade em desenvolvimento, apontando que

[...] as ações, como os esportes denotam a interpenetração de tempos sociais diversos, na medida em que, aliado à urbanização e favorecido por uma crescente diferenciação técnica, via meios de transportes, comunicação, etc., esse esporte possibilitou uma infiltração de caráter amplamente cultural e, de certa forma, não exclusivamente relacionada com as mudanças de regimes políticos ou de sistemas de trabalho (LUCENA, 2001, p. 139).

Assim, esse autor vê o esporte como “[...] promotor de configurações que permitem o entrechoque das diferenças, num ‘jogo’ que torna possível expressar a diversidade” (LUCENA, 2001, p. 144).

Ainda em Elias e Dunning, encontramos apoio às ideias de Rezende sobre as emoções que, ao provocar uma catarse coletiva, dariam ao povo brasileiro aquilo que esse autor chama de *unidade espiritual*:

O desporto, tal como outras actividades de lazer, no seu quadro específico pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do *stress*. O quadro do desporto, como o de muitas outras actividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo — ou desespero (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 79).

Entretanto, os autores ainda nos trazem a ideia de que, numa sociedade em processo de civilização, os constrangimentos aos quais somos submetidos alcançam também o âmbito esportivo pela adoção de regras que, à medida que se tornam obsoletas ou restringem demasiadamente as emoções, podem ser substituídas ou modificadas:

O desporto — qualquer que seja — é uma actividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exigem certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. Mas todos os tipos de desportos têm funções específicas para os participantes, para os espectadores ou para os respectivos países em geral. Quando a forma de um desporto fracassa na execução adequada destas funções, as regras podem ser modificadas (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 230).

Incorporados ao conjunto de atividades que incluíam a ginástica e outras atividades físicas, os esportes viriam a se constituir como parte daquilo que passou

a se chamar Educação Física, paulatinamente ocupando tempos e espaços anteriormente ocupados pela ginástica. Retomando a ideia de Rezende, os esportes passaram a cumprir o papel de excitar os ânimos. Com isso, segundo esse autor, fariam surgir o que ele chamou de unidade espiritual do povo brasileiro, criando um vínculo entre os esportistas, torcedores dos times e seleções nacionais desses esportes.

1.1 REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA: DISPUTAS INTERNAS

Neste estudo, abordamos as disputas internas no campo editorial da Educação Física brasileira, iniciadas em 1932, com as duas primeiras publicações da área, a partir de lugares diferentes: *Revista de Educação Física*, publicada pela Escola de Educação Física do Exército, e revista *Educação Physica*, uma publicação da Cia. Brasil Editora.

Entendemos por disputas internas o enfoque dado aos temas e culturas que, por sua representação hegemônica, em seus países de origem, são tomados como modelo de eficácia e modernidade nos artigos e, mais especificamente, consideramos como disputa interna a mudança de foco sobre determinados temas e tendências dentro de uma mesma revista.

Buscamos, ao ter contato com a materialidade e as ideias apresentadas nas páginas dessas duas publicações, identificar os padrões culturais representados nos e pelos artigos sobre ginástica, esporte, prescrições higiênicas e morais, para compreender como se deu a circulação desses padrões culturais americanos, alemães, franceses e outros nas páginas dessas revistas.

Não é demais lembrarmos que a proximidade ideológica entre a Alemanha e os Estados Unidos em algumas questões se deve, entre outros motivos, à religião predominante: o cristianismo protestante em suas diversas denominações.¹⁸ Certamente esse fator contribuiu para que ambos os países procurassem ter, por

¹⁸ Igrejas batistas, metodistas, presbiterianas, adventistas etc.

essa proximidade, se não uma igualdade em seus níveis de desenvolvimento, ao menos o reconhecimento como superiores, em muitos aspectos, sobre as nações de religião católica.

Os estadunidenses acreditavam no chamado *destino manifesto*, um ideário que, em síntese, se referia a um conjunto de crenças nacionalistas e expansionistas apoiadas pela religião e pela ética protestante. Segundo Dias (1997, p. 130):

Na visão ideal norte-americana, a americanização do mundo significa uma América síntese das esperanças humanas, terra prometida. O nascimento de uma nação abriria assim o caminho para uma idade de ouro, pois o destino manifesto dos Estados Unidos não se confinaria apenas a seus cidadãos, mas principalmente a todo continente americano, onde a 'pujante Nação' teria o dever de difundir os seus valores democrático-liberais'.

A seguir, analisamos, com base nos indícios localizados nas revistas, as disputas internas, buscando fazê-los *falarem*, mesmo que contra a vontade de quem os produziu, organizou ou publicou, usando para isso o recurso da mediação.

1.2 REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO E REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA: OS PADRÕES CULTURAIS, A GINÁSTICA E O ESPORTE

Para compreendermos a circulação de padrões culturais nessas duas revistas, julgamos pertinente identificar a nacionalidade dos autores presentes tanto na *Revista de Educação Física* quanto na *Educação Physica*. A etapa seguinte foi localizar artigos que se referissem aos métodos ginásticos.

Com relação ao esporte, procuramos identificar os artigos referentes às modalidades praticadas no Brasil ou sugeridas aos leitores, buscando compreender até que ponto a difusão desses esportes no Brasil fez circular a cultura de seus países de origem ou onde mais se desenvolveram.

Por fim, julgamos pertinente quantificar as prescrições higienistas e moralizantes, escritas por estrangeiros ou brasileiros que tenham mencionado algum outro país como exemplo, tomando essa maior ou menor circulação como um

indício, visando a compreender como essa circulação representava os avanços de seus países de origem.

1.2.1 Autores presentes na revista

Para que possamos entender até que ponto os padrões culturais e suas representações foram tomados como referência no Brasil, procuramos conhecer a nacionalidade dos autores que circularam nas revistas, quantificando a presença de cada nacionalidade nas publicações entre 1932 e 1950, tomando esses números como indícios da maior ou menor circulação de autores estrangeiros.

Na *Revista de Educação Física*, publicada pela Escola de Educação Física do Exército, pudemos identificar 48 artigos de autores estrangeiros, de 10 nacionalidades diferentes, e ainda aqueles classificados como hispanos, ou seja, os de língua espanhola. Na revista *Educação Physica*, os autores de 19 nacionalidades, incluindo aqueles classificados como hispanos,¹⁹ obtiveram o total de 377 artigos publicados. A comparação numérica com relação à origem de autores pode ser vista no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Origem dos autores nas revistas *Educação Physica* e *Revista de Educação Física* (continua)

Nacionalidade	<i>Educação Physica</i>	<i>Rev. de Educação Física</i>
Alemã	20	-
Americana	237	15
Argentina	10	5
Australiana	2	-
Austríaca	1	-
Belga	2	-
Brasileira	317	209
Britânica	6	-
Chilena	6	1
Espanhola	1	-
Francesa	56	12

¹⁹ Hispano(a) é um termo derivado de *Hispânia*, nome dado à região da Península Ibérica no período do Império Romano, onde hoje se localizam Espanha, Portugal, Gibraltar e Andorra. Esse termo é utilizado pelos povos de origem latina para designar de forma genérica os povos de língua espanhola.

Quadro 1 – Origem dos autores nas revistas *Educação Physica* e *Revista de Educação Física* (conclusão)

Nacionalidade	<i>Educação Physica</i>	<i>Rev. de Educação Física</i>
Grega	-	1
Hispana	21	3
Húngara	2	1
Indiana	1	1
Italiana	3	2
Japonesa	1	-
Portuguesa	1	-
Russa	1	1
Suíça	2	-
Sul-Africana	1	-
Uruguiaia	3	-

É importante frisar que a diferença numérica encontrada entre a coleta de dados feita para esta pesquisa e a de Schneider (2010, p. 180,181) se deve ao procedimento adotado, pois esse autor identificou a nacionalidade a partir da afirmação contida sobre ela mesma nos artigos, classificando como *não identificado* quando não havia uma menção ao país de origem. Para identificarmos a nacionalidade dos autores, procedemos, inicialmente, a uma busca no *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)* (FERREIRA NETO *et al.*, 2002), incluindo aqueles que, por seus nomes, pudessem ser identificados como brasileiros. Feito isso, procuramos por *indícios* (GINZBURG, 2000) nas revistas, que identificassem sua nacionalidade, ocorrendo casos em que autores com nomes e sobrenomes de origem estrangeira foram identificados como brasileiros descendentes de imigrantes. Quando não encontramos indícios de sua nacionalidade na revista, seja pelo tema tratado, seja por menção do *lugar* de onde escreviam, recorreremos aos *sites* de busca *Google* e *Wikipédia*, visando a identificar a nacionalidade dos autores. Descartamos os autores cuja nacionalidade não puderam ser identificada por referência direta à sua nacionalidade ou por indícios e, no caso de autores cujos nomes e sobrenomes indicavam uma ascendência de origem espanhola, mas cuja nacionalidade não pôde ser de algum modo identificada, classificamos como *hispanos*.

Lembramos, com Ferreira Neto (1999, p. 7), que “[...] as raízes européias da Educação Física brasileira representam a confirmação das influências propostas

oriundas da caserna no contexto europeu, que vão disseminar-se pela nossa sociedade inteira”. Esse autor afirma ainda que, entre 1850 e 1930, havia

[...] grandes esforços para incorporar as conquistas européias nos campos da economia, da indústria, do saneamento básico, da saúde, da educação, enfim, das liberdades individuais e coletivas para as camadas mais ampliadas da população. A incorporação dessas conquistas permitiria ao país superar o modelo agroexportador e inserir-se no modelo industrial, para o qual se exigia um projeto nacional de que fazia parte a constituição de um ‘novo homem brasileiro’, no que a Educação Física foi coadjuvante por meio dos médicos-higienistas e, de modo sistemático, pelos militares (FERREIRA NETO, 1999, p. 7).

Em seu estudo, o autor investiga se, caso os militares houvessem de fato sido responsáveis pelo processo de escolarização da Educação Física brasileira, se teriam também desenvolvido uma teoria pedagógica para o seu ensino e, com isso, busca relacionar a atuação dos chamados *jovens turcos*²⁰ e da Missão Militar Francesa com esse processo. No seio dessa instituição militar, ocorreram disputas acerca de modelos a serem adotados para a instrução das tropas, conforme podemos inferir:

Não há dúvida em se afirmar que as reformas [do ensino militar] de 1918 e 1919 foram elaboradas sob a influência dos oficiais que haviam estagiado no Exército Alemão. É deles a ultravalorização dos assuntos especificamente militares, de caráter prático, as normas para matrículas, a instituição da Missão Indígena, e, também, a resistência à presença dos franceses na Escola Militar. O modo de atuação desse segmento do Exército ficou conhecido como ‘germanismo técnico’, que os levava a desmerecer tudo que não fosse caracterizado com a marca alemã.

No currículo de 1924, há um retorno de disciplinas de caráter teórico combinado com estudos práticos. Isso significa a presença da Missão Militar Francesa no Realengo (FERREIRA NETO, 1999, p. 7).

Assim se configura um predomínio das ideias francesas na elaboração do currículo até que, com as mudanças na política que possibilitaram a ascensão de Getúlio Vargas à presidência no governo provisório,

²⁰Os “jovens turcos” eram oficiais do Exército brasileiro que estagiaram no Exército alemão durante os anos de 1906 a 1912. Ao retornarem ao Brasil, iniciaram uma campanha de modernização do Exército, que, desde o início, extrapolou os limites da caserna, ao propor mudanças no meio civil, que abarcavam desde o desenvolvimento da indústria de base até a aplicação do serviço militar obrigatório. Disponível em: <http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1208722528_ARQUIVO_Osjoventurcosco moatorespoliticos-AnpuhRJ.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2012.

[...] é nomeado para a Direção da Escola [Militar] de Realengo o General José Pessoa. No discurso de posse, realizado a 15 de janeiro de 1931, o General anuncia a orientação que a Escola passará a ter. As mudanças na Escola seguirão os 'moldes' de *West-Point*, *Saint-Cyr* e *Sandhurst*,²¹ sendo que a formação do oficial brasileiro terá como base a Educação Física; como meio, a cultura geral científica; e, como fim, uma rigorosa preparação profissional (FERREIRA NETO, 1999, p. 31).

Ou seja, o modelo proposto é híbrido, reunindo contribuições dos americanos, franceses e ingleses, tendo, na Educação Física e no cientificismo, o suporte para a formação profissional no exército (FERREIRA NETO, 1999, p. 31).

Em 1934, uma Missão Militar Americana é contratada “[...] para atuar no Centro de Instrução de Artilharia da Costa, ministrando aulas de Pedagogia e Instrução Militar, a partir de então” (FERREIRA NETO, 1999, p. 32). Do trabalho nesse centro de instrução da Marinha resultou “[...] um certo modo de fazer e de dizer tipicamente americano” (MOTTA, *apud* FERREIRA NETO, 1999, p. 34). Bandeira (1978, p. 264) completa essa informação sobre a presença americana entre os militares:

Desde 1934, os Estados Unidos expandiram seus contactos militares com o Brasil. Logo no início daquele ano, o Secretário da Guerra, George H. Dern, designou o Tenente-Coronel Rodney H. Smith e o Capitão William D. Hohenthal para compor a Missão Militar, encarregada de desenvolver o Serviço de Artilharia de Costa do Brasil. E, pouco tempo depois, nomeou o Major Lehman W. Miller para exercer a função de instrutor do Curso de Construção Técnica do Exército Brasileiro. Oswaldo Aranha, como Embaixador, estabeleceu também outros vínculos, obtendo, em 1936, a assistência da Marinha americana para a construção, no Brasil, de 3 *destroyers* de 1.500 toneladas, com material e planos fornecidos pelos Estados Unidos.

Moura (1984) nos relata que a presença americana no Brasil chegou a ser tão ostensiva em certo momento, que Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, chegou ao ponto de fazer um comentário bem humorado, mas que sugeria certa preocupação com a *invasão* por parte dos americanos:

No plano do intercâmbio, a atividade do Birô [*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*] e outras agências públicas e privadas dos Estados Unidos foi avassaladora. Embora o intercâmbio sugerisse troca de experiência e de especialistas em bases igualitárias, o movimento assumiu

²¹ Academias militares americana, francesa e inglesa, respectivamente.

duas características preocupantes: primeiro, o número de americanos que vieram ao Brasil durante a guerra era infinitamente superior aos brasileiros que iam aos Estados Unidos. Em 1942, já estávamos inundados de jornalistas, radialistas, editores, professores, cientistas, escritores, músicos, diplomatas, empresários, técnicos, estudantes, pesquisadores de mercado oriundos do norte — o que levou o ministro Osvaldo Aranha à tirada bem-humorada de que ‘mais uma missão de boa vontade e declaramos guerra aos Estados Unidos!’ A própria Embaixada americana preocupava-se com o número de seus compatriotas ensinando, indagando, investigando e também gastando de uma maneira pouco comum entre os brasileiros (MOURA, 1984, p. 49).

Como Moura nos mostra, a presença americana era bastante grande a ponto de causar alguma preocupação tanto por parte dos brasileiros quanto por parte da embaixada americana, o que nos leva a inferir que, apesar das missões estrangeiras contratadas e de oficiais viajando para cursos no exterior, isso seja um dos motivos para uma *possível* orientação editorial do comando do Exército que controlava a entrada de autores estrangeiros nas páginas da revista, já que se tratava de uma autarquia do Estado brasileiro que estava em processo de construção de sua identidade e se encontrava sob regime ditatorial em grande parte desse período estudado. Essa é uma conjectura para a qual encontramos apoio em Ginzburg:

[...] Faz parte da miséria do homem o não poder conhecer mais do que fragmentos daquilo que já passou, mesmo no seu pequeno mundo; e faz parte da sua nobreza e da sua força o poder de conjecturar para além daquilo que pode saber. A história, quando recorre ao verossímil, não faz mais do que favorecer ou estimular essa tendência. Então, por um momento, deixa de narrar, porque a narrativa não é naquele caso um instrumento bom, e adota, em vez dele, o instrumento da indução: e deste modo, fazendo o que é pedido pela diversa natureza das coisas, acaba por fazer o que convém ao seu novo intento (GINZBURG, 1989, p. 197-198).

Compreendemos que se procuravam valorizar os artigos de autores nacionais, mesmo que esses se apropriassem de ideias e teorias estrangeiras, mas, ainda assim, os indícios apontam que os editores fizeram concessões para a entrada desses autores americanos, talvez como forma de assegurar sua posição na disputa pelo campo editorial, tendo arautos da modernidade falando por si mesmos e não apenas inspirando os brasileiros que escreviam nessa revista.

1.2.2 Os métodos ginásticos

Sistemas de atividade física que deram origem ao campo denominado Educação Física a partir do final do século XIX, os métodos ginásticos europeus, embora em menor quantidade que outros assuntos, também foram tema de artigos publicados nessas duas revistas, onde são apresentados como atividades físicas funcionais, com objetivos bem definidos. Essa menor quantidade pode ter relação com o decréscimo do interesse por esse tipo de exercício nesse início do século XX, conformenon relatou Berry (1932).

Goellner (1992) estuda o Método Francês, tendo inclusive, como parte de seu *corpus* documental, as revistas *Educação Physica* e *Revista de Educação Física*, de onde extrai informações para o desenvolvimento do seu estudo. Ao realizar a pesquisa, Goellner analisa como se deu a substituição de um método por outro, como forma de nortear a inclusão dos exercícios físicos na escolarização dos alunos. Para a autora:

No tocante às atividades físicas e sua inserção no contexto escolar, os métodos ginásticos alemão, sueco e francês que despontaram no século XIX, traduziram-se nas primeiras sistematizações de exercícios físicos, apresentando como objetivos, resguardadas as especificações de cada país: a regeneração da raça, a promoção da saúde e a formação do homem forte e corajoso, útil à nação tanto pelo desempenho nas guerras como pela atuação na esfera da produção industrial. Acrescidas a essas intenções estavam presentes ainda aquelas destinadas à perpetuação da mulher enquanto geradora dos filhos da pátria, para as quais se pregava um trabalho corporal específico para o pleno entendimento desse fim (GOELLNER, 1992, p. 39).

Segundo Goellner, a opção pelo Método Francês se deu em função da importância que o seu conteúdo conquistou entre os intelectuais que julgavam o que seria mais apropriado para o que viria a ser chamado de Educação Física escolar, não apenas por ter sido hegemônico por um longo período, mas, principalmente, pela maneira com que esse método se desenvolveu: “[...] deixando marcas profundas no fazer pedagógico desta disciplina curricular” (GOELLNER, 1992, p. 3).

Essa autora relata que, por volta de 1886, 1887, os militares ganham força e conquistam espaços na sociedade civil, tendo a Educação Física como sua aliada para que estendessem sua rede de influências também no meio escolar

(GOELLNER, 1992). Diante dessa conjuntura, a autora nos fala sobre a chegada do Método Ginástico Alemão:

Foi dentro deste cenário de fortalecimento do poderio militar que o Método Ginástico Alemão chegou ao Brasil, alastrando-se quase que isoladamente por todo o país, com uma conotação militarista que intencionava a formação de uma raça forte aos moldes do homem europeu, tal como pensavam os higienistas.

Esse método chegou ao Brasil na segunda metade do século XIX pelas mãos de soldados mercenários contratados por Dom Pedro II para elevar o contingente do Exército Brasileiro ao qual passou a ser incorporado em 1860 (GOELLNER, 1992, p. 114).

Ainda sobre o Método Alemão, que precede a ascensão e a oficialização do Método Francês, Goellner (1992, p. 115-116) nos diz:

O Método Alemão perdurou de forma hegemônica nas escolas brasileiras até aproximadamente 1920 e dimensionou sua prática a partir de paradigmas que privilegiaram a eugenia, o higienismo e a disciplina, desempenhando o papel de colaborador do sistema político vigente, reforçando inclusive, os princípios da ideologia liberal emergente e o ideal republicano da ordem e do progresso.

É pertinente ressaltar que quando Jahn estruturou seu modelo ginástico previa também melhorar a condição física do seu povo, pois a Alemanha, nesse período, estava subjugada ao império napoleônico.

Esse propósito impulsionou Jahn e se constituiu o fio condutor do TURNEN, movimento pedagógico de caráter político-nacionalista que visava, num primeiro momento, à libertação do povo alemão do jugo de Napoleão e, em seguida, do poder imperial interno.

Porém, devido a duas características da política brasileira, o militarismo e o autoritarismo, o Método Alemão, segundo Goellner, foi, ainda no Império, rechaçado por Rui Barbosa em seu Parecer nº 224, expedido no ano de 1882 (GOELLNER, 1992, p. 117). A autora nos diz ainda que,

[...] Para elaboração desse parecer, Rui Barbosa se embasou num estudo documental sobre Educação Física desde a Grécia, analisando ainda como esta acontecia em diferentes países do mundo. Baseado em tal estudo, aconselhou a substituição do Método Alemão pelo Método Sueco por entendê-lo mais adequado à realidade da escola, sustentando a opinião que não se tinha como objetivos a formação de acrobatas, mas sim de desenvolver nas crianças o vigor físico necessário ao equilíbrio da vida, à

felicidade da alma, à preservação da pátria e a dignidade da própria espécie (GOELLNER, 1992, p. 118).

A ginástica, apontada como fundamental na formação de um novo indivíduo, era defendida por Rui Barbosa e outros intelectuais por seu caráter científico, na medida em que era legitimada por pesquisas na área da fisiologia, anatomia e biologia. Essa abordagem científica lhe conferiu *status*,

[...] possibilitando uma maior expansão do pensamento higienista no período republicano, onde os médicos começaram a assumir cargos e a imiscuírem-se na vida administrativa do país, inclusive por meio de ações intervencionistas que foram apoiadas pelo próprio Estado (GOELLNER, 1992, p. 120-121).

Segundo Goellner, no início do século XX, o Método Alemão começou a perder espaço na Educação Física civil, num primeiro momento, para o Método Sueco e depois para o Método Francês e prossegue em seu texto:

[...] O modelo ginástico sueco foi amplamente incentivado no Brasil por Rui Barbosa que defendia sua aplicação nos programas de ensino em razão da sua dimensão pedagógica, considerada por este como a mais adequada na formação das crianças.

Porém, na realidade o Método Sueco, no Brasil, sustentou os mesmos objetivos que o Método Alemão e que estavam ligados ao fortalecimento da raça e à conseqüente preparação do indivíduo necessário à produção. Mesmo tendo conquistado a simpatia dos médicos e de intelectuais como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, não obteve concretamente na instituição escolar muita legitimidade. Este espaço acabou sendo ocupado pelo Método Francês que não apenas popularizou-se no país como ainda foi adotado oficialmente e, mais que isso, tornou-se obrigatório em todas as instituições de ensino (GOELLNER, 1992, p. 121-122).

Ruy Barbosa, em seu Parecer, de 1882, publicado em parte na revista *Educação Physica* (PARECER, 1934, p. 31-34, 55-56), discorre sobre o que ele considerava como o que existia de mais avançado sobre a educação integral nessa época e afirma:

A civilização científica dos nossos tempos veio sancionar, com todo o peso das leis biológicas, profundamente estudadas nesse século, esta verdade, elementar hoje em matéria de educação, que o instinto philosophico e o genio da arte revelaram por intuição à antiga Hellade: a inseparabilidade do espirito e do corpo na formação da intelligencia e dos costumes humanos (PARECER, 1934, p. 34).

Esse autor cita ainda “[...] um dos mais proeminentes pedagogos americanos” (PARECER, 1934, p. 55), recomendando a ginástica como meio de renovação das energias intelectuais. Esse pedagogo não é mencionado na revista, mas é identificado como Wickersham²² nas *Obras completas*, v. X, t.II (BARBOSA, 1946).

Sobre a chegada do Método Francês ao Brasil, Goellner relata, em seus estudos:

[...] O Método Francês chegou ao Brasil no ano de 1907, através de uma missão militar francesa contratada para ministrar instrução militar à Força Pública do Estado de São Paulo, onde fundou uma ‘Sala de Armas’ que mais tarde originou a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo [...].

No entanto, anteriormente a esta data, o Método Francês já inspirava alguns projetos elaborados por intelectuais brasileiros. Em 1905, por exemplo, o Dr. Jorge Morais apresentou um projeto de lei à Câmara dos Deputados salientando a importância do conhecimento de questões ‘científicas’ no trato com a ginástica, orientação essa inexistente no Método Alemão (GOELLNER, 1992, p. 122).

Goellner (1992) afirma que, durante a Primeira República, ou seja, entre os anos 1889 e 1930, aquilo que viria a se tornar Educação Física se encontrava em seu estágio embrionário e os modelos ginásticos eram sua principal referência, por serem as primeiras formas sistematizadas de trabalho com atividade física, porém, com as mudanças políticas que se arquitetavam para o Brasil,

[...] Se fazia premente assegurar a política emergente que contava com o apoio do Exército, um dos aliados de Getulio Vargas na deferição do golpe [de Estado de 1930], e o Método Francês continha elementos adequados para tal, na medida em que, resguardadas as particularidades da França, privilegiava um caráter nacionalista em defesa também do engrandecimento

²²James P. Wickersham, um pioneiro na formação de professores, estabeleceu a primeira escola normal da Pensilvânia (EUA), e foi responsável pelo desenvolvimento do currículo que serviu de modelo para outras escolas normais no Estado. Foi também o fundador da Associação de Professores do Estado da Pensilvânia. Deixou a universidade de Millerville onde foi director entre 1856 e 1866 para se tornar superintendente estadual de educação” (Disponível em: <<http://www.millersville.edu/about/history.php>>. Acesso em: 28 fev. 2012).

da Pátria, do fortalecimento da raça e da formação do trabalhador industrial produtivo. Ou seja, dentro dos limites da sua provável ação, poderia exercê-la com eficiência, ao valorizar a ordem, a disciplina, o controle da população por meio de seu caráter higiênico eugênico e ideológico, onde posso dizer que, no Brasil, o higiênico e a eugenia velaram o racismo, a ordem e o autoritarismo (GOELLNER, 1992, p. 135-136).

Goellner (1992) considera ainda que o Método Francês não possuía uma concepção esportiva, mas enfatiza que se tratava de um método ginástico, centrando maior atenção nesse elemento da cultura corporal, porém, da forma como se desenvolveu no Brasil, acabou por firmar-se como aquele que difundiu o esporte e assevera:

Ainda no que se refere ao contexto escolar o Método Francês representou no Brasil, uma espécie de ponte entre o esporte e a escola. E com isso quero dizer que o esporte teve no Método Francês legitimidade, ao figurar como uma das suas formas de trabalho, e através dele figurou junto à Educação Física escolar, notadamente, porque o Método Francês foi aquele conteúdo que oficialmente foi tomado como obrigatório para todos os estabelecimentos de ensino do país, sufocando outras metodologias que poderiam ter despontado nessa instituição (GOELLNER, 1992, p. 201-202).

Em estudo sobre a inserção da ginástica – posteriormente denominada Educação Física – nos programas de ensino primário do Estado de Minas Gerais, nas três primeiras décadas do século XX, Vago (2004) discute as representações que conformaram seu ensino. Nessa época, teria ocorrido uma reconfiguração na sua função: se, inicialmente, a ginástica foi orientada como prática ortopédica de correção dos corpos de crianças, a década de 1920 pareceu a esse autor trazer novas exigências para essa disciplina, articuladas às necessidades de organização do âmbito do trabalho e, assim, a eficiência impõe-se como orientador de seu ensino. Da ortopedia à eficiência, a Educação Física procurava entrar em sintonia com a chamada “vida moderna”. Sobre a introdução dos jogos, o autor nos diz:

Interessante notar a representação produzida em torno dos jogos: eles combinariam dois objetivos: produzir ‘alegria’ nas crianças, mas também desenvolver nelas a ‘força’. Percebe-se aí que se a adoção dos princípios escolanovistas estava em andamento em Minas, nem por isso a escola abandonava o primado anterior, de constituição dos corpos de crianças, de que a ginástica era expressão (VAGO, 2004, p. 89).

Tendo também utilizado o periódico como fonte histórica, esse autor nos fala sobre como esse impresso, publicado pelo Estado, sendo assim uma voz autorizada, faz circular prescrições que reforçam a eficiência corpórea que os jogos proporcionam:

[...] a Revista [*do Ensino* de Minas Gerais] defende uma premissa que é recorrente nas seções dedicadas aos jogos: ‘as crianças, que se dedicarem aos jogos, terão superioridade, quer physical, quer moral, sobre os companheiros que tenham desprezado essa disciplina’ (VAGO, 2004, p. 90).

Devido à importância que os métodos ginásticos tiveram na constituição do campo da Educação Física no Brasil, de forma semelhante à que procedemos para identificar os autores estrangeiros, buscamos localizar no *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)* (FERREIRA NETO *et al.*, 2002) os artigos que tratassem de métodos ginásticos, publicados entre 1932 e 1950. No Quadro 2, apontamos a quantidade de artigos que trataram sobre os métodos ginásticos ou seus criadores, publicados na *Revista de Educação Física* publicada pela EEFÉ e na revista *Educação Physical* editada pela Companhia Brasil Editora.

Quadro 2 – Artigos sobre métodos ginásticos

Método Ginástico	<i>Educação Physical</i>	<i>Rev. de Educação Física</i>
Calistenia	7	-
Alemão	-	5
Francês	1	-
Sueco	1	3

É possível inferir, com base nos indícios encontrados nos periódicos que, embora se tenha procurado incentivar a prática da ginástica, foram relativamente poucos os artigos que faziam referência direta a algum método ginástico específico. A calistenia mencionada diretamente em sete artigos na revista *Educação Physical*, sem ocorrer claramente nos títulos de nenhum artigo na *Revista de Educação Física*.

A calistenia é uma “[...] modalidade de exercícios físicos [...] popularizada na A. C. M. e nos países em que ela exerce a sua atividade, compreende uma série de exercícios executados sem aparelhos ou com aparelhos de mão – halteres, bastões, maçãs, etc.” (O QUE, 1945, p. 17). Tal sistema ginástico foi a “[...] coluna vertebral do programa do departamento de Educação Física da A. C. M.” (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1944, p. 40), que não compreendia uma série de exercícios escolhidos ao acaso ou combinados apressadamente, segundo ocorria ao professor (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1944, p. 40).

Ainda sobre a calistenia, o texto que fala sobre os tipos de exercícios que compunham uma sessão dessa ginástica nos informa: “Além de apoiadas em vários princípios gerais, os exercícios que compõem uma classe devem ter certa seqüência, continuidade, progressão, e estar de acordo com os objetivos que se têm em vista alcançar” (ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, 1944, p. 40).

Marinho nos diz sobre a forma como a calistenia chega ao Brasil:

A Associação Cristã de Moços nos Estados Unidos, por intermédio de Willian Wood e Robert Jeffries Roberts, adotou pra seu programa de educação física o que Lewis tinha denominado ‘a nova ginástica’ e que se popularizou rapidamente, não só no Norte, senão que graças à influência que a instituição desenvolveu no mundo inteiro, logo se viu espalhada pelos cinco continentes, levada pelos Secretários e Diretores de Educação Física graduados nas escolas de Springfield e Chicago. Em alguma forma deu-se à ‘nova ginástica’ o título de Calistenia, e desse modo, chegou a América do Sul por intermédio da Associação Cristã de Moços (MARINHO, [19--], p. 267).

Segundo Marinho [19--], foi a ACM a primeira difusora da ginástica calistênica no Brasil, a partir de 1893, quando foi implantada no Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo. O autor acrescenta:

As ACMS fundadas em outras cidades, dentre as quais Belo Horizonte e Porto Alegre, continuam a difundir a Calistenia, que teve seu período áureo após a Segunda Guerra Mundial, quando chegou a ser adotada pelo Exército Nacional, utilizando ao invés de halteres, bastões ou massas, os fuzis. A própria Escola de Educação Física do Exército, que sempre fora um ferrenho baluarte do Método Francês, promoveu várias demonstrações desse tipo (MARINHO, [19--], p. 61).

Mesmo sendo ainda muito praticada, a ginástica, em seus diferentes métodos, cede espaço nas revistas para os esportes que, paulatinamente, ocupam maior tempo e espaço nas aulas de Educação Física e na sociedade de forma geral.

Essa ruptura com um modelo de Educação Física essencialmente ginástico, como ocorria no século XIX, parece-nos um indício da busca pela modernidade, o que os países do Novo Mundo ansiavam. Porém, na contramão dessa ruptura com a Europa, mesmo os Estados Unidos, tidos pelos países latino-americanos como síntese de modernidade, viam o modelo esportivizante da Alemanha nazista como uma proposta que atendia aos interesses de especialização das habilidades, tal como se fazia interessante ao modelo industrial americano e que, por sua ligação histórica com a Inglaterra, já era afeita às práticas esportivas, como afirma Azevedo (1960) sobre as peculiaridades da escola anglo-americana, com sua predominância esportiva.

Destacamos que o modelo esportivizante cria forma na Grã-Bretanha, sofre apropriações nos Estados Unidos, de onde se faz visível à Alemanha que o adapta para suas necessidades e, então, já modificado, também se faz visível aos países do Novo Mundo. Entendemos isso como uma das formas mais explícitas da circularidade cultural, um processo de constante movimento, que nos permite dar visibilidade ao processo de apropriação, que implica transformação e uso, fases não necessariamente estanques, pois, mesmo durante o processo de implementação, aquilo que se tornou visível ou experimentável num contexto continua em processo de variação.

É preciso frisar, entretanto, que, em especial na revista *Educação Physica*, ocorre uma luta de representações²³ que exalta tanto os Estados Unidos quanto a Alemanha como modelos de modernidade a ser seguidos, como nos aponta Schneider (2010, p. 102):

Mas também é possível perceber que, mesmo nos Estados Unidos da América, as representações estão em disputa, pois algumas matérias traduzidas desse país utilizam a Alemanha como referência no tratamento das questões educacionais e esportivas.

²³Por luta de representações entendemos, a partir da leitura de Chartier, uma luta de imagens e discursos para moldar as visões de mundo e, assim, as práticas sobre este mundo. Esse conceito é explicado melhor na introdução deste trabalho.

Isso nos leva a pensar que, da mesma forma que nos apropriamos, no Brasil, de práticas germânicas, como no caso do Método Ginástico Alemão que circula em algumas páginas da revista editada pela EEFÉ, os Estados Unidos da América, ao visualizarem o destaque que a Alemanha possuía sob o comando do Terceiro Reich entre as nações europeias, tomaram-na como modelo de esportivização, especialmente após os Jogos Olímpicos de Verão de 1936, nos quais a Alemanha supera os Estados Unidos tanto no total de medalhas quanto nas medalhas de ouro.²⁴

Em muitos artigos de *Educação Física*, mesmo aqueles que não relacionados diretamente com a Alemanha, vemos fotos e gravuras que representam a força e a beleza das formas corporais aliadas aos semblantes austeros, quase sempre tendo ao fundo uma bandeira ou algum monumento que trouxesse a cruz suástica, símbolo hinduísta tomado como emblema do nacional socialismo alemão, como na Figura 1, a seguir, na qual a juventude hitlerista é mostrada, tendo ao fundo a suástica imponente sobre uma construção monumental, num artigo que fala sobre a atualidade da Educação Física em 1938 (BISQUETT, 1938). Na Figura 2, esse mesmo símbolo aparece em estandartes num *playground*, publicado pela primeira vez no n. 17 de *Educação Física*, num artigo que se refere ao significado da Educação Física na vida moderna, escrito por uma americana e traduzido para o português (TRILLING, 1938) e novamente, nesse mesmo ano, no n. 23, num artigo sobre praças de desporto (RODRIGUES, 1938).

²⁴ A Alemanha teve um total de 89 medalhas contra 56 dos Estados Unidos. Foram 33 medalhas de ouro conquistadas pelos alemães enquanto os americanos conseguiram 24 (Disponível em: <<http://www.olympic.org/united-states-of-america>> e <<http://www.olympic.org/germany>>. Acesso em: 26 jan. 2012).

Figura 1 – Juventude hitlerista



Fonte: EDUCAÇÃO PHYSICA, 1938, n. 23, p.13.

Figura 2 – Playground



Fonte: EDUCAÇÃO PHYSICA, 1938, n. 17, p.10 e n. 23, p. 58.

A partir de 1941, quando o Brasil rompe ligações diplomáticas com a Alemanha, essas imagens e artigos deixam de ser veiculados, dando lugar a um movimento de tensão e de críticas ao tipo de organização esportiva nazista, conforme Schneider (2010, p. 191):

As representações sobre a melhoria da raça, via *esportivização* da sociedade, segundo o modelo alemão, são muito fortes no periódico e somente depois que o Brasil rompe relações diplomáticas com a Alemanha é que esse país deixa de ser o exemplo a ser seguido, o que culmina com a fase em que a Revista passa a ter dificuldade para manter sua periodicidade.

Já na *Revista de Educação Física*, as fotografias e ilustrações sobre a Alemanha foram usadas apenas como registro fotográfico ou para ilustrar artigos que se relacionassem diretamente com o esporte ou a ginástica praticados na Alemanha.

Cinco capas da *Revista de Educação Física* fizeram referência aos Jogos Olímpicos, realizados em 1936, em Berlim (Figuras 3, 4, 5, 6 e 7 a seguir). A primeira foi a de n. 11, publicada em outubro de 1933, no qual a águia, símbolo do *Reich*, é colocada sobre os anéis olímpicos na representação de um sino, onde se lê “*Ich rufe die jugend der welt*” – *eu chamo a juventude do mundo*, em alemão – lema dos Jogos Olímpicos, tendo ao fundo três faixas com as cores negra, branca e vermelha, cores da bandeira da Alemanha nazista.

A última capa que fazia referência à Alemanha foi a do n. 36, publicada em novembro de 1937. Na revista *Educação Physica*, apenas a capa do n. 10 faz uma alusão direta à Alemanha Nazista, mostrando sua bandeira entre as bandeiras do Brasil, Itália, Portugal e Argentina – quatro países sob regime ditatorial, e a Argentina, sob a presidência do general Justo, alinhada ideologicamente ao Brasil (Figura 8).

Figura 3 – Capa n. 11 Revista de Educação Física



Figura 4 – Capa n. 23 Revista de Educação Física



Figura 5 – Capa n. 26 Revista de Educação Física



Figura 6 – Capa n. 28 Revista de Educação Física

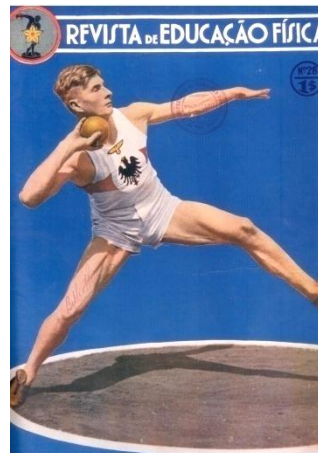


Figura 7 – Capa n. 30 Revista de Educação Física

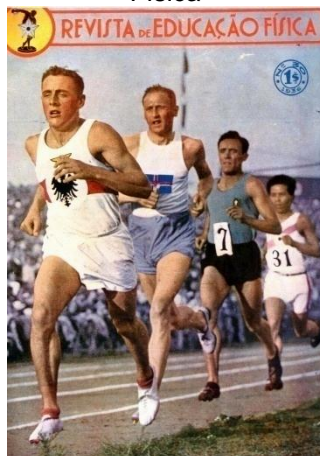
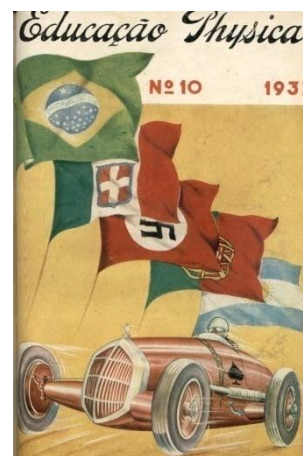


Figura 8 – Capa n. 10 Educação Phisica



As referências à Alemanha continuaram até o n. 48 da *Revista de Educação Física*, publicada em setembro de 1941, porém, mencionando o Método Ginástico Alemão, sem o uso de fotografias ou ilustrações. Após esse período, os editores deixam de veicular artigos ou imagens relacionados com a Alemanha, devido ao rompimento diplomático do Brasil com o *Reich*²⁵ em 1941.

Essa ocupação de espaços nas páginas das revistas, que consideramos como uma disputa interna promovida pelos editores, reflete os movimentos políticos da primeira metade do século XX, quando a opção pela democracia ou pelos regimes totalitários promoveu não apenas as duas Guerras Mundiais, mas também a modificação do mapa geográfico da Europa e da política mundial, polarizada em blocos capitalistas e comunistas.

Com o desenrolar e o fim da Segunda Guerra Mundial, tanto os Estados Unidos quanto o Brasil deixam de ter a Alemanha como modelo. Os EUA, com sua identidade nacional cada vez mais consolidada reforçam o modelo isolacionista da Doutrina Monroe, enquanto o Brasil, após ter entrado na guerra aliado contra o Eixo, passa a ter, na nova grande potência mundial – os Estados Unidos –, o novo exemplo no qual deveria se *espelhar*, lembrando o termo usado por Warde (2000), com todas as possibilidades de apropriações e distorções que esse termo permite.

1.2.3 Os esportes como promotores de padrões culturais

O exercício do estranhamento (GINZBURG, 2009) nos leva a perceber que a prática de um esporte carrega consigo, em maior ou menor grau, representações culturais de seu país de origem. Desde os termos próprios criados ou adaptados para o esporte em língua original e até mesmo em uniformes característicos e demais materiais necessários à prática, os esportes fazem circular, além de comportamentos e modismos nos trajes, palavras que paulatinamente são incorporadas à língua do País onde são implantadas, tanto traduzidas quanto adaptadas, ao passar por um processo de *apropriação* (CERTEAU, 1998). Podemos

²⁵ *Reich* é uma palavra de origem germânica que significa literalmente “reinado, região ou rico”, dependendo do contexto.

citar como exemplo a palavra *football*, que, adaptada para o português, passou a *futebol*, entre outros.

Buscamos por referências diretas e indiretas aos esportes nas duas publicações, entre 1932 e 1950, sendo necessário conferir nas revistas sobre a qual esporte de fato o artigo se referia, tanto pela indefinição do título do artigo quanto para evitar equívocos por conta da nomenclatura empregada. Como exemplo, caso em algum artigo encontrássemos a palavra *arqueiro* como pudemos constatar, o contexto nos indica que, entre as décadas de 1930 e 1950, assim era denominado aquele jogador de futebol que hoje chamamos de *goleiro*, conforme nos advertem Berwanger e Leal em relação ao “[...] conhecimento do vocabulário, grafia, abreviaturas e terminologia da época do documento” (BERWANGER; LEAL, 2008, p.90) quando fazemos pesquisa em história. Em outro caso de emprego duvidoso de nomenclatura, encontramos quatro artigos sobre o *jiu-jítsu*, porém, em um desses, a prática era na verdade o judô, sendo o equívoco constatado graças aos indícios sobre a origem e a forma como se praticava essa luta. Assim, obtivemos o seguinte panorama sobre os esportes mencionados nas revistas, conforme o Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Artigos sobre esportes (continua)

Esporte	Origem	Educação Física	Revista de Educação Física
Atletismo	Grécia	128	58
<i>Basebol</i>	EUA	2	1
Basquetebol	EUA	163	40
Bilhar	França	1	-
Boxe	Inglaterra	50	5
Ciclismo	Inglaterra	8	-
<i>Cross country</i>	Inglaterra	1	1
Esgrima ²⁶	Europa ²⁷	9	34
Futebol	Inglaterra	112	41
Ginástica de aparelhos	Alemanha	4	11
Ginástica rítmica	Rússia	1	1
Golfe	Escócia	1	-
Handebol	Alemanha	5	3

²⁶ A esgrima é, além de esporte, elemento do Método Ginástico Francês.

²⁷ Considera-se que as principais escolas de esgrima esportiva tenham surgido na Itália e na Alemanha, durante a Baixa Idade Média (1350 a 1500).

Quadro 3 – Artigos sobre esportes (conclusão)

Esporte	Origem	Educação Física	Revista de Educação Física
Hipismo	EUA ²⁸	5	20
<i>Jiu-jítsu</i>	Japão ²⁹	3	3
Judô	Japão	4	2
Levantamento de peso	Europa ³⁰	7	4
Luta livre	Inglaterra	1	2
Natação	Europa	73	39
Pentatlo moderno	França	2	11
Polo	Índia	3	5
Polo aquático	Inglaterra	8	6
Remo	Inglaterra	4	15
<i>Rugby</i>	Inglaterra	6	-
Saltos ornamentais	Grécia	-	3
<i>Softbol</i>	EUA	1	2
Tênis	França	66	6
Tiro com arco	Inglaterra	2	-
Tiro esportivo	Alemanha	-	5
Voleibol	EUA	32	13

O levantamento permite constatar, tanto pela quantidade de artigos publicados, quanto pelas referências às práticas esportivas, que, apesar de fazer circular vários esportes em suas páginas, a publicação da Escola de Educação Física do Exército dá uma atenção diferenciada a práticas esportivas relacionadas com as práticas militares, como o atletismo, a esgrima, o hipismo, a natação, o tiro esportivo e, por fim, o pentatlo moderno, que, usando a corrida, um dos elementos do atletismo, com os outros quatro esportes mencionados, têm suas habilidades usadas pelos soldados.

Por outro lado, a revista *Educação Física* nos parece apresentar aos leitores os conceitos e práticas que a equipe editorial julga como *modernos* e que por isso

²⁸ Apesar de ser praticado desde a Antiguidade, o hipismo teve suas regras para competição sistematizadas nos EUA em 1883.

²⁹ Embora a origem das técnicas seja japonesa, o *Jiu-jítsu* mencionado sofreu adaptações no Brasil. Foi ensinado aos brasileiros por Mitsuyo Maeda, conhecido como “Conde de Koma”, praticante de Judô que, usando o outro nome do esporte criado por Jigoro Kano, *Kano no Jiu Jitsu*, ensinou a luta sem o arcabouço moral, dando ênfase às técnicas de estrangulamento e imobilização. Atualmente é conhecido como *Brazilian Jiu Jitsu* para distinguir do *Jiu Jitsu* praticado pelos samurais até o ano de 1868, quando a classe dos guerreiros japoneses foi dissolvida e suas práticas deram lugar a formas ocidentais de combate.

³⁰ As primeiras competições organizadas de levantamento de peso começaram na Europa no final da década de 1800, e o primeiro Campeonato Mundial de Halterofilismo foi realizado em 1891, em Londres, Inglaterra.

ajudariam o País a alcançar um patamar de modernidade equiparado ao dos Estados Unidos, tomados como modelo de avanço intelectual e industrial. É possível afirmar, pelos indícios que encontramos, que a publicação da Companhia Brasil Editora, mesmo veiculando prescrições de ginástica como um fator de desenvolvimento físico, obtenção e manutenção de saúde, enfoca a prática esportiva como síntese de modernidade e é possível inferir que, por esse motivo, publica tantos artigos sobre esportes que, ou foram criados nos Estados Unidos ou, apesar de terem sido criados em outros países, lá encontraram grande número de entusiastas, como é o caso do atletismo, boxe e tênis.

A quantidade de artigos sobre o basquetebol, 163 na revista *Educação Physica* e 40 na *Revista de Educação Física*, indicia a popularidade que esse esporte gozava nesse recorte de tempo que estudamos, sendo o esporte moderno que teve mais circulação na revista da EEFÉ, depois do futebol com 41 artigos.

Criado em 1891, pelo professor de Educação Física James Naismith, na Associação Cristã de Moços de Massachussets, Estados Unidos, o basquetebol foi introduzido no Brasil por August Shaw, na Associação Atlética Mackenzie, em São Paulo, em 1896, despertando o interesse de brasileiros, ávidos por modernidades que fizessem esquecer os vícios e atrasos da barroca colonização portuguesa.

Parece-nos, e os indícios nos permitem apenas supor, que os editores da revista *Educação Physica* notam esse anseio das pessoas por modernidades e adotam, como *estratégia* para o lançamento do n. 1 da revista, colocar o basquetebol como foco. Embora não haja uma data exata para a publicação de lançamento dessa revista, temos indício de que tenha sido anterior a 15 de março de 1932, data-limite estabelecida para matrículas no Curso Ginásial do Colégio Batista, num anúncio de página inteira (vide Apêndice) desse primeiro número (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, n.1,p. 4).

Se considerarmos que o anunciante teve por objetivo atrair a clientela para a escola e faria um anúncio que levaria algum tempo para circular, podemos considerar que esse primeiro número da revista foi publicado nos primeiros dias de março ou em meados de fevereiro de 1932, o que caracteriza a revista como pioneira na publicação periódica da área de Educação Física.

Com o início da publicação da *Revista de Educação Física* pela Escola de Educação Física do Exército em maio do mesmo ano, com um perfil editorial diferente, sem o enfoque que foi dado ao esporte na outra publicação, estabeleceu-se uma disputa pelo *campo* (BOURDIEU, 1974) da publicação periódica da área, em movimentos tanto de distanciamento quanto de aproximação das práticas consideradas modernas pelos editores da revista *Educação Physica*.

Os indícios nos mostram que, quando os esportes são trazidos às páginas da revista publicada pela EEFE, não entram pela vanguarda, mas pelas práticas tradicionais e elitistas: atletismo, polo, esgrima e também de uma forma mais ampla, quando se tratava de jogos olímpicos. Nos primeiros anos dessa revista, esses esportes não indiciam, entretanto, uma ligação com o modo americano de se fazer Educação Física, pelo menos não até 1942, quando essa publicação é interrompida por causa do envolvimento do Exército na Segunda Grande Guerra, mas como corolário da preparação física que, segundo o Método Francês, os jovens, a partir dos 18 anos, deveriam praticar.

Podemos supor que a veiculação de artigos sobre esportes, mesmo esses considerados mais tradicionais pela *Revista de Educação Física*, tenha atraído também a atenção dos leitores de *Educação Physica*, estabelecendo, assim, uma disputa pelo público e, conseqüentemente, também pela hegemonia das publicações de revistas da área de Educação Física. Dessa forma, ao analisar o segundo número da revista *Educação Physica*, publicado apenas em dezembro de 1932, é possível notar como os editores da Companhia Brasil Editora diversificam os temas para além dos esportes, publicando também sobre outros assuntos, como a ginástica, prescrições moralizantes e higienistas.

Ao analisar a tese de doutorado de Linhales,³¹ na qual essa autora aborda as relações estabelecidas entre o esporte e a educação escolar que tem, como lugar da narrativa, as práticas discursivas e institucionais produzidas e realizadas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1920, podemos inferir que a *forma escolar* da Educação Física esboçada nas *public schools* participou do processo de afirmação do campo esportivo na sociedade moderna, fazendo com que o esporte alcançasse grande visibilidade (LINHALES, 2009, p.24), pois

³¹ A escola, o esporte e a “energização do caráter”: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)

[...] com seus códigos, gestos, tempos, espaços, vestimentas e outras alegorias 'modernas', o fenômeno esportivo foi gradativamente assumindo um lugar de relevo nesse projeto de educação do corpo, tanto para a escola como para fora dela (LINHALES, 2009, p. 120).

Ainda segundo essa autora,

[...] o esporte circulava por vários modelos e projetos educativos compondo uma tessitura disciplinar, ora como protagonista, ora como coadjuvante. Quando criticado, aparecia como lugar dos vícios; quando exaltado, eram destacadas as suas possibilidades de contribuir para a regeneração. Pela crítica ou pela prescrição educativa, o esporte aparece relacionado à formação física, à formação moral e, com muita regularidade, ao aprendizado da vida em sociedade (LINHALES, 2009, p. 140).

É importante mencionar que, quando os esportes entraram em pauta nas discussões da Associação Brasileira de Educação, a partir do fim da década de 1920, houve uma grande participação da Associação Cristã Feminina e da Associação Cristã de Moços, eixo de nosso segundo capítulo, no qual buscamos compreender de que forma essa associação pode ser tomada como lócus de circulação e, mesmo de forma não explícita, como difusão do americanismo.

1.2.4 Padrões culturais em circulação nas revistas

Entendemos como *padrão cultural* nas publicações tudo aquilo que foi veiculado tomando como exemplo o que foi feito ou aconteceu na Alemanha, França, Estados Unidos ou outros países. Se considerarmos que a globalização, um tema constante no que se refere às discussões políticas e socioculturais nos fins do século XX e início do século XXI, teve seu início com as grandes navegações do século XV e ganhou novo fôlego pós-Revolução Francesa nas duas últimas décadas do século XVIII, no início do século XX, com o acesso aos meios de comunicação de massa – radiodifusão e imprensa periódica – esse processo se acelera cada vez mais, permitindo mais facilmente a circulação das culturas.

Em 1882, ainda no Segundo Império, Rui Barbosa buscou sistematizar o que ele considerava sobre o que havia de mais moderno sobre educação para emitir seu parecer, o de nº 224, que se referia à reforma do ensino primário e, para isso, tomou contato com pensadores e teóricos da educação. Diz-nos ele sobre a educação do físico:

As nações modernas, ensinadas pela observação da realidade, vão de dia em dia ligando mais alto preço a este elemento educador. As raças enérgicas do Norte e Centro da Europa. A Escandinávia, a Alemanha, a Suíça, celebram esplendidamente suas festas paléstricas, onde a força, a inteligência, e a graça se ostentam nesse harmonioso conjunto, cujo privilégio foi a honra da civilização helênica (BARBOSA et al., 1949, p.5).

Mais adiante em seu parecer, Rui Barbosa traz os ideais estadunidenses do século XIX sobre a Educação Física:

Certamente não diremos, como Feuerbach, que 'o homem é aquilo de que se alimenta'; mas, sob a sua forma aparentemente audaz, não é menos certo que Emerson formulou uma verdade rigorosamente demonstrável, nesta preposição: '*A primeira condição, a condição indispensável do homem, para medrar nesta vida, é ser um bom animal*'.

Horácio Greeley, com razão, qualificava de 'sábida' esta máxima, e completava-a, ponderando: 'A educação deve ter por alvo desenvolver inteira a natureza humana, moral, intelectual e física'.

Outro americano, especialista de primeira plaina nestes assuntos, M. Philbrick, no seu relatório acerca da escola de Boston durante o ano de 1873-74, afirmava que a tese de Emerson, 'deve ser abraçada *como princípio fundamental na ciência da educação*'. E, insistindo, acrescentava: 'Nós, com razão, entendemos que uma boa saúde e o desenvolvimento das faculdades físicas encerram em si A BASE DE TODO O SISTEMA DE EDUCAÇÃO'.

Em suma, a comissão francesa da exposição universal de 1876 atesta ser esta a opinião 'de todos os homens que na América, se têm ocupado da educação humana'.

Na Europa, hoje, não se pensa de outro modo (BARBOSA et al., 1949, p.6, grifos do autor).

Com base nessas proposições, que chamam a atenção para a Educação Física no parecer sobre a reforma do ensino primário emitido em 1883, podemos inferir que Rui Barbosa, mesmo 26 anos após sua morte, ainda era considerado como uma autoridade no campo educacional, publicado na revista, em conformidade com as *Obras completas* (BARBOSA, 1946). Podemos apreender ainda que Rui Barbosa não poupou esforços para emitir um parecer cujas repercussões

proporcionassem aos políticos brasileiros meios de refletirem sobre o que havia de mais moderno no mundo, confrontando métodos e selecionando o que houvesse de mais adequado aos fins educacionais que propunha, tendo que, para isso, recorrer ao que circulava de mais avançado no que tocava à educação por meio de livros que certamente precisou importar.

Recorremos mais uma vez ao *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000)* (FERREIRA NETO *et al.*, 2002) para localizar os discursos e as prescrições diretas sobre a forma ou método empregado em outros países para lidar com esportes ou práticas educacionais e obtivemos os seguintes números de artigos que se referiam a esses exemplos ou que neles tiveram sua origem, como podemos observar no Quadro 4.³²

Quadro 4 – Padrões culturais em circulação nas revistas

País	Educação Physica	Rev. de Educação Física
África	2	-
Alemanha	9	13
Argentina	11	8
Austrália	3	-
Chile	1	-
China	1	-
Dinamarca	5	-
Egito	1	-
Estados Unidos	37	3
Finlândia	4	-
França	3	8
Grécia	4	1
Holanda	3	-
Inglaterra	9	-
Itália	2	4
Japão	3	1
Noruega	1	-
Paraguai	-	1
Polônia	1	1
Portugal	7	-
Rússia	1	-
Suécia	5	-
Tchecoslováquia	2	-
Turquia	1	-
Venezuela	1	-

³² Não consideramos como menções diretas os artigos relacionados com os jogos olímpicos, pois esses não representavam as peculiaridades dos países nos quais foram realizados.

As referências tanto à Alemanha quanto à Itália prosseguem apenas até 1941. A partir desse ano, tornam-se mais frequentes os artigos que enaltecem a Educação Física no Brasil e nos Países Aliados e sua contribuição para a preparação de nossos soldados, enquanto os conflitos da Segunda Guerra Mundial aumentavam e, por pressões políticas e financeiras, o Brasil, até então *neutro*,³³ se juntava aos Aliados contra o Eixo. Esse distanciamento da Alemanha, país com o qual o Brasil mantinha relações comerciais, pode ser percebido também conforme os indícios apontados por Cervo e Bueno (1992, p. 229):

A retração da presença comercial da Alemanha na América do Sul em razão do conflito iniciado em 1939 e razões de ordem interna, inclusive a pressão popular, levaram o Brasil a abandonar o pragmatismo, substituindo-o pelo alinhamento aos Estados Unidos no final de 1941 e início de 1942.

O pragmatismo indicado por esses autores se refere à política de obter vantagens comerciais geradas pelas disputas entre EUA e Alemanha, no intuito de estabelecer relações comerciais vantajosas com ambos os países, conforme Moura (1984, p. 28):

A política exterior do Brasil na década de [19]30 tinha muito que ver com as questões econômicas vitais — especialmente o comércio exterior — e com as profundas divisões políticas internas, que se combinavam inevitavelmente às novas configurações e atores da política internacional. Dessa constelação de fatores resultou uma disposição permanente de explorar as oportunidades criadas pela competição entre Alemanha e Estados Unidos por influência política e econômica na América Latina. No seu conjunto, a política externa do Brasil caracterizava-se por uma *eqüidistância pragmática* entre as potências, na busca de benefícios comerciais. A partir do estabelecimento do Estado Novo, a formulação de dois grandes projetos — a grande siderurgia e o reequipamento das Forças Armadas — veio juntar-se aos problemas a serem encaminhados por nossa política exterior. A divisão entre os elementos pró-germânicos e pró-americanos dentro do governo brasileiro não facilitava, é claro, a sua solução.

Os 13 artigos relacionados com Alemanha, encontrados na *Revista de Educação Física*, indiciam a simpatia dos editores pelo germanismo, cujos princípios eugenistas para a regeneração da raça sob a liderança ariana eram, a princípio, interessantes, porém, à medida que a forma como os alemães executavam essa regeneração racial se tornou visível, deixou de ser moralmente aceito.

³³ Neutro, porém simpatizante dos regimes totalitários na Itália e na Alemanha.

O fato de o militarismo ter sido uma presença ostensiva no regime adotado pelo Terceiro *Reich* pode ser considerado um indício, motivo pelo qual tenha atraído tanto a atenção dos militares envolvidos na editoria do periódico, materializando assim um volume considerável de representações da cultura alemã da época. Os três artigos publicados, tendo os EUA como referência, demonstram o pouco interesse dos editores da *Revista de Educação Física* pelo que se produzia nesse país, em contraposição aos 37 artigos relacionados com os Estados Unidos em *Educação Physica*, que também publicou um número considerável de artigos associados a outros países e, considerando seu caráter comercial, tal publicação nos parece apostar no ecletismo. Não queremos com isso dizer que as presenças americanas e alemãs são opostas, especialmente antes da Segunda Guerra, quando ocorreu uma apropriação mútua que se torna compreensível a partir do entendimento do conceito de circularidade cultural, conforme mencionamos, bem como a solidariedade como países com predominância da fé protestante.

Além das 37 referências diretas aos Estados Unidos e formas *americanas* de se praticar determinados esportes, ao lermos muitos artigos sobre práticas esportivas sem que houvesse indicações diretas em seus títulos, encontramos menções a esse país, seu povo e sua maneira de lidar com essas práticas e a Educação Física escolar, bem como algumas alusões à Alemanha, França e Inglaterra.

1.2.5 Prescrições eugênicas, sanitaristas, higienistas e moralizantes

Com a necessidade criada de se fortalecer o Estado Nacional numa conformação espelhada na modernidade, circularam nas páginas da *Revista de Educação Física* e da revista *Educação Physica* algumas prescrições de cunho eugênico, sanitarista, higienista e também moralizante. Não nos detivemos para classificar se o artigo se referia a essa ou àquela das categorias mencionadas, pois visavam, em seu conjunto, à melhoria da raça brasileira em seus aspectos morais e físicos, concomitantemente, e, portanto, serviam a um mesmo propósito. Além disso, o que nos interessa ao procurar por prescrições nas revistas é compreender a

abrangência da circulação de outras culturas, mais especificamente a americana, nessa disputa interna e externa no campo editorial de publicações voltadas para o público da Educação Física.

A título de distinção para um melhor entendimento sobre esse tema, nas primeiras décadas do século XX, o termo eugenismo³⁴ no Brasil era uma espécie de *termo guarda-chuva*, que abarcava o eugenismo propriamente dito, a eutecnia,³⁵ o sanitarismo e o higienismo. Conforme Kobayashi, Faria e Costa (2009, p. 314):

Nas primeiras décadas do século XX, a Fundação Rockefeller atuou de modo decisivo na implementação de ações voltadas para a saúde pública no Brasil, especialmente naquilo denominado de movimento sanitarista. Nesse mesmo período, a eugenia brasileira era equivalente ao sanitarismo, onde defendia-se a máxima de que 'sanear era eugenizar'.

Entre as décadas de 1910 e 1920, mais exatamente a partir de 1918, a Fundação Rockefeller³⁶ apoia o movimento eugenista no Brasil, mas por uma via alternativa: o movimento sanitarista.

A Rockefeller chega ao Brasil não para exterminar os 'degenerados' brasileiros, mas para instaurar programas sanitários que ajudassem na recuperação e na transformação do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, em 'Jeca Bravo'. Ou seja, transformar uma população 'infestada', segundo Kehl, de 'raqúiticos, pálidos, barrigudos e papudos', num povo 'valente' (KOBAYASHI; FARIA; COSTA, 2009, p. 328).

O eugenismo propriamente dito, ou seja, o estudo dos agentes sob controle social, que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física, seja mentalmente, surgiu na Inglaterra e desse país foi levado para os Estados Unidos, onde, bem-aceito e amplamente difundido, se fez visível à Alemanha nazista, país no qual funcionava o Instituto Kaiser Wilhelm de

³⁴ Termo cunhado em 1883 por Francis Galton (1822-1911), cujo significado etimológico é "bem-nascido".

³⁵ Que seria o mesmo que saneamento, ou seja, medidas externas que agiriam como estímulo no desenvolvimento das heranças biológicas.

³⁶ Fundação Rockefeller é uma fundação criada em 1913, nos Estados Unidos da América, que define sua missão como sendo a de promover, no exterior, o estímulo à saúde pública, ao ensino, à pesquisa e à filantropia. É caracterizada como associação beneficente e não governamental, que utiliza recursos próprios para realizar suas ações em vários países do mundo, principalmente os chamados *subdesenvolvidos*.

Antropologia e Hereditariedade Humana, cujos pesquisadores receberam apoio financeiro da Fundação Rockefeller na década de 1930 (RACISM, 2007).

Kobayashi, Faria e Costa nos trazem ainda a informação de que a presença das ações dessa fundação no Brasil não se deu de forma harmônica ou amplamente aceita, pois muito do que poderia ser feito em prol dessa melhoria das condições higiênicas e sanitárias estava fora do âmbito das ações da Rockefeller, e por isso

[...] as ações da Rockefeller geraram efeitos colaterais como a reorganização das instituições de saúde pública locais, a extensão dos serviços sanitários às áreas rurais, além da substituição gradual do modelo acadêmico e técnico francês pelo norte-americano, que privilegiava o trabalho de pesquisa e a dedicação integral dos professores ao ensino (KOBAYASHI; FARIA; COSTA, 2009, p. 330).

Destacamos que as ações dessa fundação no Brasil não se restringiram à causa do eugenismo, mas também promoveram pesquisas científicas e ações de profilaxia das principais doenças endêmicas do País e também a formação de profissionais da área da saúde, conforme nos informa Bandeira (1978, p. 209):

Carlos Chagas, naquele mesmo ano [1922] fundou a Escola de Enfermagem Ana Nery, com auxílio da Fundação Rockefeller, cabendo a Eton Parsons e doze professoras norte-americanas a realização de seus primeiros cursos. As Fundações Ford e Rockefeller, com suas bolsas de estudo, ampliavam a influência dos Estados Unidos sobre a educação brasileira.

Na década de 1930, falava-se, no Brasil, na *feitura da raça*, um mote que representava o anseio por uma população de brasileiros com características físicas e morais que elevassem o País ao mesmo patamar tecnológico e intelectual de nações tidas como modelo: a Alemanha no *Velho Mundo*, e os Estados Unidos da América no *Novo Mundo*. Inspirado nos estudos de frenologia de Cesare Lombroso, que relacionavam as variações anatômicas e fisionômicas com o caráter dos indivíduos, buscava-se o embranquecimento da população, chegando-se até mesmo a afirmar que a nacionalidade brasileira só embranqueceria “[...] à custa de muito sabão de coco ariano” (KEHL, 1929, p.188), ou seja, que seriam necessários casamentos inter-raciais entre *arianos* e negros e seus mestiços para que,

paulatinamente, de geração em geração, a população apresentasse uma cor de pele e traços fisionômicos mais próximos do ariano que do negro e do indígena, acusados pelos intelectuais dessa época de retardarem o desenvolvimento do Brasil. Em seus textos, Kehl se apoiava nas palavras que atribuía a Rui Barbosa contra o jogo, considerado um hábito social deletério, e prescrevia:

[...] os que pretendem evitar que o caráter se abastarde, deslizando-se na mais negra e lodosa das misérias morais, devem fugir sempre do jogo entre amigos para passar o tempo, entre esses amigos que não encontram outro modo mais apreciável de ‘gastar’ o tempo (KEHL, 1943, p. 17).

Goellner, em sua dissertação de mestrado (1992) nos informa também que o movimento da Escola Nova corroborava as ideias eugênicas e higienistas: “A Escola Nova enfatizou o caráter higiênico e eugênico das atividades físicas, articulando a prática educativa com a prática da saúde, o que favoreceu também o estabelecimento de certas disciplinas” (GOELLNER, 1992, p. 162).

O ideário da Escola Nova veio para se contrapor ao que era considerado tradicional. Os defensores dessa corrente pedagógica buscavam se distanciar das práticas pedagógicas anteriores. No fim do século XIX, muitas mudanças que seriam afirmadas como originais pelo *escolanovismo* da década de 1920 já eram levantadas e colocadas em prática. Todo o processo de ensino e aprendizagem era pensado de forma racionalizada, evitando-se desgastes desnecessários, e os alunos eram levados a observar fatos e objetos com o intuito de conhecê-los:

Mesmo os ‘antecedentes’ do escolanovismo citados por Nagle (1974, p. 239), já continham realizações que seriam mais tarde associadas indelevelmente à ‘escola nova’. Para tomar somente alguns exemplos citados por ele, temos a reforma Leôncio de Carvalho de 1879 com sua introdução, entre outros aspectos, das ‘Lições de Coisas’ na Escola Normal, o parecer de Rui Barbosa de 1882 sobre o ensino primário com sua crítica ao verbalismo da educação brasileira, a reforma Caetano de Campos de 1890 da Escola Normal de São Paulo que desembocou na organização do ensino primário em grupos escolares... Outras características importantes da escola moderna, não citadas por ele, como as disciplinas de educação física e higiene escolar, também foram introduzidas antes da década de 20. Assim, nos parece que houve nessa década simplesmente um espaço maior de reforma educacional, realizada em grande parte por pessoas que na década de 30 seriam identificadas com o movimento da ‘escola nova’ e que, desta maneira, levaram Nagle a escrever a história a partir do presente dos ‘pioneiros’.

Não é o caso aqui de discutir as razões dessa persistência, entretanto, nos limites da análise sociológica de Nagle, sobrevive uma característica

inegável do escolanovismo no Brasil, isto é, sua forte dependência de iniciativas educacionais a cargo do poder público. Mais ainda, essas iniciativas, quase que totalmente, estavam vinculadas à formação do professor primário e, portanto, deram-se no âmbito da Escola Normal. A lógica é irrepreensível: o escolanovismo centrava a aprendizagem na criança, essa criança, notadamente após a República, deveria ser educada na escola pública por professores formados pelo estado em Escolas Normais tendo em vista a sociedade moderna (KULESZA, 2003, p. 88-89).

No Quadro 5, a seguir, apresentamos a origem e a quantidade de prescrições publicadas. Numeramos também aquelas cuja nacionalidade dos autores não pôde ser identificada mesmo após analisarmos o texto procurando por vestígios que nos indicassem a sua procedência.

Na revista editada pela EEFE, as prescrições de cunho eugenista foram mais frequentes até o final da década de 1930, quando, então, nos meios de comunicação, começaram a ser divulgadas as atrocidades do nazismo em função de uma limpeza racial na Alemanha, da mesma forma que os termos relacionados com a eugenia foram trazidos às páginas de *Educação Physica* com menor frequência, à medida que as nações se movimentavam em função daquilo que seria a Segunda Guerra Mundial.

Quadro 5 – Prescrições eugenistas, sanitaristas, higienistas e moralizantes

Origem	<i>Educação Physica</i>	<i>Rev. de Educação Física</i>
Alemanha	2	-
Argentina	1	-
Brasil	41	24
Escócia	1	-
Espanha	1	-
EUA	33	1
França	17	-
Itália	1	-
Não identificado	23	-
Uruguai	2	-

Escrevia-se, nesse período anterior à guerra, com muito entusiasmo sobre o eugenismo, tomando a Alemanha como exemplo conforme podemos ver em

D'Albuquerque (1937, p. 26):³⁷ “Em nenhum paiz do mundo, a educação physica está merecendo tanta attenção do governo, a eugenia do povo preocupa tanto os dirigentes nem os sports estão mais bem regulamentados do que na Allemanha”.

Antes que o Nazismo passasse a ser visto como algo pernicioso, ele prossegue em sua exaltação ao trabalho realizado pelo *Reich*:

O Nacional Socialismo, com o seu programma de rejuvenescimento da Allemanha, encarou, como um dos elementos primaciaes para a constituição das nacionalidades, a eugenia do povo, o aprimoramento racial, partindo do princípio de que ‘não ha paiz forte com um povo fraco’ (D'ALBUQUERQUE, 1937, p. 26).

De forma semelhante à Alemanha que se apropria do eugenismo praticado nos Estados Unidos, o Brasil também passa a ser referência nesse assunto, inclusive recebendo elogios de outros países sul-americanos, como na tradução de um artigo veiculado originalmente na revista argentina *Viva cien años*, em que o diretor da revista enaltece a forma como aqueles a quem chama de *heróis* trabalham por aquilo que na época era chamado de *feitura da raça*:

[...]Este é o caso do Brasil, cujo avanço ininterrupto é a consequência indiscutível da caudal humana que forma seu povo, purificada e melhorada pela ação inteligente, reta e previdente de seus heróis da saúde – médicos, experimentadores, higienistas, educadores, etc. – que constituem nesse país uma pleiade meritória que honra a toda a América (LOPEZ, 1943, p. 23).

O desenrolar dos acontecimentos na Europa, que levou à deflagração da Segunda Guerra Mundial, fez diminuir o entusiasmo pelo eugenismo como um dos meios para desenvolvimento da sociedade brasileira, bem como de outros países, embora ainda fosse tomado por muitos como uma solução para elevar o Brasil ao *nível do século*.

³⁷Segundo Schneider (2003, p. 316), D'Albuquerque foi “Cronista esportivo de São Paulo e autor dos livros: *A Allemanha grandiosa* (1935); *Hittler: de pintor a ídolo do povo alemão!!!* (1937); *Pugilismo*(1938) e *Futebol* (1940), lançados pela Companhia Brasil Editora”.

2 A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS

Neste capítulo, buscamos compreender, a partir dos indícios localizados nas revistas do campo da Educação Física, de que modo a ACM se fez presente no Brasil e de que forma pode ser entendida como um *lugar* de circulação de ideias, valores e cultura americana.

A ACM teve sua origem na Inglaterra, no início do século XIX, durante a Revolução Industrial. Preocupado com o bem-estar da sociedade, devido às precárias condições de vida, quando não havia lazer, uma vez que as jornadas de trabalho nas novas indústrias chegavam a 16 horas diárias de trabalho, tanto para homens quanto para mulheres e crianças, indistintamente, George Williams funda, em 6 de junho de 1844, a *Young Men's Christian Association* ou YMCA, sigla que se torna bastante usada para se referir à instituição.

O trabalho da Associação teve início com a leitura de textos bíblicos, a fim de levar uma mensagem positiva aos jovens que se aglomeravam na cidade em busca de trabalho, além de proporcionar a integração e a confraternização da juventude. Em 1851, quando a ACM chegou aos Estados Unidos, os jovens ganharam um incentivo ainda maior, já que, em solo americano, a instituição uniu os benefícios da prática esportiva ao desenvolvimento de valores do caráter e do espírito.

No segundo número da revista *Educação Physica*, publicado em dezembro de 1932, num anúncio da ACM, com sede na Esplanada do Castello, cidade do Rio de Janeiro, as intenções da instituição são definidas da seguinte forma:

A Associação Christã de Moços é uma instituição que tem por objetivo, desde sua fundação [na Inglaterra] formar caracteres moraes íntegros e personalidades dynamicas, por uma educação quanto possível integral e synérgica da mocidade (EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 2, 1932).

Em suma, os objetivos da ACM eram voltados para a formação moral e intelectual, tendo os esportes e atividades físicas como meio de interação entre os membros e atrativo para novos associados.

2.1 A PRESENÇA DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS NO BRASIL

No Brasil, o fundador da ACM foi Myron August Clark que, vindo dos Estados Unidos, tomou para si a missão de disseminar a Associação na América Latina. O Rio de Janeiro foi o primeiro Estado brasileiro a ter uma ACM, em 1893. Em 1901, surge a ACM Rio Grande do Sul e, um ano mais tarde, a ACM São Paulo.³⁸

Fundada em 1900, a ACM de Montevideu, no Uruguai, desempenhou importante papel ao contribuir com o desenvolvimento da Educação Física e dos esportes no Brasil, pois muitos técnicos esportivos e instrutores de Educação Física brasileiros fizeram cursos de formação técnica nessa unidade da Associação.

No estudo realizado por Linhales (2009, p. 106), a autora afirma que, a partir de 1929, a Associação Brasileira de Educação (ABE) estreitou o diálogo que já mantinha com a ACM e a Associação Cristã Feminina, quando “[...] alguns membros dessas associações esportivo-recreativas passaram a frequentar reuniões do Conselho Diretor e da Sessão de Educação Física e Higiene da ABE” (LINHALES, 2009, p. 106, 107). Essa maior aproximação com as associações cristãs foi feita para que colaborassem com cursos de curta duração para a formação profissional em Educação Física no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, onde estavam instaladas. Além desses cursos de curta duração,

[...] a preparação de ‘técnicos desportivos’ e ‘técnicos de educação física’, como eles denominavam, acontecia também em cursos de longa duração – quatro anos – realizados nos Estados Unidos e também no Uruguai e na sede do Rio de Janeiro, no Brasil (LINHALES, 2009, p. 107).

Esses cursos, no Rio de Janeiro, eram promovidos pela Seção de Educação Física e Higiene, sob a direção da especialista Miss Helen C. Paulinson, cuja correspondência com o presidente da referida Seção se dava em língua inglesa. Numa primeira reunião com a presença dessa especialista, “[...] foi deliberado que a Seção promovesse um curso especial de Educação Física dirigido por Miss Paulinson” (Atas da Seção de Educação Física e Higiene, 13ª reunião, 18-1-1929,

³⁸Disponível em: < <http://www.ymca.org.br/acm/historia.htm>>. Acesso em: 29 nov 2009.

apud LINHALES, 2009, 107). Havia um intercâmbio de ideias que fomentava essa cooperação:

Essa afinidade pedagógica e educacional entre a ABE e a ACM parece situar-se como parte derivada e ou articulada de um projeto maior constituído a partir de um sistemático diálogo da ABE com entidades educacionais norte-americanas. Também eram frequentes os intercâmbios com o envio de vários professores e professoras associados da ABE para cursos de formação pedagógica nos Estados Unidos. Entre as agremiações participantes dessa rede foi possível identificar: Institute of International Education, National Recreation Association, American Child Health Association, National Organization for Public Health Nursing, The Womans Press, dentre outras (LINHALES, 2009, p. 107-108).

Linhares ainda associa esse diálogo com a ACM ao debate relativo à escolarização do esporte, dizendo que essa *influência* norte-americana “[...] teve uma expressiva presença, especialmente por estabelecer com a ACM uma rede privilegiada de interlocução” (LINHALES, 2009, p.108). Ainda segundo essa autora, a criação de áreas recreativas, as praças de esportes e os *playgrounds* nas áreas urbanas foram também temas em pauta compartilhados entre a ABE e a ACM, como nos indica:

Esses lugares urbanos educativos e as práticas a serem neles realizadas – jogos e esportes – guardavam vinculação com o ideário da vida e da pedagogia moderna, com relação compensatória entre trabalho e lazer, com a premissa de que a experimentação de jogos na infância era uma preparação para a democracia social e, por fim, com caráter voluntarista da ação comunitária (LINHALES, 2009, p. 108).

O estudo de Linhares nos dá, dessa forma, subsídios para pensarmos nessa cooperação entre a ABE e a ACM como um momento em que os americanos presentes nessas atividades traziam um pouco do *american way of life* para a educação no Brasil, quando as novidades saltavam aos olhos e a modernidade era bem-vinda.

2.2 A ACM NA IMPRENSA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Utilizamos, como instrumento de pesquisa, o *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000)* (FERREIRA NETO *et al.*, 2002) para localizar os artigos sobre a ACM e também pesquisar diretamente nas páginas das revistas para localizarmos anúncios dessa associação. Com os dados obtidos, construímos o Quadro 6, que mostra a presença da ACM e suas atividades.

Quadro 6 – Presença da ACM nos periódicos

Revista	Artigos	Anúncios
<i>Educação Physica</i>	10	6
<i>Revista de Educação Física</i>	-	1
<i>Boletim de Educação Física</i> ³⁹	-	-
<i>Revista Brasileira de Educação Física</i>	2	-
<i>Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos</i>	-	-

Queremos chamar a atenção para a presença de dez artigos sobre a ACM na revista *Educação Physica* e a ausência desses na *Revista de Educação Física*, editada pela Escola de Educação Física do Exército. Além dos dez artigos que se referem diretamente à ACM, encontramos anúncios de página inteira, o que demonstra uma presença que vai além dos artigos que tratam diretamente sobre essa instituição.

Na *Revista de Educação Física*, editada pela Escola de Educação Física do Exército, encontramos apenas um registro fotográfico das atividades da ACM (ASSOCIAÇÃO, 1935) que consideramos como um anúncio promocional (Figura 9).

³⁹Por se tratar de um periódico editado pelo Ministério da Educação e Saúde, essa publicação não veiculou anúncios, assim como no periódico *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*.

Schneider e Ferreira Neto (2008, p. 14) nos chamam a atenção ainda para o fato de que,

[...] quando observamos o número de colaboradores que são designados pelos editores como aqueles que dão suporte ao impresso, percebemos que, dos 33 que são apresentados aos leitores, 14 possuem algum tipo de ligação com a Associação Cristã de Moços (A. C. M.) [...].

Figura 9 – Registro fotográfico da ACM



Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 26, p. 26-27.

Tantos colaboradores da revista *Educação Física* ligados à ACM poderiam nos levar a pensar que, a princípio, essa publicação tivesse como um de seus objetivos a difusão de valores e representações americanas; apesar disso, é preciso nos precaver com relação a um julgamento precipitado, pois:

A simples presença de americanos ajudando a compor o grupo de colaboradores que dava suporte ao impresso, ou professores formados em uma instituição com forte presença norte-americana não caracteriza a revista como um veículo de divulgação dos ideários ou representações norte-americanas a respeito da produção do 'homem novo', pois muitas das

imagens, tanto iconográficas como discursivas, remetem para a Alemanha, e mesmo a representação que esteticamente representava o 'homem novo' fazia parte do ideário nazista em que o biótipo era o do homem europeu caucasiano (SCHNEIDER; FERREIRA NETO, 2008, p. 14).

Entretanto, se a presença de colaboradores americanos ou de brasileiros que tenham feito cursos de capacitação nas ACMs não implica diretamente a difusão de ideias americanas, precisamos admitir que o fato de essa instituição ter sido trazida ao Brasil por um americano faz com que possua implícitas as representações americanistas.

Conforme o artigo *Americanismo e a fabricação do homem novo: circulação e apropriação de modelos culturais na revista Educação Physica (1932-1945)* (SCHNEIDER; FERREIRA NETO, 2008), 14 dos 33 colaboradores que são apontados como aqueles que dão suporte à revista *Educação Física* têm algum tipo de relação com a ACM. Reproduzimos abaixo o quadro apresentado por Schneider e Ferreira Neto (2008):

Quadro 7 – Colaboradores da revista Educação Physica (continua)

Colaboradores	Formação e atividade profissional⁴⁰
Dr. Arthur Brasil	Líder da Educação Física na ACM do Rio de Janeiro. Um dos fundadores de "Educação Physica"
Dr. Howard Webster Adams	Advogado norte-americano das Empresas Elétricas do Brasil, técnico formado pela ACM Americana, líder do voleibol nos Estados Unidos, na Europa e atualmente no Brasil
Fred Brown	Norte-americano formado pela Escola Superior de Educação Física de Chicago. Técnico da Federação Brasileira de Futebol e da Federação Brasileira de Basquetebol – Líder da Educação Física no Brasil. Treinador do Fluminense Futebol Clube e membro da Associação Brasileira de Educação (ABE)
Prof. Asdrubal Monteiro	Diplomado pelo Instituto Técnico de Educação Física das ACM (Montevideu) – Prof. da A. C. M. do Rio de Janeiro
Prof. Cyro A. Moraes	Diplomado pelo Instituto Técnico das ACM (Montevideu), diretor do Departamento de Educação Física da ACM. do Rio de Janeiro

⁴⁰ A formação e atividade profissional dos colaboradores e autores que publicaram na revista *Educação Physica* eram divulgadas no impresso como meio de dar a ver aos leitores a autoridade de quem participava do periódico, escrevendo, coletando ou traduzindo artigos. Uma relação de todos os autores e colaboradores que publicaram ou participaram da confecção da revista pode ser acessada na dissertação de Schneider (2003).

Quadro 7 – Colaboradores da revista Educação Física (conclusão)

Colaboradores	Formação e atividade profissional
Prof. Dr. James S. Summers	Professor de Educação Física norte-americano, diretor do Instituto Técnico de Educação Física das ACM Sul-Americanas (Montevideú)
Prof. Ernesto Opplinger	Diplomado pelo Instituto Técnico de Educação Física das ACM. (Montevideú)– professor da ACM. de São .Paulo
Prof. Henry J. Sims	Ex-diretor do Departamento de Educação Física da ACM do Rio de Janeiro – instrutor e introdutor do basquetebol e voleibol no Brasil
Prof. João Lotufo	Diplomado pelo Instituto Técnico de Educação Física das ACM (Montevideú)– diretor do Departamento de Educação Física de São Paulo
Prof. José Rothier Duarte	Diplomado pelo Instituto Técnico de Educação Física das ACM. - (Montevideú)– professor de Educação Física da ACM do Rio de Janeiro
Prof. Oswaldo Magalhães	Diplomado pelo Instituto Técnico de Educação Física das ACM - (Montevideú) – professor de ginástica da Radio Nacional
Prof. Renato Eloy de Andrade	Diplomado pelo Instituto Técnico de Educação Física das ACM. - (Montevideú)– diretor de Educação Física no Estado de Minas Gerais
Prof. Syllas Raeder	Diplomado pelo Instituto Técnico de Educação Física das ACM. - (Montevideú)– professor da ACM no Rio de Janeiro
Sr. Paulo M. Higgins	Diretor da revista “O Mundo Ford” publicada em São Paulo – líder da Educação Física na ACM paulistana

Certamente não é possível dizermos que *Educação Física* se tratasse de um periódico subsidiário da ACM, mas também não podemos ignorar que, de certa forma, tantos colaboradores ligados a essa associação fizeram circular um conjunto de *representações* produzidas pelas vivências que tiveram em cursos ou, ainda, pela sua participação ativa, como dirigentes ou professores da Associação.

Gostaríamos de ressaltar a presença de publicidade da ACM na revista *Educação Física*. Embora não sejam numerosos, os quatro anúncios de página inteira e dois de duas páginas encontrados trazem, implícito, o elemento esportivo que a Associação absorveu quando de sua implantação nos Estados Unidos e que desse país foi difundido pelos países do Continente Americano.

No anúncio veiculado nas edições n. 40 e n. 78, percebemos, na Figura 10, que destaca o triângulo emblemático da ACM visto na Figura 11, a seguir, imagens que se referem tanto à prática esportiva quanto àquilo que, segundo os objetivos da instituição, nos parecem atividades sociais ligadas à instrução moral.

Figura 10 – Anúncio de duas páginas da ACM

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS



É UM INSTITUTO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL — FÍSICA — MORAL —
INTELLECTUAL



**PARTICIPE DESTAS ATIVIDADES, INSCREVENDO-SE COMO SÓCIO DA
ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS**

30, RUA ARACIJO PORTO ALEGRE, 36
(Espanha do Castelo)
Rio de Janeiro

A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS

MANTEM:

Cursos
Diurnos e Noturnos
Admissão
Propedêutico

Perito Contador
Dactilografia
Estenografia
Línguas Diversas

PROMOVE:

Palestras
Bóas Amizades
Conferências
Bibliotecas

Excursões
Jogos Sociais
Secção de Empregos

MINISTRA:

Ginástica
Volleyball
Basketball

Exercícios Individuais
Pelota de Mão
Natação

PROPORCIONA:

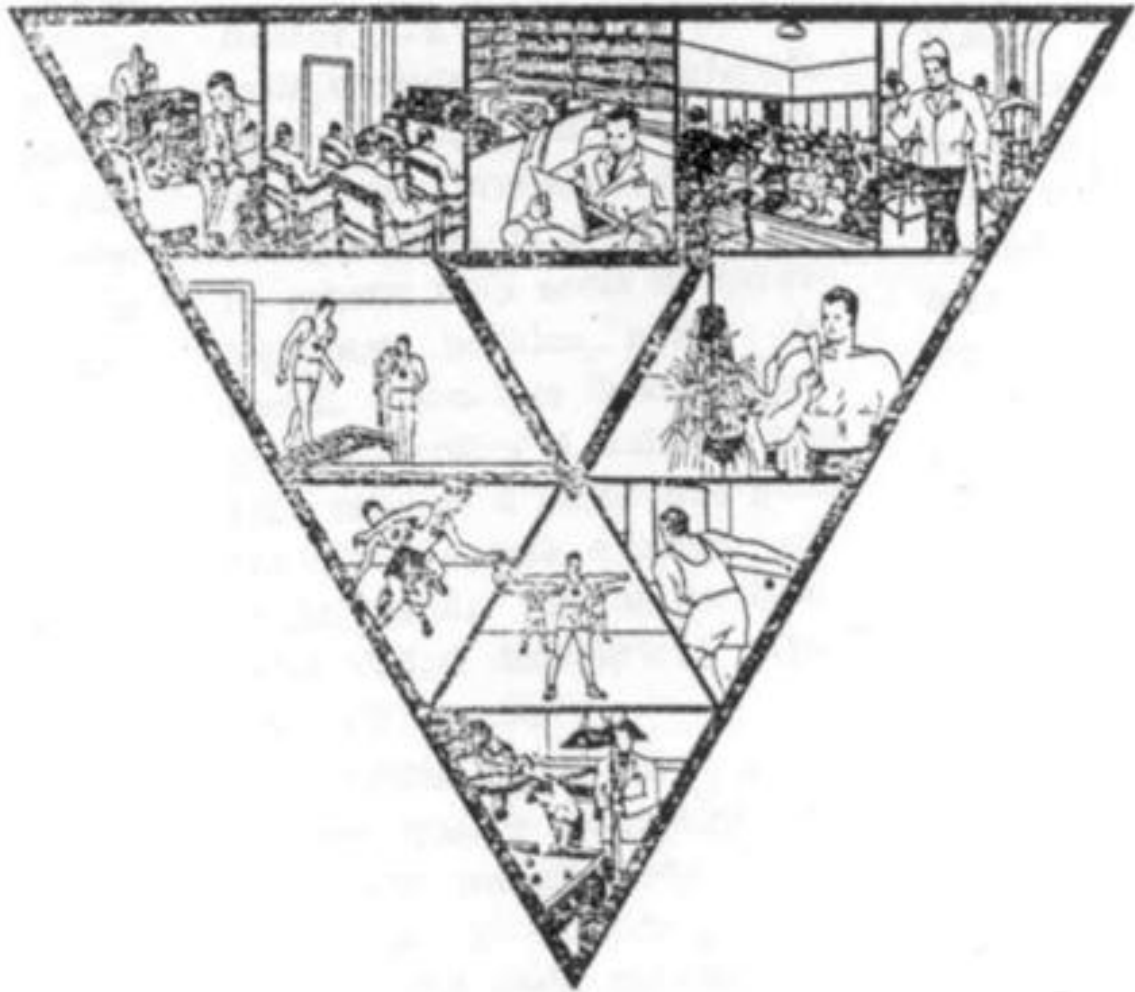
Saúde
Caráter
Altruísmo
Fraternidade



N.º 40 — MARÇO, 1940

Fonte: *Educação Física* n.40, p. 44-45.

Figura 11 – Detalhe do anúncio mostrado na Figura 10



Sobre o triângulo emblemático, encontramos no anúncio da ACM veiculado no n. 2, p. 13, da revista *Educação Physica*:

O triângulo equilátero, equilibrado sobre um dos vértices, é o emblema universal das A. C. M. Elle symboliza o equilíbrio da personalidade pelo cultivo harmônico dos seus três elementos essenciaes: alma, corpo, mente. Não é alvo da A. C. M. fazer athletas nem intellectuaes, nem mysticos, mas homem, na mais completa e mais noble accepção dessa palavra. A trilogia do emblema correspondem os três valores com que o moço deve contar na vida para o serviço altruísta da comunidade: saúde, intelligencia, character.

Tal descrição de seu emblema deixa claro que o objetivo da ACM é contribuir para com a formação dos moços de forma ampla.

2.3 REPRESENTAÇÕES DA ACM NOS PERIÓDICOS

Após fazermos o levantamento do número de artigos sobre a ACM, passamos a analisar as representações materializadas nos artigos sobre essa entidade para compreendermos qual foi o papel que representou na constituição da Educação Física no Brasil nessa primeira metade do século XX.

Em artigo da seção *Histórico de associações desportivas* que trata sobre a ACM de São Paulo, o autor, não identificado, traça um perfil dessa entidade a partir de sua criação na Inglaterra e nos diz que a Associação

[...] Saltou o Atlântico e germinou no Canadá e nos Estados Unidos, quasi que simultaneamente. Foi quasi que uma surpresa o progresso extraordinário que, em poucos anos, a A.C.M. conseguiu no mundo todo. Passou o Pacífico, e lá está na China, no Japão, na Austrália, nas Filipinas e outros países para mostrar a sua capacidade de ação (HISTÓRICO, 1943, p. 42).

Existia uma preocupação de que a ACM constituísse concorrência para a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil e as muitas denominações protestantes, mas as discussões sobre esse possível problema vieram a tranquilizar a todos, que se convenceram de que a entidade seria um espaço para a existência e um cristianismo não sectário, mas ecumênico (HISTÓRICO, 1943).

Para termos uma noção do quanto a Educação Física era importante para as ações da ACM, apesar das dificuldades financeiras e da inexistência de espaço adequado, o primeiro diretor de Educação Física da entidade, o Sr. Hena, “[...] já dizia nas Assembleias e nas reuniões, que a educação física representava uma das maiores necessidades do Brasil, sendo seu lugar na ACM definitivo e de grande futuro” (HISTÓRICO, 1943, p. 47). Apesar dessas dificuldades, continuavam na busca de uma sede própria adequada para os trabalhos, o que só pôde começar a ser posto em prática na sede da Rua Sta. Isabel, onde

[...] A crescente necessidade de um local adequado para o seu programa, cria a necessidade da construção de um pavilhão de ginástica, que custou à ACM 42:243\$500.

Foi nesse 'gymnasium' improvisado que o trabalho da ACM, no terreno da educação física, começou a fazer sentir-se com uma força realmente criadora na ACM, estendendo-se e irradiando-se (HISTÓRICO, 1943, p. 47).

Em contraponto a um modelo antigo, uma arquitetura colonial, apresenta-se aos leitores a forma possível para dar a ver a modernidade. As características da nova sede da ACM, segundo os editores, com as modificações propostas, seriam o atrativo que faria com que os jovens aderissem ao projeto da Associação. Com a finalidade de conhecer um pouco mais desse espaço onde a ACM desenvolvia suas atividades, trazemos uma descrição dessa nova sede existente no artigo:

[...] Edifício do tempo colonial, antigo, assemelhando-se a uma velha casa de fazenda. Uma entrada realmente simpática, dando para um salão amplo, onde se realizavam as conferências e festas sociais, com a secretaria à esquerda. À direita um pequeno bar e um salão de bilhar e uma pequena biblioteca. No andar superior funcionavam as salas de aulas do Departamento de Educação Intelectual. Um pequeno sótão guardava, como uma espécie de cofre, os mais antigos documentos da ACM e os velhos arquivos. Atraz do edifício, num terreno amplo que ali existia, construiu-se o ginásio que já mencionamos e que serviu como principal atrativo para os moços que frequentavam a sede da ACM. Uma pequena rouparia, um pequeno vestiário e alguns chuveiros, resolviam satisfatoriamente o problema de material dos sócios que praticavam atividades físicas (HISTÓRICO, 1943, p. 47-48).

Tais eram as instalações da ACM de São Paulo quando o Sr. Alfredo Wood, argentino de nascimento, substituiu o Sr. Hena na coordenação da instituição. Sobre a atuação do Sr. Wood, o artigo nos diz:

[...] Wood criou várias atividades no seu Departamento, fazendo-o crescer e expandir-se, pois logo ficou conhecido em São Paulo pela sua grande capacidade de técnico e organizador. Era ele muito ativo. Criou o Corpo de Líderes do Departamento de Educação Física que, durante a sua ausência, muito fez colaborando na direção das atividades da ACM, destacando-se dentre estes: Moto, Kassab, Kulman, Mota e Raichemback (HISTÓRICO, 1943, p. 48).

O artigo ainda relata que Wood criou um excelente time de basquetebol que durante algum tempo, representava o melhor do basquete paulistano e que cooperou nos campeonatos brasileiros dessa modalidade, levando ao Rio de Janeiro

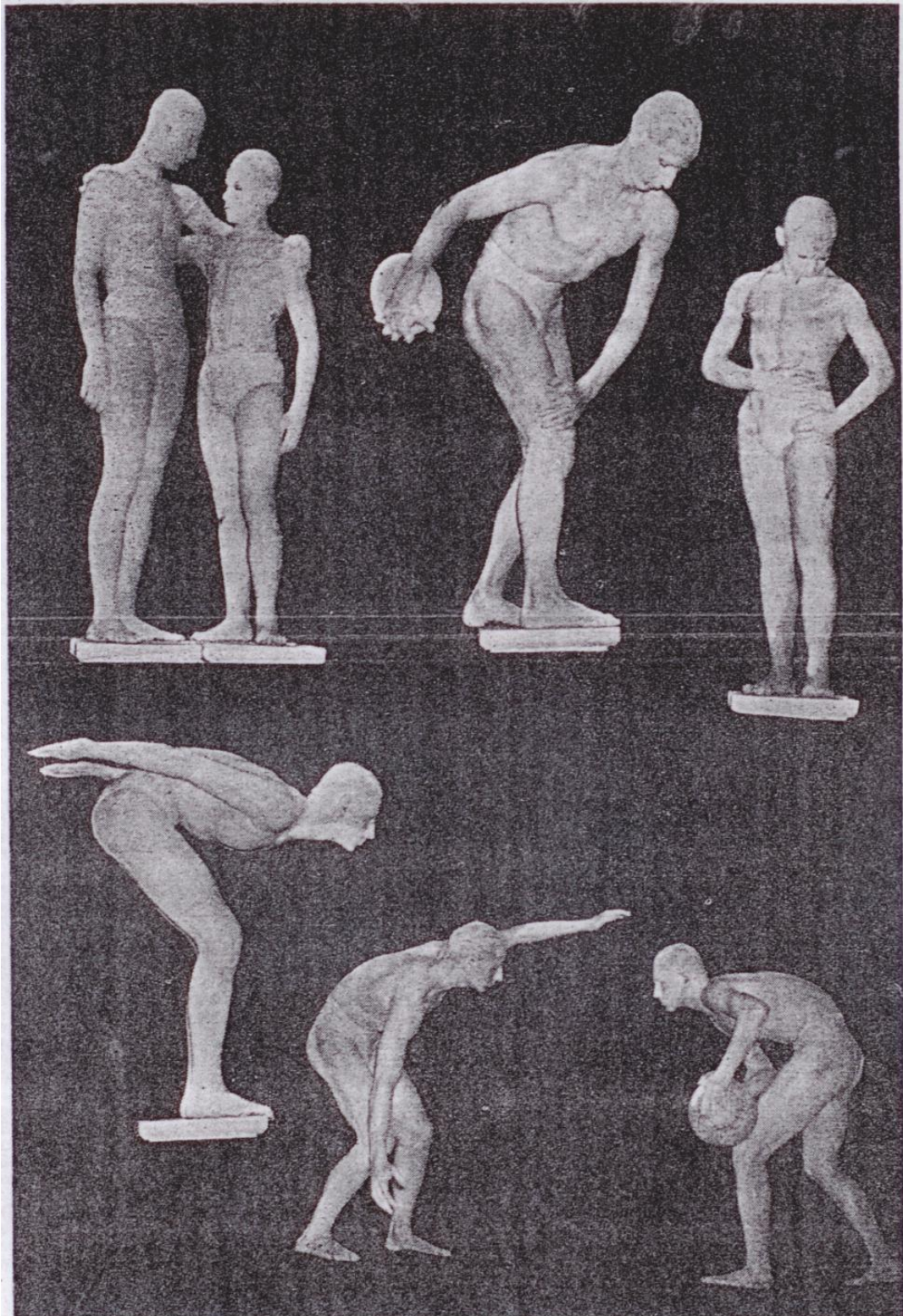
uma seleção dos melhores jogadores paulistas, que venceram o campeonato nacional para esse Estado.

É possível perceber, nesse artigo da revista *Educação Physica*, que a representação produzida sobre a presença da ACM era a de uma entidade que buscava uma educação plena – física, moral e intelectual – mas tanto pela linha editorial da revista, quanto pelo enfoque que a Associação dava aos esportes, que compreendemos como um atrativo para os jovens ao mesmo tempo em que possuía um caráter formador, é possível apreendermos o quanto as atividades físicas eram importantes para os acemistas e o quanto essa associação representava para a sociedade como um local para a prática esportiva num momento em que, cada vez mais, as pessoas buscavam nos esportes tanto a excitação, nos termos eliasianos, quanto as configurações que contribuiriam para a formação de um homem novo, moderno, como a representação que se tinha daquilo que nos vinha da América do Norte.

Em artigo publicado no n. 77 de *Educação Physica*, intitulado *O dia da camaradagem na Associação Cristã de Moços de São Paulo* (O DIA, 1944, n. 77, p.10), a representação materializada na revista é a de uma entidade de formação de caráter, na qual prevalece o bom convívio social e as atividades físicas estão fortemente presentes. Na Figura 12, a seguir, podemos ver o registro fotográfico das estátuas vivas sobre as quais relata o artigo, onde lemos:

Realizaram-se demonstrações de ginástica com clavas pelo Corpo de Líderes. As estátuas vivas foram reproduzidas pelos sócios Newton e Saulo Ferraz de Campos, que simbolizaram a 'Amizade'; Walter Aliano reproduziu o 'Discóbulo'; Saulo Ferraz de Campos, o atleta no banho; Newton Ferraz de Campos, o nadador; Walter Aliano e Newton Ferraz de Campos, uma fase do bola ao cesto (O DIA, 1944, n. 77, p.10).

Figura 12 – "Estátuas vivas" no Dia da Camaradagem



Fonte: *Educação Physica*, n.77, p.10.

Um artigo na revista *Educação Physica*, n. 86, sobre um campeonato daquilo que viria a ser chamado posteriormente de fisiculturismo, realizado na ACM do Rio

de Janeiro em 1945, nos dá indícios da importância dessa entidade na introdução e divulgação dos esportes.

Sobre o campeonato, o artigo nos informa:

Como é sabido, campeonatos semelhantes têm sido levados a efeito periodicamente e com grande sucesso na Europa, antes da guerra, e nos Estados Unidos da América. No Brasil e mesmo na América Latina, ao que sabemos, o campeonato agora noticiado é o primeiro a ser tornado uma realidade.

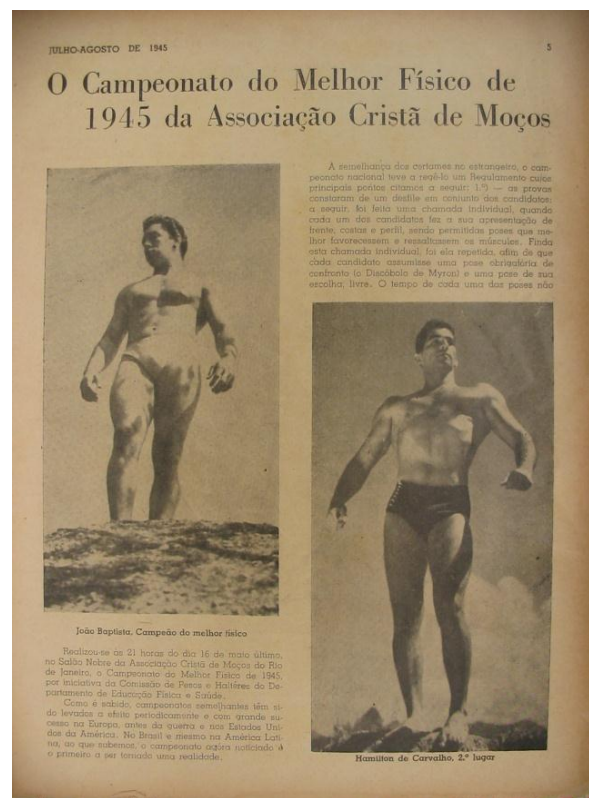
A Associação Cristã de Moços, que tem sido a *introdutora e animadora de tantos esportes no nosso país*, mais uma vez foi a iniciadora de um movimento a que auguramos longa e brilhante carreira, a julgar pelos êxitos observados, no levantamento de pesos, em curto prazo de tempo. O seu grupo de associados praticantes de exercícios com pesos e halteres é, sem dúvida alguma, o agrupamento mais numeroso e de vida e atividades mais consistentes e longas que jamais se reuniu entre nós, aqui no Brasil (O CAMPEONATO, 1945a, p. 29, grifo nosso).

Figura 13 – Notícia da ACM maio/jun. 1945



Fonte: *Educação Física*, n.86, p. 29, maio/jun. 1945.

Figura 14 – Notícia da ACM jul. 1945



Fonte: *Rev. Brasileira de Educação Física*, n. 1, p. 5, jul. 1945.

Note-se que, nesse artigo, a modalidade do concurso em que se elegia o campeão por possuir o melhor físico era, nessa época, algo como uma vertente do

halterofilismo, como era denominada a musculação nessa época, e que posteriormente viria a se constituir como fisiculturismo ou *body building*⁴¹ conforme evidencia o texto:

Interessante é notar-se que todos os inscritos se iniciaram na prática de exercícios com pesos e haltéres na A.C.M. Aliás, no estrangeiro o mesmo tem sido observado, sendo os concorrentes classificados em tais ocasiões sempre e sem discrepância, expoentes do halterofilismo (O CAMPEONATO, 1945a, p. 29).

Já na *Revista Brasileira de Educação Física*, esse mesmo artigo foi publicado, não sabemos se com permissão dos editores da revista *Educação Physica* ou não, suprimindo apenas o parágrafo citado acima, que credita à ACM a introdução e a divulgação dos esportes, trocando as imagens utilizadas (O CAMPEONATO, 1945b).

No primeiro número da *Revista Brasileira de Educação Física*, publicado em 1944, em artigo intitulado *Associação Cristã de Moços (A.C.M.): meio século de bons serviços à mocidade brasileira*, temos indício das atividades oferecidas pelo Departamento de Educação Física, que oferecia aos sócios

[...] aula de ginástica calistênica e de aparelhos, natação, saltos ornamentais, salvamento, water-polo, basket-ball aquático, base-ball, foot-ball de salão, foot-ball, volley-ball, basket-ball, pelota de mão, badminton, boxe, jiu-jitsu e judô, pesos e halteres, atletismo interno, jogos menores, massagens, banhos de luz, banhos de sol, tudo sob permanente controle do serviço de orientação do Serviço Médico-Social.

A frequência a este Departamento, em 1942, foi de 124.367, com 13.159 atividades organizadas (ASSOCIAÇÃO, 1944, p. 34).

É possível inferirmos que tanto a sociedade quanto a imprensa periódica da Educação Física reforçavam, em via de mão dupla, a representação da ACM como um local de prática esportiva, ou seja, os textos e as imagens trazidas pelas revistas reforçavam as práticas esportivas no âmbito dessa entidade e, em contrapartida, cogitamos a possibilidade de que a ACM não teria alcançado o sucesso que teve

⁴¹ “Construção do corpo”, em inglês.

entre os moços brasileiros caso não houvesse incorporado os esportes quando desembarcou no Novo Mundo.

Constatamos a ausência de artigos sobre a ACM no *Boletim de Educação Física* ou nos *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física*, pois, embora sejam periódicos ligados a órgãos oficiais – Ministério da Educação e Saúde e Universidade do Brasil – e publicados a partir de 1941 e 1945, respectivamente, é interessante perceber que tenham ignorado a contribuição que a ACM prestou à ABE no final da década de 1920 e no começo dos anos 1930, conforme Linhales (2009).

3 O (PAN-)AMERICANISMO EM REVISTA

Abordamos, neste capítulo, a circulação americana e o movimento pan-americanista nas revistas da área de Educação Física, buscando compreender como esse movimento político-cultural se fez representar na área.

As ideias trazidas no capítulo introdutório, tendo como base os trabalhos de Warde, Moco, Bandeira, Gramsci, Rousiers e Ré, dão-nos subsídios para termos presentes os conceitos de americanismo e pan-americanismo. Neste capítulo, adentramos no *corpus* documental para compreender como essas representações foram materializadas nos periódicos de Educação Física.

3.1 O TIO SAM PASSOU POR AQUI

Personificação da identidade americana, o Tio Sam representa a figura pragmática estadunidense. Ele é geralmente apresentado como um senhor de expressão facial séria, com cabelos e barbicha brancos. O Tio Sam é mostrado vestido com as cores e elementos da bandeira norte-americana: cartola com listras vermelhas e brancas (ou apenas branca) e estrelas brancas num fundo azul, usando calças listradas de vermelho e azul, ou variações entre essas cores. Moura (1984, p. 8) nos fala sobre a chegada do Tio Sam ao Brasil:

[...] Para sermos mais exatos, a chegada visível de Tio Sam ao Brasil aconteceu mesmo no início dos anos [19]40, em condições e com propósitos muito bem definidos. A presença econômica, menos visível, era bem anterior e certas manifestações culturais, como o cinema de Hollywood, já inculcavam valores e ampliavam mercados no Brasil. Mas a década de [19]40 é notável pela presença cultural maciça dos Estados Unidos, entendendo-se cultura no sentido amplo dos padrões de comportamento, da substância dos veículos de comunicação social, das expressões artísticas e dos modelos de conhecimento técnico e saber científico. O traço comum às mudanças que então ocorriam no Brasil na maneira de ver, sentir, explicar e expressar o mundo era a marcante influência que aquelas mudanças recebiam do *'american way of life'*.

Em agosto de 1942, a *Revista de Educação Física* publica um artigo do primeiro tenente Humberto Ellery, intitulado *O valor do soldado do Tio Sam*, em que esse autor inicia seu texto com as seguintes palavras:

Cheguei dos Estados Unidos da América do Norte em Abril último, e, desde então, venho sendo abordado por camaradas para dizer algo sobre aquele grande paiz amigo, quando respondendo falo a respeito do Exército de Tio Sam, não raro ouço frases que põem em dúvida o valor guerreiro dos seus soldados (ELLERY, 1942, p. 9).

Figura 15 – Gravura que ilustra o texto de Ellery



Fonte: Revista de Educação Física n. 54, p. 10.

Ellery, então, prossegue defendendo os soldados americanos, a quem, segundo esse autor, muitos de seus *camaradas* acusam, entre outras coisas, de

serem esportivos e principiantes. Dentre os argumentos com os quais Ellery defende os soldados americanos dessa acusação, destacamos:

[...] E apesar da guerra, temos notícias seguras de que os alemães continuam organizando e realizando competições esportivas, e isto é lógico, pois que o esporte não há dúvida, é uma prática que, além de melhorar o físico, desperta no praticante uma série de qualidades morais indispensáveis ao combatente, tais como, a iniciativa, a tenacidade, a cooperação, a confiança em si mesmo, etc., e não é por simples poesia, que se lê nos humbrais da tradicional [Academia Militar] West Point, as palavras seguras e incentivadoras do grande Mac Arthur, quando superintendente daquele 'Templo do Saber'. 'É no campo das lutas amigáveis que são lançadas as sementes que, em outros anos, e, em outros campos, produzirão os frutos da vitória' (ELLERY, 1942, p. 10-11).

Aliás, as ideias de Ellery sobre a relação entre esporte e guerra são apoiadas por Sevcenko que ainda nos fala sobre a transposição do ambiente da caserna para a sociedade civil, de um padrão de vestimenta militar, tendo o esporte e o movimento escoteiro uma função de catalisar essa apropriação:

Tal como no esporte, [...] o efeito fundamental do treinamento militar é a incorporação de um sentido íntimo, impulsivo, de disciplina e coordenação, que se torna uma segunda natureza dos indivíduos envolvidos e permanece para sempre. Vestir uniformes, aliás, ou roupas com cortes, cores ou acessórios militares, se torna um dos cumes da moda, tanto para adultos quanto para crianças. Para essas, além do mais, o escotismo se constituíra nesse período a mais prodigiosa fonte de motivação estritamente infanto-juvenil. Articulando os componentes da natureza selvagem, primitiva, com a educação disciplinadora e coordenadora, mais a plena disposição atlética, o movimento internacional do escotismo era a própria matriz do 'novo homem' (SEVCENKO, 1992, p. 83).

Procuramos nos títulos dos artigos publicados nos periódicos, tomados como *corpus* documental, por referências diretas aos Estados Unidos, em termos como *Estados Unidos da América, Estados Unidos, EUA, EEUU, América, América do Norte, estadunidense, americano(a), yankee, Tio Sam*, e construímos o Quadro 8, como segue:

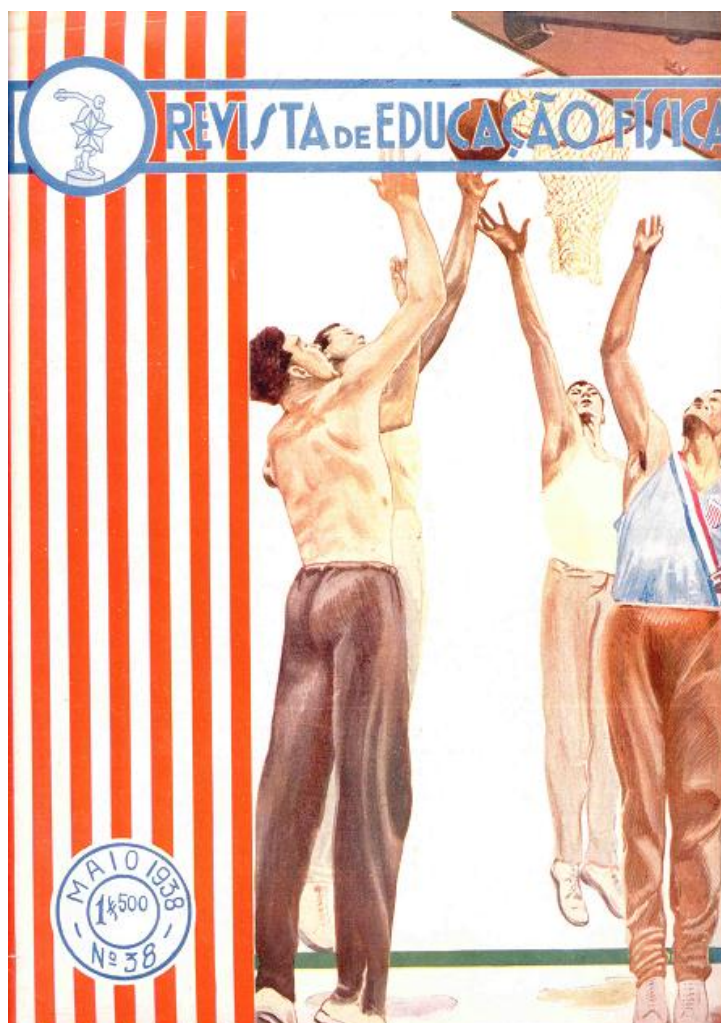
Quadro 8 – Circulação de termos referentes aos EUA nas revistas de Educação Física

Revista	Referências
<i>Educação Physica</i>	33
<i>Revista de Educação Física</i>	4
<i>Boletim de Educação Física</i>	0
<i>Revista Brasileira de Educação Física</i>	8
<i>Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos</i>	0

É interessante notar que essas referências nos títulos dos artigos indicam um possível interesse, principalmente na revista *Educação Physica*, de fazer circular o americanismo como uma proposta *moderna* e, em muitos desses artigos, notícias de atletas e equipes *yankees* foram trazidas como um incentivo para que os leitores se apropriassem de suas práticas e técnicas, fazendo circular o *american way of life* no meio esportivo.

Também em muitas capas das revistas, pudemos perceber grafismos e imagens que remetem à estética americana dessa primeira metade do século XX e, curiosamente, esperávamos encontrar ao menos uma referência direta aos Estados Unidos nas capas da revista *Educação Physica* ou na *Revista Brasileira de Educação Física*, nas quais o americanismo teve maior entrada, porém essa referência foi encontrada na capa do n. 38 da *Revista de Educação Física* publicada pela EEEF, conforme podemos ver na Figura 16, a seguir:

Figura 16 – Capa do n. 38 da Revista de Educação Física



Sobre essa capa, encontramos na revista a seguinte descrição:

A nossa capa foi tirada de um flagrante fotográfico de um bate-bola na Vila Olímpica de Berlim.

Nela, vemos os gigantes americanos que, após uma luta titânica com os seus visinhos, os canadenses, sagraram-se campeões olímpicos.

Inegavelmente, por seu grande conhecimento do jogo e por sua magnífica técnica, a equipe dos criadores do Basket fez mérito ao título de campeão do mundo (A NOSSA, 1938, n.38, p. 2).

A representação desse flagrante foi publicada dois anos depois de seu registro, durante os XI Jogos Olímpicos de Verão, ocorridos em Berlim, e um ano antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial. Escapa-nos a compreensão do

real motivo de ter sido publicada somente no n. 38 da *Revista* com tantos meses de atraso e o motivo de ter sido escolhido esse esporte que figura na capa da publicação. Apesar disso, podemos tecer dois comentários. O primeiro se refere ao fato de ser retratada uma foto da equipe americana numa revista publicada pelo Exército que até esse ano (assim como extraoficialmente o governo brasileiro) simpatizava mais com a Alemanha e ainda num momento político que tendia para a deflagração da guerra. O segundo comentário se refere à velocidade com que os meios de informação veiculavam notícias e registros fotográficos. Assim, podemos apenas supor que os editores tiveram acesso a essa imagem e puderam publicá-la somente dois anos após seu registro.

3.2 ANÚNCIOS COMERCIAIS: O AMERICANISMO COMO REPRESENTAÇÃO DE STATUS E QUALIDADE

Após localizarmos artigos referentes ao americanismo e ao pan-americanismo em nossa procura por indícios, fomos até as páginas das revistas para analisar as representações materializadas nos textos e, ao folhearmos as publicações, encontramos anúncios comerciais nos quais as referências aos Estados Unidos foram utilizadas como uma vinculação do produto ao que havia de mais moderno na época. Julgamos pertinente trazer alguns desses anúncios que compreendemos como representativos da força com a qual o americanismo circulou nessa primeira metade do século XX.

A presença de anúncios de produtos, fabricados por empresas americanas no Brasil ou importados, é explicada por Moura (1984). O excerto é longo, porém necessário para elucidar essa questão:

O Birô [*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*] estimulou, por exemplo, centenas de empresas privadas americanas a colocar anúncios de seus produtos nos jornais e revistas de toda a América Latina. A receptividade a essa campanha foi grande e — só para tomar um exemplo — em 1943, um total de 210 firmas comprometeu-se gastar um total de 11 milhões e oitocentos mil dólares em anúncios no Brasil. (Os mais dispostos a gastar eram a Sterling Products, a Standard Oil, a Coca-Cola e a RCA

Victor). Ora — direis — por que anunciar mercadorias se a produção de bens de consumo em 1943 era reduzida e havia uma acentuada escassez de transporte marítimo? O Birô teria respondido sem pestanejar: o projeto de anúncios em jornais e revistas é 'parte de um esforço amplo de bom vizinho para promover ajuda entre as Américas'. Mas há outra explicação.

A *ajuda*, no caso, tinha foros de verdade, visto que a campanha iria favorecer financeiramente os jornais e revistas do Brasil (e da América Latina) que estavam (estão) sempre precisando de subsídios. Além disso, o projeto se casava bem com as noções de 'esforço de guerra' de todo o continente: os anúncios explicavam as razões da escassez naquele momento e a necessidade de sacrifícios imediatos (no consumo), de modo a garantir a abundância do futuro (pós-guerra). A campanha compunha-se magnificamente com o 'projeto de desenvolvimento' que Tio Sam elaborara para a América Latina [...]. O 'sacrifício' daqueles anos de guerra significa, em última análise, que os países latino-americanos deveriam evitar a instalação de indústrias (até mesmo de bens de consumo) que substituíssem importações feitas nos Estados Unidos, de modo a poderem comprar de Tio Sam esses produtos quando se normalizassem depois da guerra a produção industrial americana e as relações comerciais entre o país do norte e os países do sul. A revista *Seleções* (Reader's Digest), que estava entrando a todo vapor no continente, absorveu e difundiu magnificamente essa visão entre os empresários americanos; ela costumava argumentar nessa época que ambos (empresários e revista) deveriam trabalhar juntos: os empresários no 'front econômico' e *Seleções* no 'front ideológico' [...] (MOURA, 1984, p. 69-70).

Bandeira relata sobre como, principalmente no período pós-Segunda Guerra, ocorreu uma americanização de nossos hábitos de consumo:

O Brasil, como um país capitalista em desenvolvimento, sentiu todo o impacto da influência americana. *A penetração econômica e militar atingiu a superestrutura da sociedade, modificou hábitos e costumes, padrões de comportamento, consciência e linguagem.* O cinema introduziu a mentalidade da guerra, a ideia do heroísmo individual, sempre encarnado pelo americano, soldado, detetive ou *cowboy*. Apareceram os *comics*, as histórias em quadrinhos, o *Super-Homem* e o *Capitão América*, símbolos do bem, do *way of life*, consagrado, com sua aparente pureza lúdica, fantástica, a ideologia da violência e da brutalidade, a mitologia do Imperialismo. Os soldadinhos de plásticos, assim como índios e *cow-boys* substituíram os soldadinhos de chumbo, nos brinquedos infantis. As crianças, ao fim da guerra, viviam como nos filmes, nos *comics*, mascaravam chicletes e bebiam Coca-Cola. As filhas da burguesia e das classes médias conquistavam maior liberdade, fumavam e trocavam as saias pelos *shorts* e pelas calças. Homens e mulheres ouviam *jazz*, dançavam *swing* e *blues*. O rádio impôs a música americana. Hollywood, os ideais de beleza. Vários galãs, como Douglas Fairbanks Jr. e Orson Welles, passaram pelo Brasil. Os *astros* e as *estrelas* do cinema venderam a guerra e promoveram a imagem dos Estados Unidos. A mercadoria americana adquiriu prestígio (BANDEIRA, 1978, 309-310, grifo nosso).

Nas revistas analisadas, alguns anúncios remetiam a importantes cidades americanas, como o da alfaiataria e camisaria *A Nova York*, mostrando gravuras que se reportavam ao modo americano de se vestir, que passa a circular e ser apropriado no Brasil, conforme a Figura 17, a seguir.

Figura 17 – Anúncio da alfaiataria *A Nova York*

A Nova York
 RUA SETE, ESQUINA DE GONÇALVES DIAS
 E OS SEUS PREÇOS BARATÍSSIMOS EM
ALFAIATARIA E CAMISARIA

Costume de superior tecido mescla, cores cinza claro, escuro e bege. **195\$000**

Costume de magnífico linho par-do, Inglês. **135\$000**

Costume em brim branco de superior qualidade. **85\$000**

Costume de esplêndido brim verânico. **65\$000**

Camisa em superior zephir, lindos padrões. **9\$8000**

Camisa em zephir, padrões escolhidos e exclusivos. **12\$800**

Camisa em lindas tricolines, cores da actualidade. **18\$500**

Camisas em finíssima tricoline listada, de grande moda. **16\$800**

Visite "A NOVA YORK", e faça a sua proposta, para comprar, A LONGO PRAZO, SEM FIADOR, o que lhe agradar, pelo novo e vantajoso systema **PRAZO YORK**.
 Aproveite os preços baratíssimos da "A NOVA YORK" e faça, hoje mesmo as suas compras

Fonte: *Educação Physica* n. 2, p.81.

Muitas representações dessa época foram materializadas nos anúncios trazendo já no nome da empresa ou do produto, referências aos Estados Unidos, indicando que foi fabricado de forma semelhante nesse país, como uma produção *mimética*, para lembrarmos o termo eliasiano.

Na *Revista Brasileira de Educação Física*, encontramos alguns anúncios com representações referentes à modernidade e à qualidade americana. O que trazemos na Figura 18, a seguir, refere-se à marca de cigarros *Lincoln*, um nome emblemático para o povo americano, que remete a Abraham Lincoln, um dos mais importantes presidentes desse país. Esse cigarro é anunciado como *tipo americano, com ponta*, ou seja, não bastava dizer que vinha com filtro: era uma estratégia de *marketing* dizer que o produto era *tipo americano* como uma referência à sua qualidade, reforçando a representação de *status* que daria aos seus consumidores.

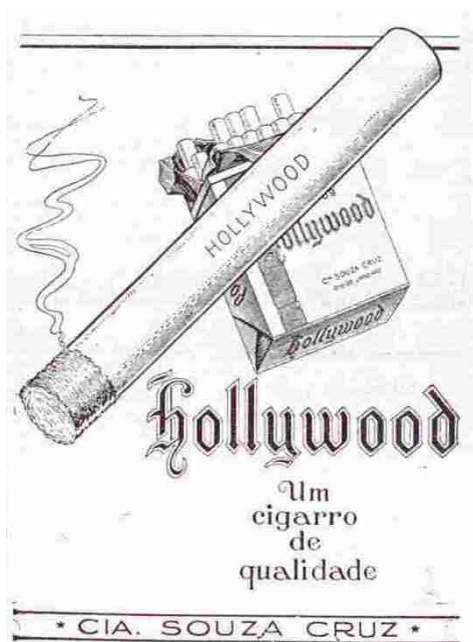
Figura 88– Anúncio dos cigarros Lincoln



Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n. 6, p. 62.

Outra marca de cigarros usa um nome bastante peculiar e faz referência ao distrito da cidade americana de *Los Angeles*, centro de produção cinematográfica: *Hollywood* (Figura 19). Esse polo cinematográfico foi e continua responsável por fazer circular no mundo a cultura americana projetada nas telas dos cinemas.

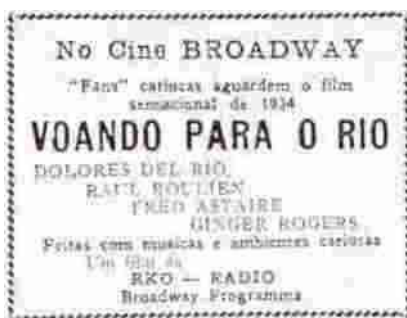
Figura 19 – Anúncio dos cigarros Hollywood



Fonte: *Educação Physica*, n. 7, p. 105

Os anúncios de cinema também circularam na revista *Educação Physica* e, entre eles, o anúncio do filme *Voando para o Rio*, de 1933, que só foi lançado no Brasil em 1934, conforme a Figura 20:

Figura 20 – Anúncio do filme "Voando para o Rio", de 1933.



Fonte: *Educação Physica*, n. 4, p. 103)

Sobre o filme, encontramos, no sítio especializado em cinema *e-pipoca*, o seguinte:

Musical que embora tenha sido concebido como um veículo para a atriz Dolores Del Rio, ficou famoso por marcar o início da parceria entre Fred Astaire e Ginger Rogers, que aqui dançam ao som da música 'The Carioca', indicada ao Oscar.

A história é um triângulo amoroso passado no Rio de Janeiro, onde a banda do americano Gene Raymond vem se apresentar. O final mostra dançarinas nas asas de um avião que sobrevoa o Rio.⁴²

Esse filme, assim como tantos outros, fez circular, nos EUA e em outros países a cultura exótica, a caricatura, os clichês e as fantasias que se avolumam no cinema estrangeiro sobre o Brasil e demais países da América Latina, como pode ser visto no documentário *Olhar estrangeiro* (OLHAR, 2006).

Moura (1984, p. 39) nos relata que o interesse da indústria cinematográfica americana em produzir filmes no e sobre o Brasil era uma estratégia de aproximação:

Foi nesse contexto e dentro dessa linha geral de ação que o Birô [*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, por meio da divisão de cinema] negociou com os estúdios de Disney a criação de tipos que ajudassem a realçar a solidariedade panamericana. Desse esforço, nasceu o nosso popular 'Zé Carioca', papagaio verde-amarelo, num desenho que se tornou famoso pelo apuro técnico e pela escolha perfeita do personagem em relação à sociedade que, através dele, se pretendia expressar. O americano que vem ao Brasil e encontra o 'Zé' nada mais era do que o Pato Donald — o símbolo por excelência do 'americano comum'. Donald é um pato e guarda, portanto, muita afinidade com o nosso papagaio — ambas aves domésticas e que podem se entender muito bem. Zé Carioca é falador, esperto e fã de Donald; sente um imenso prazer em conhecer o representante de Tio Sam e logo o convida para conhecer as belezas e os encantos do Brasil. Brasileiramente, faz-se íntimo de Donald — quando este lhe estende a mão, Zé Carioca lhe dá um grande abraço — que aceita o oferecimento e sai para conhecer o Brasil.

Esse autor ainda nos informa que o Escritório do Coordenador de Relações Inter-Americanas, denominado por ele como "Birô", por meio de sua seção de filmes, produzia documentários sobre vários aspectos dos Estados Unidos e da América Latina, dando ênfase, obviamente, aos filmes que fizessem apologia aos avanços da terra do Tio Sam:

⁴² Disponível em: < http://www.epipoca.com.br/filmes_critica.php?acao=D&idf=957&idc=753 > .
Acesso em: 2 fev. 2012.

Os filmes sobre a América Latina para exibição nos Estados Unidos centravam-se em assuntos históricos, viagens e vida corrente. O contraste era marcante: enquanto se mostravam as paisagens, flores tropicais, festas, folclore, sítios arqueológicos, artesanato e produção de bens primários (estratégicos) da América Latina, procurava-se mostrar dos Estados Unidos as indústrias bélica, aeronáutica, cinematográfica, siderúrgica, ótica, assim como os avanços técnico-científicos (microscópio eletrônico, tecidos sintéticos, produtos químicos), além de suas belezas naturais, o sistema educacional e a cultura em geral (MOURA, 1984, p. 41).

Também a indústria automobilística americana teve espaço nas páginas das revistas sobre Educação Física no Brasil, caso dos automóveis Ford, como mostra a Figura 21:

Figura 21– Anúncio do Ford V8

TUDO ISTO
sem despesa extra!

• Cada anno que passa Ford lhe proporciona ainda mais pelo seu dinheiro.

Observe aqui tudo o que lhe oferece o novo e elegante Ford V-8 de Luxo, sem a menor despesa extra. Procure um agente Ford e escolha o seu carro na bella e ampla linha Ford V-8.

2 Parachôques. • 4 Protectores dos parachôques. • 2 Lanternas trazeiras. • 2 Buzinas electricas, a ar. • 2 Limpadores de parabrisa. • 1 Acredentador de cigarras. • 3 Cinzeiros. • Roda, pneu e câmara sobressalentes, com fechadura. • 2 Vitrinas moveis. • Defleção da luz dos pharos, a pé. • Direcção de luxo, com ar. Imitando marfim. • Arco para as rodas, de aço inoxidavel. • Indicador, com só mostrador. • Gaveta no painel de instrumentos, com fechadura e relógio. • Compartmento para bagagem, com fechadura.

FORD V-8 De Luxo

Procure um Agente Ford

Fonte: *Educação Physica*, n. 18, p. 6.

Não podemos, entretanto, afirmar que tudo o que se referisse aos Estados Unidos ou às suas cidades fazia parte de uma estratégia de colonização cultural, pois, sem uma referência europeia positiva, representante da modernidade, os brasileiros desse período se espelhavam naqueles que se faziam visíveis, os americanos, e por isso ansiavam por mimetizar seu modo de vida. A cultura americana permeava as subjetividades dos habitantes das grandes cidades, até mesmo por causa dos filmes americanos exibidos nos cinemas, de cujas telas as novidades e o brilho de *Hollywood* saltavam aos olhos dos expectadores, deslumbrados com toda a modernidade que tal entretenimento representava.⁴³

3.3 A CIRCULAÇÃO DO MOVIMENTO PAN-AMERICANISTA NOS PERIÓDICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Para termos uma dimensão do volume da circulação do pan-americanismo a partir de sua materialização na imprensa periódica, voltamos ao *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)* (FERREIRA NETO *et al.*, 2002) para localizar referências diretas ao movimento pan-americanista nos títulos dos artigos publicados nas revistas sobre Educação Física, entre 1932 e 1950. A partir dessas referências localizadas, tomadas aqui como indícios, construímos o seguinte quadro:

Quadro 9 – Circulação do pan-americanismo nos periódicos de Educação Física

Revista	Referências
<i>Educação Physica</i>	7
<i>Revista de Educação Física</i>	1
<i>Boletim de Educação Física</i>	3
<i>Revista Brasileira de Educação Física</i>	24
<i>Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos</i>	1

⁴³ Em 1921, o Brasil já era o quarto maior importador de filmes americanos. Disponível em: <<http://www.telabr.com.br/timeline/brasil>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

Os temas dos artigos variaram entre dois assuntos apenas: os congressos pan-americanos de Educação Física e os jogos esportivos pan-americanos, conforme pode ser visto no Apêndice.

Apesar de o pan-americanismo ter sido referência ao menos uma vez em cada um dos periódicos veiculados entre os anos de 1932 e 1950, percebemos que sua maior entrada se deu nas revistas publicadas por editoras comerciais e, principalmente, a partir do ano de 1941, quando, não é demais lembrar, os conflitos na Europa envolviam cada vez mais os países do Novo Mundo, fazendo com que, no Brasil, as referências à Alemanha perdessem espaço para o americanismo e o fortalecimento do ideário da união dos povos americanos sob a liderança dos Estados Unidos que, aproveitando-se dessa configuração das relações internacionais, intencionavam estabelecer sua influência sobre os demais países do continente.

O ideário pan-americanista, no início da década de 1940, apresentou-se de duas formas distintas que entraram em disputa, mas que, em determinado momento, superaram essa dicotomia. Se, por um lado, os Estados Unidos pretendiam pôr em prática um projeto político-ideológico com base no modelo de expansão da Doutrina Monroe, os países latino-americanos, inspirados no bolivarismo, pretendiam se unir para a resolução de problemas comuns. Esse ideário pan-americanista de inspiração bolivarista se refletiu de forma mais visível no campo da Educação Física, por exemplo, em 10 de maio de 1941, quando se realizou em Buenos Aires, Argentina, uma reunião preparatória para o Primeiro Congresso Pan-Americano de Educação Física. Sobre os assuntos tratados nessa reunião, chegaram à seguinte conclusão:

Que América, hoy más que nunca podía llamarse Occidente, tenía serios problemas educacionales que resolver, y que era indispensable crear una conciencia sanitaria y desarrollar la personalidad de la juventud con altos ideales, que suministra la práctica de la educación física (ACTA, 1941, n. 2, p. 52).

O congresso foi marcado então para

[...] realizar-se na cidade do Rio de Janeiro, Capital dos Estados Unidos do Brasil, de 19 a 31 de julho de 1943, [...] com o objetivo de fomentar o estudo dos problemas relacionados com a educação física e colaborar com os

Governos das Nações Americanas na coordenação das atividades deste ramo de educação integral dos povos (RENAULT, 1943, p. 39).

Nesse congresso, discutiu-se, como um dos temas da seção de Política Educacional, a questão da criação de métodos diferentes de Educação Física para os países americanos ou de um único método pan-americano. Na mesma seção, tratou-se de um outro tema, a “[...] Influência da Educação Física na reconstrução social após a presente guerra” (RENAULT, 1943, p. 42). Foram considerados como idiomas oficiais desse congresso o português, o espanhol, o inglês e o francês (RENAULT, 1943).

Na última sessão geral, após quatro horas de trabalhos, foram elaboradas 21 resoluções, como um roteiro para que houvesse uma padronização da Educação Física nas Américas, com o cuidado de estender a atuação dos professores aos indígenas e deficientes físicos e mentais, bem como oferecer um tratamento diferenciado para o sexo feminino (PRIMEIRO, 1943, p.42).

Nas conclusões desse congresso, consta que foi decidido

[...] considerar o Congresso Panamericano de Educação Física como instituição de caráter permanente, com as finalidades de manter latente o intercâmbio e colaborar com os governos e instituições educativas das repúblicas americanas, na coordenação das atividades deste ramo da educação integral dos povos (CONCLUSÕES, 1943, n. 7, p. 9).

O discurso de encerramento foi feito por Gustavo Capanema, ministro da Educação:

Disse o Sr. Gustavo Capanema que desejava, em primeiro lugar, expressar que foi para o Brasil uma inesquecível honra ter-se reunido aqui, o 1º Congresso Panamericano de Educação Física. Particularmente aos delegados das nações estrangeiras, expressou o contentamento do governo brasileiro de os ver no país, pois sempre recebemos com particular carinho, calor e entusiasmo, os nossos amigos da América.

Disse ainda o Sr. Gustavo Capanema, depois de outras considerações, que acreditava que os países americanos estão considerando o problema com maior segurança e equilíbrio; que estão dando à educação física o seu verdadeiro sentido; que não querem considerá-lo como um processo suplementar de educação, mas como uma parcela integrante do processo educativo; que querem, nele ver um dos processos integrantes e fundamentais da formação do ser humano em todas as suas partes, na sua parte física, moral e intelectual. Desta forma, já pela compreensão do verdadeiro papel da educação física, já pela localização segura dele em

todo o processo escolar, estava certo de que as nações americanas poderão dar uma lição ao mundo. Afirmou que o Congresso resume a doutrina das Américas em matéria de educação física, expressando essa doutrina em termos mais claros e modernos. Por fim, em nome do presidente da República despediu-se dos congressistas, agradecendo o esforço de cada um e declarando encerrado o 1º Congresso Panamericano de Educação Física (PRIMEIRO, 1943, p. 43).

Na revista *Educação Physica*, n. 82, de agosto de 1944, anuncia-se a realização do II Congresso Pan-Americano de Educação Física para o período de 2 a 16 de maio de 1945. Nesse texto, permeado pelo que se considerava um sentimento pan-americano e num tom até mesmo generalista, não levando em consideração as diferenças culturais e econômicas, afirma-se que

[...] Os problemas da Educação Física são sempre os mesmos, qualquer que seja o país em que eles se verifiquem, porque a Educação Física não difere na sua essência quando atravessamos as fronteiras políticas de um país para outro. Por isso, poderemos levar uma solução brasileira para um problema mexicano, do mesmo modo que de lá poderemos trazer a solução para um problema nacional (O II CONGRESSO, 1944, n. 82, p. 5).

Podemos inferir na citação acima que a indiferenciação em relação à Educação Física entre os países do Novo Mundo era um paradoxo, pois, já no primeiro congresso, uma resolução havia sido elaborada em relação aos países onde houvesse grande altitude: “O problema da educação física nas regiões de grande altitude deve continuar a ser estudado pelos países em que se apresente esta situação especial” (PRIMEIRO, 1943, p. 42). Além disso, a diversidade de culturas nativas, migradas e apropriadas e também as situações econômicas e sociais diferenciadas dos países não foram levadas em consideração.

Para compreendermos melhor o ideário pan-americanista de inspiração bolivarista, mas já fazendo circular uma tendência americana de união dos povos americanos sob uma inspiração monroísta⁴⁴ que circulava na revista *Educação Physica*, julgamos pertinente procurar vestígios em artigos relacionados com o

⁴⁴ Lembrando que *monroísta* é uma referência à Doutrina Monroe e, nesse contexto, tanto os Estados Unidos quanto o Brasil já haviam rompido relações diplomáticas com a Alemanha. Sob pressões diplomáticas e incentivos econômicos, os Estados Unidos, em 1942, haviam instalado bases militares ao longo da costa norte-nordeste, visando a uma menor distância para o desembarque de tropas anglo-americanas no norte da África, o que viria a acontecer em novembro daquele ano.

movimento pan-americanista. Encontramos um em especial que nos chamou a atenção. Em artigo intitulado *Panamericanismo*, publicado no n. 65 da revista *Educação Physica*, Holanda Loyola (1942, n. 65, p. 11, grifo nosso) exalta os serviços que os desportos e a Educação Física

[...] poderão prestar à causa dos ideais panamericanistas, à amizade, à concórdia e à compreensão recíproca de todos os povos americanos, congregando-os em torno de um ideal supremo de felicidade humana, *inspirada na paz e no direito, na justiça e na Liberdade.*

Mais adiante, Loyola enaltece o potencial que as competições esportivas realizadas com espírito de cordialidade e “[...] senso olímpico da verdadeira competição atlética” (LOYOLA, 1942, n. 65, p. 11) têm para melhorar o entendimento entre as nações. O artigo, em nosso entendimento, faz apologia ao ideal pan-americanista de inspiração bolivarista, porém já com alguns vestígios da presença do monroísmo, quando diz:

Esse ideal de aproximação americanista é comum a todos os professores das Américas sinceramente empolgados em trazer às gerações presentes e futuras um ambiente de paz e harmonia propício às grandes realizações do pensamento humano (LOYOLA, 1942, n. 65, p. 11).

Não podemos, entretanto, afirmar que Loyola tenha empregado o termo *americanista* usando a metonímia, tomando a parte, os Estados Unidos, como o todo, o continente americano, pois o contexto remete ao pan-americanismo, o que tornaria, nesse texto, o termo *americanista* sinônimo de *pan-americanista* e, ainda, aponta para uma superação da dicotomia bolivarismo - monroísmo, uma espécie de síntese do que se considerava o mais adequado das duas doutrinas.

Lembramos que tanto os Estados Unidos quanto o Brasil tomavam a Alemanha como modelo de eugenismo e higienismo para a produção do “homem novo” enquanto o nacional-socialismo alemão não se constituiu uma ameaça, tendo isso se refletido na linha editorial de *Educação Physica*, conforme afirma Schneider (2010, p. 184):

Um dos pontos do programa dos editores, veiculado por meio da Revista [*Educação Physica*] durante todo o período em que ela é produzida, consistia em favorecer o surto dos esportes como fator de aperfeiçoamento da raça. Para os editores, a Alemanha, sob o regime nazista, constitui-se em um ótimo exemplo do que a implementação da Educação Física e dos Esportes poderia fazer em prol da juventude. Implementar no Brasil o mesmo programa de Educação Física poderia, na visão dos editores, tornar realidade o desenvolvimento da eugenia do povo e produzir a tão desejada configuração corporal helênica, modelo moderno de saúde e de beleza.

A partir do rompimento diplomático com a Alemanha, tanto por parte dos americanos quanto dos brasileiros, e principalmente com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, o que resultou em um mundo dividido entre o capitalismo e o comunismo, os Estados Unidos intensificaram a sua estratégia para o estabelecimento de uma união pan-americana, sobre a qual pretendiam exercer sua liderança em todos os âmbitos, conforme Cervo e Bueno (1992, p. 247):

No imediato pós-guerra, o Brasil e a América Latina em geral ficaram sob nítida hegemonia norte-americana, quer sob o ponto de vista político, quer sob o econômico e cultural.

A influência cultural americana sobre o Brasil não foi resultado de um processo espontâneo, mas decorreu de um plano deliberado dos Estados Unidos no âmbito de uma estratégia mais ampla, formulada no contexto do início da Segunda Guerra, quando, por razões de segurança, careciam da simpatia e principalmente da colaboração do Brasil em especial e da América Latina, em geral.

Nesse período, com o intuito de obter benefícios, o Brasil continua aliado aos Estados Unidos, como destaca Moura (1984, p.77):

Na União Panamericana (depois OEA), nem se fale: éramos os intérpretes do pensamento americano junto aos demais países da América Latina. Nas concepções do estamento diplomático, a 'relação especial' entre Brasil e Estados Unidos deveria traduzir-se em benefícios especiais para nosso país no contexto latino-americano. Tio Sam estava bem servido, nesse caso. E bem servido ficou durante os anos 50, até que despontasse no horizonte a política externa independente.

Uma primeira edição dos jogos pan-americanos seria realizada em 1942, se a Segunda Guerra Mundial não tivesse sido deflagrada em 1939 e alcançado tamanha

proporção, terminando apenas em 1945, o que fez com que os jogos acontecessem apenas em 1951. Na *Revista de Educação Física*, n. 50, de dez. de 1950 (p. 23) e na revista *Educação Phisica*, n. 75, de junho de 1942, encontramos o programa dos jogos (Figura 22), que deveriam acontecer entre os dias 21 de novembro e 6 de dezembro de 1942. Juntamente com os jogos esportivos, deveria ocorrer uma “Exposição e Concurso de Artes Americanas. Arquitetura, Pintura, Escultura, Desenho, Gravura, Literatura e Música [...]”(PRIMEIROS, 1941, p. 23); (JOGOS, 1942, p. 55).

Figura 22 – Programa dos jogos esportivos Pan-americanos

Primeiros Jogos Esportivos Panamericanos

Confederação Argentina De Esportes - Comité Olímpico Argentino
 AVENIDA DE MAYO 695 — BUENOS AIRES — REPÚBLICA ARGENTINA
 Dirección Telegráfica: "CADCOA" Dpto. DE PRENSA: U. T. 34, Defensa 5028.

Origem — O Congresso Esportivo Panamericano, reunido em Buenos Aires em 1940, resolveu realizar as competições atléticas esportivas, na cidade de Buenos Aires, devendo as mesmas terem lugar na primavera de 1942.

Países participantes — Nos jogos Panamericanos participarão todas as 21 Repúblicas do continente, as 3 Guianas, e de acordo com as sugestões aceitas pelo Comité Organizador, as ilhas da Trindade e Jamaica poderão enviar representações se, em tempo, solicitarem suas inscrições.

Esportes das competições — O programa oficial dos Jogos incluiu, até a presente data, os seguintes esportes: atletismo, basquetebol, boxe, ciclismo, esgrima, tenís, luta, natação, pesos e halteres, polo, remo, tiro iatismo, xadrez e pentatlo moderno.

Exibições — O programa definitivo de exibições compreende as seguintes atividades físicas: aeronáutica, ginástica, handebol, hóquei em patins, patinagem, pelota, "rugbi" e alguns jogos.

Esportes equestres e esportes de inverno — Possivelmente serão incluídos estes esportes, esperando o Comité Organizador ultimar alguns pormenores suplementares, afim de tomar uma resolução definitiva.

Número de atletas participantes — De acordo com as informações recebidas e as impressões colhidas nos meios esportivos americanos, calcula-se em 2.000 o número de esportistas que participarão dos Primeiros Jogos.

Concentração dos atletas — Os atletas serão concentrados na Vila Olímpica, que será construída nas proximidades de Buenos Aires.

Locais dos disputantes — Além do estádio principal, no qual será realizada a solenidade da abertura dos jogos, outros locais serão utilizados para os diferentes esportes.

Direção dos jogos — Os Jogos Panamericanos serão realizados sob os auspícios do Comité Esportivo Panamericano, formado pelos representantes de 17 países. Além disso, cooperarão na organização dos mesmos o Governo Argentino, a Municipalidade de Buenos Aires, o Corpo Diplomático dos países da América, o Comité Olímpico Argentino e todas as instituições esportivas argentinas filiadas à Confederação Argentina de Esporte.

Duração dos Jogos — Não se levando em conta os esportes de inverno, cuja realização ainda nada foi resolvido em definitivo, os jogos propriamente ditos, terão a duração de 16 dias, isto é, de 21 de novembro até 6 de dezembro.

Congresso Esportivo — Oito dias antes da data fixada para o início dos jogos, se reunirá um Congresso de todos os países que tomarem parte nos mesmos.

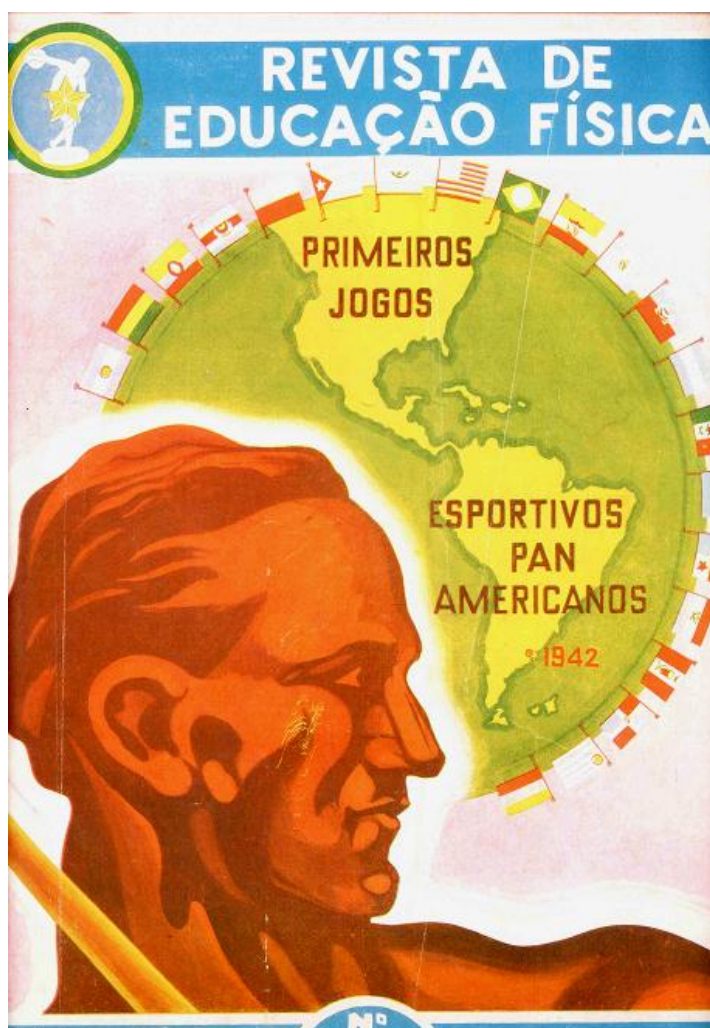
Alguns cronistas esportivos e vários médicos dos diferentes países americanos, já solicitaram inscrições para tratarem de assuntos relativos às suas especialidades. O Congresso Esportivo de 1942, sem dúvida, será um acontecimento notável.

Exposição de Artes — Juntamente com os Jogos Panamericanos, realizar-se-á, em Buenos Aires, uma Exposição e Concurso de Artes americanas. Arquitetura, Pintura, Escultura, Desenho, Gravura, Literatura e Música são as artes escolhidas, devendo uma comissão especial confeccionar um regulamento, que estabelecerá as normas e as condições a satisfazer pelos candidatos ao referido certame.

Fonte: Revista de Educação Física, n. 50, dez. 1941.

Um indício da tentativa de aproximação política e cultural entre o Brasil e os Estados Unidos pode ser visto na versão em português do cartaz referente aos Primeiros Jogos Esportivos Pan-Americanos, que seriam realizados em 1942, em Buenos Aires, Argentina, estampado na capa do n. 48 da *Revista de Educação Física* (Figura 23).

Figura 23 – Capa Revista de Educação Física n. 48



Sobre o cartaz, encontramos na revista:

[...] sente-se que a representação da parte do globo terráqueo onde aparece em relevo as Américas e o círculo de bandeiras que a envolve, traduz em expressão felicíssima, o desejo panamericanista de manter os povos americanos em perfeita compreensão, unidos e serenos, diante das dificuldades e incertezas que avassalam o globo (A NOSSA, 1941, n. 48, p. 8).

A Figura 23 nos mostra que, a despeito da distância geográfica entre o Brasil e os Estados Unidos, suas bandeiras são colocadas lado a lado, enquanto a bandeira da Argentina, país vizinho ao nosso, é colocada distante.

Outro fato observado na Figura 23 é a representação sobre a hierarquia racial. Se, até 1942, o modelo a ser alcançado a qualquer custo era o ariano, como os representados nas capas das revistas apresentadas nas Figuras 3 a 8, vemos, no cartaz dos Jogos Pan-Americanos, que ilustra a capa da *Revista de Educação Física* n. 48, a representação não mais do branco, de olhos azuis, mas de um homem com a tez morena, avermelhada, algo que sintetizaria o resultado da mestiçagem entre o branco europeu, os nativos das Américas e o negro africano, o que nos parece representar a aceitação do mestiço como identidade dos povos americanos, principalmente na chamada América Latina, pois, dentro dos Estados Unidos, ainda prevalecia o ideário *WASP: white, anglo-saxan and protestant* (branco, anglo-saxão e protestante).

Tal representação nos parece uma síntese à qual haviam chegado após tantos esforços para a chamada *feitura da raça*, pelo eugenismo e ainda pela educação dos sentidos, sobre a qual Schneider (2010, p. 189) nos diz:

A educação dos sentidos era o alvo das prescrições sobre a melhoria das condições biotípicas pela adoção de regras de higiene, nas quais estavam inclusas a exercitação diária, o amor pelo esporte, o aprendizado nas escolas das regras de saúde, o culto ao padrão grego de estética corporal, o amor à pátria e a moralização dos hábitos que poderiam levar à degenerescência.

A Educação Física e os esportes nos parecem ter sido tomados como elementos catalisadores do ideário pan-americanista na década de 1940, conforme Marinho (1947, p. 5) e Loyola (1942, p. 11) já citados. Nessa época, os periódicos já são vistos como meios de circulação desse ideário, de acordo com Marinho (1947, p. 5):

A própria 'Revista Brasileira de Educação Física', pela farta colaboração recebida de diferentes países, vai, paulatinamente, adquirindo o caráter de uma publicação panamericana. E isto faz com que nos sintamos orgulhosos pela possibilidade de nos tornarmos úteis não apenas aos professores do Brasil, mas também aos dos demais países irmãos.

Vale lembrar que também a revista *Educação Physica* circulou por países da América Latina, como a Argentina, além de Portugal e África Oriental Portuguesa, atual Moçambique, países onde possuía representantes comerciais (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1938, p. 4) tendo contribuições de escritores em língua espanhola, além dos já mencionados artigos em inglês, francês e alemão, traduzidos para o português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indícios sugerem que, embora não tenha sido produzida como um modelo plenamente estruturado, como pretendiam intelectuais da área na primeira metade do século XX, nossa Educação Física vem se constituindo num processo de descontinuidades, com a apropriação de modelos, ou pelo menos partes deles, que se mostram mais adequados à contemporaneidade e, no rol desses modelos, temos a presença americana como um padrão cultural que contribuiu para essa constituição.

Entretanto, em função dos modelos historiográficos utilizados para se compreender a História da Educação Física no Brasil, tendo o Estado como centro irradiador das proposições e grande agente da mudança, e o uso das fontes e o sentido atribuídos a elas, ainda não havia sido possível compreender a força que a presença das representações dos Estados Unidos assumiu na constituição da Educação Física. Com base nas novas proposições de usos das fontes proporcionadas pela “*microhistória*” e das questões possibilitadas pela História Cultural, podemos colocar em evidência fatos pouco compreendidos sobre a História da Educação Física, como a presença de uma cultura esportiva que buscou moldar, no Brasil, um homem novo, moderno e útil, tomando os Estados Unidos da América como grande referência.

Desse modo, nossa investigação visou à possibilidade de que tenha sido apresentado nas revistas um padrão cultural associado ao modo americano de organização não só da indústria, mas também da cultura, como muitas vezes os indícios assim apontaram, principalmente relacionando a prática esportiva com a sua eficácia para a preparação militar, tão necessária no período que estudamos. Outro ponto investigado se refere às possíveis diferenças entre as representações sobre o americanismo nos diferentes impressos: particularmente nas revistas publicadas por editoras comerciais, o americanismo foi representado como síntese de modernidade, um modelo que deveríamos seguir para nos colocarmos no mesmo patamar que os Estados Unidos.

Detendo-nos na questão da memória e, conseqüentemente, do esquecimento, as revistas de Educação Física, tomadas neste estudo como

monumentos, levam-nos a inferir que, apesar de figurar na memória produzida pela Pedagogia, Ciências Políticas, Sociologia e História, a presença americana na Educação Física brasileira foi negligenciada e com isso aconteceu o esquecimento dessa cultura esportiva no Brasil. Sua presença foi naturalizada, o que fez com que as contribuições americanas não fossem relacionadas entre aquelas que formaram o arcabouço teórico do que podemos chamar de *Educação Física brasileira*.

Assim, os indícios nos mostram que, com a publicação dos dois primeiros periódicos sobre Educação Física, no ano de 1932 – *Revista de Educação Física e Educação Physica* – começaram a circular artigos na imprensa periódica que enalteciam o modo americano de *fazer* Educação Física. Esses textos foram escritos tanto por americanos e traduzidos para o português, quanto escritas por brasileiros que tinham ligações com os Estados Unidos, seja por haverem lá frequentado algum curso, seja, ainda, por aqui, no Brasil, possuírem algum vínculo com a Associação Cristã de Moços, que para cá foi trazida por americanos.

A atenção dada aos esportes, que traduziam para a atividade física o modelo americano de especialização e eficiência da indústria, era bastante visível nos artigos que tratavam sobre o basquetebol e o voleibol, esportes criados nos ginásios da Associação Cristã de Moços, e também em outros esportes, como o atletismo que, nesse país da América do Norte, contava com muitos adeptos e grandes expoentes nas competições internacionais. É curioso perceber que não apenas nos artigos, mas também em anúncios comerciais dos mais diversos produtos, podemos encontrar, tanto implícita quanto explicitamente, a presença americana nesses periódicos, em indícios textuais ou gráficos que veiculam representações desse país como modelo de modernidade.

A presença americana se materializou na imprensa periódica da área da Educação Física no Brasil, entre os anos de 1932 e 1950, como artigos que, quando não enalteciam explicitamente a forma como os americanos lidavam com a Educação Física e o esporte, ao menos tornavam visíveis, como sugestão, as práticas consideradas modernas que poderiam, juntamente com a adoção dos modelos americanos em outras áreas, elevar o Brasil ao mesmo patamar que o dessa nação da América do Norte. Isso pode ser verificado não só pelo entusiasmo com que os autores escreviam sobre o esporte e a forma como a educação, de modo geral, era praticada nos Estados Unidos, mas também pela presença de

anúncios publicitários que traziam referências a esse país, como exemplo do que havia de mais moderno nessa época. É possível, entretanto, perceber que o americanismo não foi, em nenhum momento, hegemônico na imprensa periódica da Educação Física e com isso ensejou disputas internas no que se refere aos padrões culturais que circularam nas páginas das revistas, as quais tomamos como *corpus* documental.

É interessante, entretanto, notar que a presença americana foi de certa forma naturalizada, e isso só pode ser percebido quando exercitamos o estranhamento, procurando pelos indícios que nos mostrem essa presença, de que forma isso ocorreu e tornando visíveis os monumentos de memória que a evocam. Dessa forma, temos os periódicos como tais monumentos, que nos mostram que o americanismo circulou pelas páginas dessas revistas em maior ou menor quantidade, publicadas por editoras comerciais ou por autarquias, mas, na maioria dos casos, como exemplo da síntese de modernidade que os Estados Unidos da América representavam.

Não é possível concluir, entretanto, que tudo o que foi publicado nas revistas que constituíram nosso *corpus* documental e se refere a esse país faça parte da estratégia americana de colonização cultural e política, embora haja autores, como Moura (1984), que se refiram à forma como esse país planejou essa colonização. Todavia, as subjetividades dos habitantes das grandes cidades, principalmente, possuíam, na imprensa periódica e no cinema, fontes de imagens e sons que, ao mostrar os brilhos e melodias de um país industrializado e moderno, criaram nos brasileiros o anseio de se espelhar nesse exemplo, de forma mimética, apropriando-se de seus comportamentos e costumes ou, para usar o mesmo termo que Warde, *espelhando-se* nesse *ethos* e, dessa forma, fizeram também, sem maiores esforços dos americanos, circular a cultura *yankee*.

O processo de escolarização da Educação Física nos é apresentado nas revistas como uma disputa de padrões pedagógicos. Inicialmente, adotou-se a Ginástica Sueca pela necessidade criada de regeneração da raça e, posteriormente, o Método Francês, como estratégia para robustecer a mocidade, criando uma geração forte para o crescimento e proteção da nação. Paulatinamente, por todo o contexto histórico, entra em disputa o modelo americano que possuía como característica uma grande variação dos conteúdos levados para a escola, contando

ainda com uma maior ocupação de tempos e espaços pelo esporte e, por esse fator, muitas vezes se confundido com o modelo esportivizante inglês.

Os artigos publicados nas revistas materializavam uma representação da modernidade americana, a qual era anseio de todo um grupo de intelectuais, não apenas na área da Educação Física, e isso foi mais explícito na revista *Educação Physica* do que na *Revista de Educação Física*, publicada pela EEFE. Tal representação de modernidade também nos parece bastante explícita na *Revista Brasileira de Educação Física*, que, assim como a publicação da Cia. Brasil Editora, teve um caráter comercial, e ainda podemos inferir, a partir dos indícios, que, de forma semelhante à ocorrida com a revista publicada pela EEFE, o *Boletim de Educação Física* e os *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física* fizeram circular o americanismo de forma mais comedida.

A presença do esporte se tornou uma constante pela especialização dos papéis que proporcionava aos seus praticantes, sendo isso um traço marcante do fordismo que transpunha para o âmbito da educação, utilizando para esse fim os esportes coletivos, essa característica da indústria americana. Dessa forma, o esporte, tanto na esfera das relações sociais, quanto levado para a escola, mimetizava o processo pragmático de especialização pelo qual os países em vias de industrialização ansiavam, tornando oportuna a adoção das práticas esportivas como parte do currículo da disciplina Educação Física, embora a presença dessas práticas esportivas já pudesse ser vista no Método Francês, conforme nos mostra Goellner (1992).

Assim, podemos inferir que a presença americana aparece na produção da história da Educação Física no Brasil como uma opção *moderna* de modelo a ser seguido, o que nos traria uma série de vantagens em relação aos modelos outrora adotados, permitindo-nos *eleva o país ao nível do século*, como se costumava dizer nessa primeira metade do século XX. Podemos afirmar, portanto, com base nos vestígios e indícios localizados, que os Estados Unidos da América, buscando aumentar sua área de influência cultural, prescreveram práticas, propondo o modelo americano aos países da América Latina. Esses países, no entanto, *apropriaram-se* de alguma forma desse modelo, dando um aspecto mais assimilável aos gostos e possibilidades de uso e se deixando *influenciar*, ou seja, fazendo exatamente como

proposto ou quando julgaram conveniente ou, ainda, quando as condições permitiram.

Quanto à ACM, inferimos, a partir dos vestígios, que essa instituição, por ter sido trazida para o Brasil por americanos, era portadora de uma série de representações desse país. Assim, em solo brasileiro, a partir das atividades desenvolvidas em suas sedes e da participação de seus membros nas publicações de Educação Física, a ACM fez circular a cultura americana com base nos aspectos por eles apropriados nessa entidade e também por meio dos esportes criados nos seus ginásios em solo americano – o vôlei e o basquetebol – que ganharam projeção na sociedade brasileira a partir dessa associação.

Ponderamos, todavia, que as contribuições da ACM, no que se refere à Educação Física, ainda não foram devidamente reconhecidas, sendo pertinente uma pesquisa aprofundada em seus arquivos para que se possa dar visibilidade a essas contribuições. Poderíamos ainda atribuir a presença quase irrisória da ACM na *Revista de Educação Física*, publicada pela EEFE logo, subsidiária do Exército, autarquia do Estado brasileiro, ao fato de ser uma instituição de filiação protestante, inserida no contexto de uma sociedade brasileira que mantinha uma representação forte do catolicismo, embora o Brasil tenha deixado de ser oficialmente católico a partir da Constituição de 1891.

Quando analisamos a presença americana no contexto do pan-americanismo, percebemos que esse movimento teve uma inspiração dupla, baseada tanto na Doutrina Monroe quanto no movimento Bolivarista, tendo os EUA assumido a inspiração monroísta oriunda desse país, enquanto os outros países seguem pela via bolivarista, mais condizente com os ideais latino-americanos, embora, em determinado momento, o movimento pan-americanista supere essa dicotomia. Assim, a presença americana se faz perceber tanto isoladamente quanto usando o movimento pan-americanista como estratégia para assumir a liderança política, ideológica e comercial nas Américas, num esforço, entre outros objetivos, de não permitir o avanço do comunismo sobre os países do continente, o que assegurou o “predomínio do modo de produção capitalista” no continente americano.

O movimento pan-americanista sintetiza nos impressos um padrão cultural heterogêneo que representava o desejo de entendimento e cooperação entre as nações, o que fez com que a circulação de ideias proporcionasse o ensejo para

apropriações de práticas e de comportamentos, privilegiando aqueles originários de países que se mostrassem detentores de um capital simbólico mais representativo de forma que pudessem elevar, em termos dessa época, todos os países *ao nível do século*. Com isso, os Estados Unidos, síntese de modernidade e de avanços em todos os aspectos, assumiram o posto de líder nas Américas.

Ainda com relação ao pan-americanismo na Educação Física, partindo da forma como circulou nos impressos, os indícios nos levam a inferir que esse movimento sintetizou um padrão cultural que, de certa forma, moldou a cultura da Educação Física e a sua inclusão na escola como disciplina, tendo o esporte como catalisador desse processo. Podemos inferir, pela importância que assumiu, que a presença do esporte, paulatinamente, fez com que a ginástica fosse relegada a um plano secundário, uma vez que não proporcionava o mesmo grau de excitação que a prática esportiva.

Por fim, consideramos pertinente dizer que não nos é possível falar da cultura, sem levarmos em consideração a efervescente política dessa época, com toda a beligerância e alianças político-militares, tendo como *corpus* documental somente revistas de Educação Física. Esses aspectos culturais e sociais poderiam ser mais bem captados e compreendidos, caso houvéssemos incluído, entre as publicações, revistas de variedades, como *O Cruzeiro*, publicada entre 1928 e 1975, e *Seleções (Reader's Digest)*, revista publicada a partir de 1922 nos EUA e de 1942 no Brasil. Dessa forma poderíamos mais facilmente compreender o que da cultura americana era publicado para além das revistas especializadas. Como nossa proposta foi utilizar como *corpus* documental apenas os periódicos do campo da Educação Física, deixamos essa questão em aberto para pesquisas posteriores.

REFERÊNCIAS

A NOSSA capa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 38, p. 2, maio 1938.

A NOSSA capa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 48, p. 8, set. 1941.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACTA de la reunión preparatória del primer congreso panamericano de educación física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 51-54, set. 1941.

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS (A. C. M.). A calistenia: tipos de exercícios que compõem uma classe. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 77, p. 40-43, mar. 1944.

ASSOCIAÇÃO Cristã de Moços. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 26, p. 26-27, set. 1935.

ASSOCIAÇÃO Cristã de Moços (A.C.M.): meio século de bons serviços à mocidade brasileira. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 33-34, jan. 1944.

AZEVEDO, Fernando. **Da educação física**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**: dois séculos de história. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

BARBANTI, Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo**: um estudo de suas origens. 1977. 220 f. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

BARBOSA, Rui. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946. v. X, t. II.

BARBOSA, Ruy; ESPINOLA, Thomaz do Bonfim; VIANA, Ulyses Machado Pereira. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública: parecer e projeto da comissão de instrução pública composta dos deputados: Ruy Barbosa, Thomaz do Bonfim Espinola e Ulyses Machado Pereira

Viana, apresentado em sessão da Câmara dos Deputados de 12 de setembro de 1882, n. 224. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 67-68, p. 5-11, out./nov. 1949.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e de diplomática**. 3. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

BERRY, Elmer. "Systemas de Educação Physica". **Educação Physica**, Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, n. 2, p.17-18, 1932.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOYD, Andrew Blake. A União Cultural Brasil-Estados Unidos e as políticas culturais dos Estados Unidos (1938-1951). 2003. 124 f. (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 17-48.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. São Paulo: Ática, 1992.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, n. 11, p.115-127. jan./abr. 1991.

CONCLUSÕES finais do I congresso panamericano de educação física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 7, p. 7-13, ago.1943.

D'ALBUQUERQUE, A. Tenorio. A educação physica na Allemanha: o problema do robustecimento da juventude, a construção de praças de esportes: a mulher alemã e os sportes. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 26-28 e 92, set. 1937.

DIAS, Maria de Fátima Sabino. **A "invenção da América" na cultura escolar**. 1997. 175 f. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 19, p. 4, jun. 1938.

ELIAS, Norbert, **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v. 1.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

ELLERY, Humberto. O valor do soldado de Tio Sam. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 54, p. 9-11, ago. 1942.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia no Exército e na escola**: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz/ES: Facha, 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio et al. **Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)**. Vitória: Proteoria, 2002. 1 CD-ROM.

FISHER, Irving. A nova educação physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 13-14, mar. 1934.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**: memória e sociedade. Lisboa: Difel, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a educação física no Brasil**: da caserna à escola. 1992. 215 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GRAMSCI, Antonio. **Americanismo e fordismo**. São Paulo: Hedra, 2008.

HISTÓRICO de associações desportivas: Associação Cristã de Moços de São Paulo. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 73, p. 42-59, mar./abr. 1943.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

JOGOS olímpicos panamericanos. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 35, jun. 1942.

KEHL, Renato. **Lições de eugenia**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1929.

KEHL, Renato. O jogador. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 72, p. 14, jan./fev. 1943.

KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. **Sociologias**, Porto Alegre, ano XI, n. 22, jul./dez. 2009.

KULESZA, Wojciech Andrzej. Genealogia da Escola Nova no Brasil. **Educação em Foco** (Juiz de Fora), Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 83-92. 2003 Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/3155.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LEFF, Nathaniel H. **Política econômica e desenvolvimento no Brasil 1947-1969**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a “energização do caráter”**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 266 f. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola e o esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

LIPIETZ, Alain. **Audácia**: uma alternativa para o século XXI. São Paulo: Nobel, 1991.

LOPEZ, Arturo Leon. Um povo em marcha. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 75, p. 23, jul./ago. 1943.

LOYOLA, Hollanda. Panamericanismo. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 11, jun 1942.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade**. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

MACEDO, Joaquim Teixeira de. **Apontamentos para o estudo das questões relativas ao ensino normal primário e à educação popular**. Rio de Janeiro: Typ. De João M. A. A. d'Aguiar, 1876.

MARINHO, Inezil Penna. Educação física e panamericanismo. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 43, p. 5, out. 1947.

MARINHO, Inezil Penna. **Historia geral da educação física**. São Paulo: Brasil Ed., [19--].

MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e métodos de educação física**. 4. ed. São Paulo: Papelivros, [19--].

MOCO, Aline Campos Paiva. **Em defesa do americanismo**: o nascimento de uma nação de Griffith. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em História)– Pontífica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil Tropical. Maceió: Edufal, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A cultura ocultada**. Londrina: UEL, 1999.

O CAMPEONATO do melhor físico de 1945 da Associação Cristã de Moços. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 86, p. 29-30, maio/jun. 1945.

O CAMPEONATO do melhor físico de 1945 da Associação Cristã de Moços. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano II, n. 19, p. 5-6, jul. 1945.

O II CONGRESSO panamericano de educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 82, p. 5, ago. 1944.

O DIA da camaradagem na Associação Cristã de Moços de S. Paulo. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 77, p. 10, mar. 1944.

O QUE é a calistenia. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 86, p. 17, maio/jun. 1945.

OLHAR estrangeiro. Direção Lucia Murat. Produção: Taiga, Limite e Okeanos. 2006.

PARECER de Ruy Barboza sobre a instrução publica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 33-34 e 52-56, mar. 1934.

PRIMEIRO congresso panamericano de educação física: o que foi a realização desse grande certame no Rio de Janeiro: a instalação do congresso – regimento das sessões, programa de atividades e constituição das comissões – o segundo congresso no México. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 75, p. 41-43, jul./ago. 1943.

PRIMEIROS jogos esportivos panamericanos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 50, p. 23, dez. 1941.

PROTEORIA. Projeto disponível em: <<http://www.proteoria.org/justificativa.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

RACISM: a history (part 2). Direção: Paul Tickell. Produção: BBC four. Londres. 2007. 1 DVD

REÉ, Flávia Maria. **A distância entre as Américas:** uma leitura do pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas do Brasil (1889-1912). 2010. 237 fls. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RENAULT, Abgar. Primeiro congresso panamericano de educação física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 6, p. 39-44, abr. 1943.

REZENDE, Octavio Murgel. Os esportes como elemento de coesão nacional. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 51, dez. 1932.

RODRIGUES, Julio J. Praças de Desportos. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 58-62, out. 1938.

ROUSIERS, Paul de. **La vie américaine:** l'éducation et la société. Paris: Didot et Cie., imprimeurs-éditeurs, 1892. v. II.

BISQUETT, Luiz. A educação physica hodierna. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 12-15 e 66-70, out. 1938.

SANT'ANNA, Eulídio Reis de. De volta! **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 56, p. 1, nov. 1947.

SCHNEIDER, Omar. **A revista Educação Physica (1932-1945):** estratégias editoriais e prescrições educacionais. 2003. 345 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Programa de Educação: História, Política e Sociedade, Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHNEIDER, Omar. **Educação physica:** a arqueologia de um impresso. Vitória: Edufes, 2010.

SCHNEIDER, Omar; FERREIRA NETO, Amarílio. Americanismo e a fabricação do homem novo: circulação e apropriação de modelos culturais na revista **Educação Physica (1932-1945)**. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, p. 135-159, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Adroaldo Moura da. Prefácio em KEYNES, John Maynard. **Teoria geral do emprego, do juro e da moeda** (General theory of employment, interest and money). Tradução de Mário Ribeiro da Cruz. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

TRILLING, Blanche M. A significação da educação physica na vida moderna. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 10-16, abr. 1938.

UNIÃO Pan-Americana. **Revista de educação**, Vitória, ano I, n. 2. p. 31-32. 1934.

VAGO, Tarcísio Mauro. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.77-97, set./dez. 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta; FIGUEIREDO, Luciano; GREIVAS, Cynthia (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WARDE, Mírian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, n.14, 2000.

WARDE, Mirian Jorge. **Cultura e educação**: o americanismo e a fabricação do homem. Relatório da reunião da equipe de pesquisa “Americanismo e Educação” realizada nos dias 25 e 26 de junho de 2001, na PUC, São Paulo, jun. 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE - Referências ao movimento Pan- Americano

Mantivemos o formato de apresentação de referência original, conforme localizado no *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)* (FERREIRA NETO et al., 2000).

Revista Educação Physica

ATA da reunião preparatória do primeiro congresso pan-americano de educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 57, p. 63-64, ago. 1941.

LOYOLA, Hollanda. Panamericanismo. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 11, jun 1942.

JOGOS olímpicos panamericanos. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 35, jun. 1942.

LOYOLA, Hollanda. Primeiro congresso panamericano de educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 71, p. 11, dez. 1942.

PARA o primeiro congresso panamericano de educação física: reúnem-se os professores de educação física da Argentina. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 55, jan./fev. 1943.

PRIMEIRO congresso panamericano de educação física: o que foi a realização desse grande certame no Rio de Janeiro - a instalação do congresso – regimento das sessões, programa de atividades e constituição das comissões – o segundo congresso no México. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 75, p. 41-43, jul./ago. 1943.

O II CONGRESSO panamericano de educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 82, p. 5, ago. 1944.

Revista de Educação Física (EEFE)

PRIMEIROS jogos esportivos panamericanos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 50, p. 23, dez. 1941.

Boletim de Educação Física

ACTA de la reunión preparatória del primer congreso panamericano de educación física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 51-54, set. 1941.

RENAULT, Abgar. Primeiro congresso panamericano de educação física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 6, p. 39-44, abr. 1943.

CONCLUSÕES finais do I congresso panamericano de educação física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 7, p. 7-13, ago.1943.

REGULAMENTAÇÃO da “gimnasiada” pan-americana. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 13, p. 51-53, jul. 1955.

Revista Brasileira de Educação Física

O QUE foi o I congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 18-32, jan. 1944.

MOÇÃO de panamericanismo votada no primeiro congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, [s. p.], fev. 1944.

O PRIMEIRO congresso panamericano de educação física apreciado no Uruguai. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 8-22, fev. 1944.

O PRIMEIRO congresso panamericano de educação física apreciado no Chile. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 42, fev. 1944.

AINDA o primeiro congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 27, ago. 1944.

O II CONGRESSO panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 37, ago. 1944.

II CONGRESSO panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 36, set. 1944.

O SEGUNDO congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 5-6, nov. 1944.

O ANTE-PROJETO de regulamento e temário para o II congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 33-37, fev. 1945.

O II CONGRESSO panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, p. 1, mar. 1946.

O II CONGRESSO panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, p. 22-24, maio/jun. 1946.

MARINHO, Inezil Penna. O II congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 30, p. 3, set. 1946.

REGULAMENTO do 2º congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 30, p. 22-27, set. 1946.

MARINHO, Inezil Penna. Educação física e panamericanismo. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 43, p. 5, out. 1947.

O CONSELHO diretivo do instituto panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 43, p. 32-33, out. 1947.

MARINHO, Inezil Penna. Considerações sobre um plano panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 47, p. 32-33, fev. 1948.

MARINHO, Inezil Penna. O III congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 48, p. 5, mar. 1948.

EL URUGUAI, organizara el III congresso panamericano de educación física en octubre en la cidade de Montevideo. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 72, p. 27, mar. 1950.

TEMARIO del III congresso panamericano de educación física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 74, p. 23, maio 1950.

MARINHO, Inezil Penna. Os congressos panamericanos de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 3, ago./set. 1950.

FRANZINE, Luiz. El uruguay organiza el III congresso paramericano educación física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 9, ago./set. 1950.

O COMITE organizador do III congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 11, ago./set. 1950.

REGLAMENTO del tecer congresso panamericano de educación física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 12-14, ago./set. 1950.

REGULAMENTO interno del III congresso panamericano de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 15, ago./set. 1950.

TEMARIO del congresso panamericano de educación física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 16-17, ago./set. 1950.

III CONGRESO panamericano de educación física. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 18, ago./set. 1950.

SEGUNDO exposición panamericana de educación física y primer salon de arte esportiva. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 19, ago./set. 1950.

AS CONCLUSÕES do primeiro congresso panamericano de educación física – Rio de Janeiro – 1943. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77-78, p. 20-21, ago./set. 1950.

Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos

ARENO, Waldemar. II Congresso panamericano de educação física realizado no México em outubro de 1946. **Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos**, Rio de Janeiro, ano III, n. 3, p. 5-25, jun. 1947.

ANEXO

ANEXO – Anúncio do Colégio Batista (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, n.1, p. 4).

COLÉGIO BATISTA

Considerado sob inspeção preliminar oficial

O fim visado por esta instituição se resume na triplice cultura: moral, intelectual e física.

Corpo Docente criteriosamente escolhido e de reconhecida competência.

<p style="text-align: center;">Departamento Mixto</p> <p style="text-align: center;">Internato, Semi-internato e Externato</p> <p style="text-align: center;">Rua José Higino, 350 - Tijuca</p> <p style="text-align: center;">Telef. 8 - 6950</p> <p>Neste Departamento funcionam as aulas dos Cursos Elementar e Ginásial Oficial.</p>	<p style="text-align: center;">Departamento Feminino</p> <p style="text-align: center;">Internato, Semi-internato e Externato</p> <p style="text-align: center;">Rua Conde de Bomfim, 743-Tijuca</p> <p style="text-align: center;">Telef. 8 - 0508</p> <p>Aceitam-se alunas para os Cursos Elementar, Ginásial Oficial e de Madureza.</p>
--	--

As aulas de Educação Física são ministradas por um instrutor técnico competente, de acordo com as necessidades de cada aluno, reveladas por um exame de sanidade feito no próprio Colégio.

As matrículas para o Curso Elementar se acham abertas desde já e as aulas serão iniciadas em Fevereiro.

As matrículas do Curso Ginásial se encerrarão no dia 15 de Março.